FEVEREIRO

BIZZ

EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

ENTREVISTA EXCLUSIVA

PET SHOP BOYS

DOS ESTÚDIOS AOS ESTÁBULOS

UM PAGODEIRO CHAMADO

DAVID BYRNE

EURYTHMICS

A FICHA COMPLETA

KRAFTWERK

A HISTÓRIA

SEPULTURA

EM LONDRES

NICK CAVE ◆ YOUNG GODS ◆ LOBÃO ◆ BARÃO VERMELHO ◆ NAPALM DEATH

PÂNICO NA MULTIDÃO

SAIU O NOVO LP

RAMONES

BRAIN DRAIN

EM LP e CASSETE

EMI

Você tem a chance de uma grande performance.

Nós temos a obrigação.

Le son ®

PROFESSIONAL MICROPHONES

LE SON e SM-58PLUS são marcas registradas de Le son - Laboratório de Engenharia Sônica S.A.

SM-58 PLUS

BRUCE DISPENSA SUA BANDA

Bruce Springsteen resolveu dispensar a **E Street Band**, com quem vinha trabalhando há dezesseis anos. A informação foi divulgada por um porta-voz do cantor, em entrevista à revista norte-americana *Newsweek*. Segundo ele, Bruce teria tido longas conversas com cada um dos membros da banda, explicando que não sabia quando voltaria a gravar, nem quem escolheria para o acompanhar. O cantor foi visto recentemente em estúdio gravando uma cover para "Gulf Coast Highway", de Nanci Griffith, ao lado da backing vocal e esposa, Patti Scialfa — que prepara para breve seu primeiro disco solo. Uma de suas últimas aparições ao lado da E Street Band foi no final de setembro, quando comemorava seu quadragésimo aniversário com um show num bar de Nova Jersey.

FORÇA BRUTA

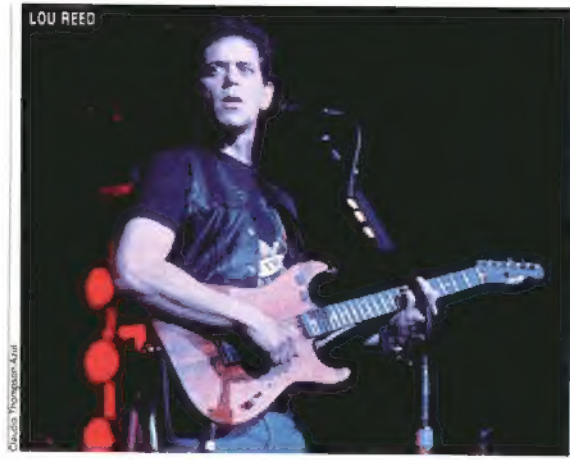
No final de novembro um acontecimento lamentável abalou todos os rappers deste país. **Marcelo Domingos de Jesus**, DJ do grupo Rap Magic, foi covardemente assassinado por um policial quando voltava para casa de metrô, em São Paulo. Seu crime: cantar e batucar no mesmo vagão de trem em que estava o policial Fernando Simião — que chegou a alegar legítima defesa. As gangues de rappers presentes ao enterro de MC Rap B (seu nome artístico) encaminharam um abaixo-assinado à Secretaria de Segurança Pública do Estado. Segundo Fábio Vianna, amigo de Marcelo, a intenção é "acabar com as atrocidades que os policiais praticam na cidade".

JOGO LIMPO

Alice Cooper decidiu acabar com a sujeira nas ruas de Londres. Quem quisesse comprar um ingresso para assistir aos seus últimos shows naquela cidade seria obrigado a trazer um saco de lixo — imediatamente recolhido pelo caminhão de Alice. "Tire o lixo das ruas e coloque no seu *stereo*", aconselha Alice, cujo último LP leva o título de *Trash*.

TRACY VETADA

Tracy Chapman teve duas faixas de seu mais recente LP, *Crossroads*, vetadas para execução nas estações de rádio e TV da África do Sul. A decisão da South African Broadcasting Corporation — a rede de comunicação do país, controlada pelo governo — atinge as faixas "Freedom Now" — um manifesto pela libertação do líder negro Nelson Mandela — e "Material Word". É a segunda vez que Tracy enfrenta a censura sul-africana: no LP de estréia, haviam sido vetadas "Talkin'Bout a Revolution", "Behind The Wall" e "Across The Lines". A proibição, porém, não afeta a comercialização dos dois LPs da cantora, disponíveis naquele país.



UNIDOS CONTRA A AIDS

Lou Reed, **David Byrne**, **Fine Young Cannibals** e **Neneh Cherry** são alguns dos artistas que irão à TV inglesa falar sobre Aids. Eles participam de um projeto que visa educar o público sobre a doença através de um especial de TV que se transformará em vídeo e em disco. O especial girará em torno de regravações de músicas de **Cole Porter**, numa homenagem aos cem anos do nascimento do compositor.

Nos Estados Unidos, outra movimentação em torno da Aids acontece no dia 17 de março, com a realização de um concerto beneficente. O show — que também comemora o décimo quinto aniversário do selo Arista — contará com as participações de **Eurythmics**, **Hall and Oates**, **Whitney Houston** e **Jeff Healey Band**, entre outros. O objetivo é arrecadar fundos para a Gay Men's Health Crisis, além de outras organizações ligadas ao combate da doença no país.

PAUL NO BRASIL?!?

Paul McCartney deve mesmo vir ao Brasil ainda este ano. A informação foi confirmada pelo próprio ex-beatle, em entrevista coletiva realizada em Los Angeles. Os shows brasileiros acontecem provavelmente em meados do ano, encerrando a turnê mundial.

Durante a coletiva, Paul falou ainda sobre a possibilidade dos ex-Beatles voltarem a trabalhar juntos, depois do acordo que pôs fim a uma disputa judicial de dez anos envolvendo direitos autorais. Segundo Paul, o primeiro projeto conjunto seria a composição da trilha sonora para *The Long and Winding Road* — um documentário reunindo material inédito sobre os Beatles, recolhido por Paul ao longo dos anos. "E daí, quem sabe, possamos nos reacostumar a tocar juntos. Eu nunca compus com George Harrison!"

BIBLIOTECA

U2 — *The Early Days* é o nome do livro que narra a trajetória da banda até a assinatura do contrato com a Island. O autor é Bill Graham ⊗ Tony Fletcher é o autor de *Remarks — The Story of R.E.M.* ⊗ A história da música pop é o tema de *From Blues to Rock*, de David Hatch e Stephen Millward ⊗ O livro *Chico Buarque — Letra e Música* traz todas as letras do compositor, acompanhadas por uma biografia e cinqüenta partituras.

DEZENOVE MINUTOS DE AMOR

Prince volta a provocar polêmica nos Estados Unidos com o lançamento de seu mais recente single, "Sex Scandalous Suite". No compacto — que tem dezenove minutos de duração!!! — Prince troca insinuações eróticas com **Kim Basinger**, sugerindo a simulação de um ato sexual. "Sex..." — que teve a participação de Kim na produção e na letra — traz uma etiqueta para espantar os desavisados: "Toque, se tiver coragem".

No momento, Prince prepara mais uma turnê mundial, com início previsto para abril. O show, segundo o empresário Albert Magnoli, incluirá os hits preferidos pelo cantor e pelo público, além de faixas de *Batman*, o lançamento mais recente. Na banda, as novidades serão as presenças do baterista **Michael Bland** e da saxofonista **Candy Dulfer**.

BOY GEORGE

POUCAS & BOAS

O **Culture Club** voltou a se reunir e prepara para breve um novo LP. **Boy George** decidiu encerrar sua carreira solo depois de uma curta experiência como vocalista do **Jesus Loves You** ⊗ **Roland Gift** estréia no teatro neste início de ano. O vocalista dos **Fine Young Cannibals** interpreta o papel principal masculino em uma nova versão de *Romeu e Julieta* ⊗ Outro que realizou a passagem do vinil para o teatro foi **Ian Dury**, que teve vários hits na Inglaterra no final dos anos 70. Dury dirige e atua em *Apples*, musical escrito em parceria com Mickey Gallagher ⊗ O guitarrista **Jander "Ameba" Bilaphra** está deixando a **Plebe Rude**. Com sua saída, a banda de Brasília fica reduzida a um trio, com Philipe nos vocais, André X no baixo e Gutje na bateria.

VINIL FRESCO

"Smoke on the Water", o velho hit do **Deep Purple**, acaba de ganhar uma nova gravação, reunindo algumas das maiores estrelas do metal. Participam do projeto, entre outros, os guitarristas **Slash** (Guns N'Roses), **Adrian Smith** (Iron Maiden) e **Yngwie Malmsteen** — além de dois de seus criadores, **Ritchie Blackmore** e **Ian Gillan** (vocais). A gravação estará no LP do mesmo nome, cujas vendas serão revertidas para as vítimas do terremoto da Armênia, ocorrido no início do ano passado ⊗ O **Whitesnake** quebra um silêncio de dois anos com o LP *Slip of the Tongue* ⊗ *Rock Island* é o nome do novo LP do **Jethro Tull** ⊗ O ex-Communard **Jimmy Somerville** inaugura sua carreira solo com o álbum *Read My Lips* ⊗ O baterista **Grant Hart** (ex-Hüsker Dü) está lançando seu primeiro disco solo, chamado *Intolerance* ⊗ *Welcome to the Beautiful South* é o primeiro LP do novo grupo dos ex-Housemartins **Paul Heaton** e **Dave Heminway** ⊗ O **UB 40** lançou, pela segunda vez, um disco com covers dos clássicos de reggae. Chama-se *Labour of Love II*.

IAN GILLAN (DEEP PURPLE)

OUÇA ESSA

"Um dos Tears for Fears tenta ser o Paul e o outro, o John. Como devo chamar isso? Homenagem?"
Paul McCartney

FEVEREIRO NO ROCK

2/02/79 — Sid Vicious (Sex Pistols) morre em consequência de uma overdose de heroína
3/02/59 — Morrem, no mesmo acidente de avião, Buddy Holly, Ritchie Valens e Big Bopper
9/02/64 — Os Beatles fazem sua primeira apresentação no *Ed Sullivan Show*, programa de TV que os projetará nos EUA
9/02/81 — Morre Bill Haley, um pioneiro do rock'n'roll
16/02/82 — O Police faz a primeira de suas duas únicas apresentações no Brasil, tocando no Maracanãzinho (RJ)
19/02/80 — Morre o vocalista do AC/DC, Bon Scott
28/02/73 — James Brown inicia sua primeira turnê brasileira

NAS TELAS

Deborah Harry é uma dona de casa que mantém um garoto como prisioneiro em *Tales from the Dark Side* ⊗ **Nick Rhodes** (Duran Duran) foi convidado para interpretar Andy Warhol num seriado para a TV americana ⊗ **Madonna** e **Liza Minelli** fazem ponta no filme *Mighty Real*, dirigido por Sandra Bernhard ⊗ A Walt Disney planeja uma refilmagem de *Mamãe Canso*, que teria nos principais papéis **Paul Simon**, **Bobby Brown**, **Cyndi Lauper** e **Little Richard** ⊗ **John Lydon** será o DJ Angry Bob em *Hardware*, de Richard Stanley. Detalhe: apenas a voz do personagem aparece no filme ⊗ **Roger Daltrey** (Who) faz o papel principal em *Father Jim*, de Terry Green.

DEBORAH HARRY

OS DONOS DA LAMBADA

Chegou ao fim a batalha pelos direitos autorais da música "Lambada" que colocou o grupo **Kaoma** em primeiro lugar nas paradas de cinco países europeus em meados do ano passado. Os empresários franceses Olivier Lorsac e Jean Karakos — responsáveis pelo lançamento — decidiram entrar em acordo com os verdadeiros autores da música, **Ulisses** e **Gonzalo Hermosa**, do grupo boliviano Kjarkas, receberão metade dos direitos autorais arrecadados com o compacto e com o LP do mesmo nome.

A VOZ DO POVO

O jornal carioca *Tribuna da Imprensa* divulgou no final do ano passado uma pesquisa do Ibope com os artistas preferidos pelo grande público. Aqui está o resultado dessa pesquisa na categoria "Conjuntos de Rock" (36% dos entrevistados não opinaram):

1. **Titãs** 21,1% (RJ) — 13,5% (SP) — 26,2% (-)
2. **Paralamas** 5,8% (RJ) — 10,9% (SP) — 2,4% (-)
3. **Legião Urbana** 5,5% (RJ) — 8,3% (SP) — 3,6% (-)
4. **Roupa Nova** 4,2% (RJ) — 5,8% (SP) — 3,1% (-)
5. **RPM** 4,2% (RJ) — 1,5% (SP) — 6% (-)
6. **Inimigos do Rei** 3,6% (RJ) — 3,7% (SP) — 3,5% (-)
7. **Dominó** 3,5% (RJ) — 2,1% (SP) — 4,4% (-)
8. **Nenhum de Nós** 2,4% (RJ) — 3,4% (SP) — 1,7% (-)
9. **Barão Vermelho** 2,2% (RJ) — 2,1% (SP) — 2,3% (-)
10. **Polegar** 2,2% (RJ) — 1,3% (SP) — 2,8% (-)

VINIL FRESCO II

Amsterdam é o nome do novo EP dos **Simple Minds**, que inclui uma cover para "Sign O'The Times", de **Prince** (??) ⊗ A parceria entre **Barney Sumner** (New Order), **Johnny Marr** (ex-Smiths), **Neil Tennant** e **Chris Lowe** (Pet Shop Boys) acaba de ganhar seu primeiro registro no vinil (ver matéria com os PSB nesta edição). "Getting Away with It" é o compacto de estréia da mutante formação, que adotou o nome de *Electronic* ⊗ A vocalista **Cat**, que trabalhou com **Prince** em *Sign O'The Times* e *Lovesexy*, acaba de lançar seu primeiro trabalho solo, "Cat Woman" tem produção de **Tim Simenon**, do Bomb The Bass ⊗ **Bobby Brown**, um dos campeões de vendagem de 89, está lançando um LP com remixes de seus hits. Chama-se *Dance...Ya Know It* ⊗ **Zeke Manyka**, ex-baterista do Orange Juice, acaba de lançar *Masterstroke*, resultado de dois anos de pesquisas na África ⊗ **Titãs**, **Paralamas do Sucesso**, **Rita Lee** e **Hermeto Pascoal** participam de um LP em homenagem ao sambista **Adoniran Barbosa** que deverá sair ainda este mês.

SIMPLE MINDS

OS ANOS 80 NA *MUSICIAN*

A revista norte-americana *Musician* publicou, no final do ano passado, uma edição especial contendo uma análise minuciosa da evolução da música pop na última década. Descrevendo os 80 como a "Era do Excesso" — quando a ambição virou moda e o glamour se tornou onipresente —, a publicação parte para uma descrição dos movimentos do pop ano a ano. Aqui, um resumo dessa análise, com os principais acontecimentos musicais que marcaram a década.

1980 É um ano extraordinariamente trágico para a música pop, com as mortes de Ian Curtis, John Bonham e John Lennon. As portas da década são abertas pelo Clash, que conquista, a partir do lançamento de *London Calling*, um culto fiel na Inglaterra e nos Estados Unidos. Nesse mesmo ano, Kurtis Blow lança um dos primeiros hits de um estilo que começa a ser chamado de rap. Enquanto isso, o pop negro e a world music causam grande impacto com lançamentos como os de *Dirty Mind*, do Prince, e *Remain in Light*, dos Talking Heads.

1981 No dia 11 de maio, Bob Marley morre de câncer, encerrando uma era de renascimento na música jamaicana. O espírito do reggae inspira o movimento *two tone*, uma mistura de raças e estilos (rock/ska/reggae) realizada por bandas como Specials, Selecter e Madness. No ano da estréia da MTV, o Van Halen ocupa o trono do metal deixado vago pelo Led Zeppelin. Enquanto isso, as rádios tocam o pop inofensivo de Air Supply, Rick Springfield...

1982 É o ano que marca o fim das AOR — "Album Orientated Radios", que limitavam sua programação a algumas faixas de discos de grupos de sucesso, privilegiando velhas fórmulas pop e fechando o caminho para a black music. Daí para frente, os conceitos de ritmo e estilo da música negra definirão o som da década. O grande responsável é Michael Jackson, com o lançamento de *Thriller* — "o disco da década", o LP mais vendido de todos os tempos. A força do rap fica ainda mais clara com o sucesso de "The Message", de Grandmaster Flash & The Furious Five. Marvin Gaye retorna em *Midnight Love*, com o hino "Sexual Healing" estabelecendo sua primazia como autor de baladas e símbolo romântico.

1983 *Serious Moonlight* e *Synchronicity* são as duas primeiras megaturnês da década. David Bowie e Police — o grupo mais popular do momento — levam seus shows para os estádios, deixando para trás os pequenos espaços. O rock importa estilos musicais pelas mãos de King Sunny Adé e Fela Kuti. Michael Jackson investe no vídeo, lançando a tríade "Beat It"/"Billie Jean"/"Thriller". A música britânica faz sucesso na América com Duran Duran, Culture Club e Eurythmics. E o U2 começa a fazer sucesso nos Estados Unidos, a partir do lançamento de *War*.

1984 É um ano de grandes compactos: "Jump", do Van Halen, "Time After Time", de Cyndi Lauper, "Middle of the Road", dos Pretenders, e "Drive", com os Cars, entre outros. "Dancing in the Dark" chama a atenção do grande público para Bruce Springsteen. O verão de 84 se transforma numa batalha entre as bandas de Bruce e Prince, com seus respectivos "hinos": "Born in the USA" e "Purple Rain". Ainda nesse ano, o U2 lança "Pride" e inicia a turnê mundial que o conduzirá ao estrelato — além de participar do compacto beneficente "Do They Know It's Christmas", que impulsionou uma nova tendência beneficente na música pop.

1985 O lançamento de *Brothers in Arms* mostra que os Dire Straits podem concorrer com o sucesso de Springsteen. Em julho, todo o rock dos anos 80 se reúne para o *Live Aid*, o grande show de caridade idealizado por Bob Geldof. Sua maior importância, porém, está em reconciliar artistas novos e antigos, mostrando que a maioria das rivalidades surgidas a partir da explosão do movimento punk já estava superada.

1986 Dois pop stars, ambos interessados em culturas de outros países, alcançam sucesso de crítica e público — um acontecimento raro na pop music. Com *Graceland*, Paul Simon abre os ouvidos dos Estados Unidos para a música africana. O terceiro mundo também comparece em *So*, o maior sucesso comercial de Peter Gabriel — puxado pelo compacto e o clip de "Sledgehammer". É a prova de que, nos últimos anos da década, "as fronteiras só existem em nossas cabeças". Outro hit do ano é *Raising Hell*, do Run D.M.C., auxiliado pelo single "Walk This Way" — que prova que o rap pode se associar a outros estilos (no caso, o heavy) e atingir o grande público.

1987 Para o U2, o grande estouro de 87 é, acima de tudo, "o triunfo de um trabalho duro, aliado à circunstância". Eles haviam passado a década construindo um culto fiel, e a última turnê havia gerado um entusiasmo capaz de colocá-los às portas do megaestrelato. Nesse ano, Bon Jovi e Poison definem uma nova linhagem para o pop metal — que encontra seu espaço no mercado, ao lado do hip hop, com os hits de Eric B. & Rakim e L.L. Cool J, entre outros.

1988 Durante várias décadas o rock'n'roll foi um clube masculino, fechado à contribuição das mulheres. Houve momentos em 88 que parecia ser o contrário. O sucesso de Suzanne Vega no ano anterior havia aberto caminho para as estréias no vinil de Sinéad O'Connor, Michelle Shocked e Tracy Chapman — a entrada mais dramática, com vendas superiores a dois milhões de cópias. Numa década definida por levas dançantes, Chapman traz canções de cunho político cantadas com sinceridade e acompanhadas por pouco mais que um violão. O ano testemunha o ressurgimento do metal em grande escala, e o Guns N'Roses ocupa o posto de banda mais popular e polêmica. Com suas narrativas da vida nas ruas, o Guns N'Roses fala aos garotos brancos da mesma forma que o Public Enemy se comunica com os garotos negros destituídos.

1989 A idéia de que a black music é o mainstream nos Estados Unidos é impulsionada pelo sucesso enorme de Bobby Brown. Enquanto isso, o triunfo do Living Colour sugere que as barreiras raciais do rock estão mesmo desabando. Prince conquista uma vitória com o lançamento de *Batman*, um de seus discos mais fracos — e seu maior sucesso. O caos urbano serve de tema para dois grandes discos: *New York*, de Lou Reed, e *Freedom*, de Neil Young. "Sem dúvida, os anos 80 haviam chegado ao fim: surrados, baleados e em farrapos."

CFS-210S

O RESTO FICOU QUADRADO.

O Compact Slim Design do CFS-210S da Sony é a última tendência internacional em rádio-gravadores.
É leve, moderno, fácil de carregar.
O design arredondado do CFS-210S tem um visual jovem, descontraído e esportivo. É um som à altura de muito equipamento maior que ele. Dentro ou fora de casa.
Tem 15 Watts (PMPO) de potência de saída, 4 faixas de onda (AM, FM, SW1 e SW2), microfone embutido e excelente nível de reprodução das gravações.
CFS-210S. A nova forma do som.

SONY

Sony é a Associados

Abasteça-se aqui.

KISSY É O IOGURTE DE BEBER COM LACTOBACILOS VIVOS PARA QUEM NÃO GOSTA DE RACIONAR ENERGIA. GENTE JOVEM E ALEGRE QUE FAZ QUESTÃO DE VIVER CADA MOMENTO COM MUITO PIQUE E SAÚDE.

kissy:a bebida que move a juventude.

batavo
Sempre gostoso e fresquinho

Foto da capa: LFI

Introspective, o último álbum dos **Pet Shop Boys**, colocou a dupla inglesa num patamar de vendas surpreendente no Brasil. Enquanto o disco acumulava 600 mil cópias vendidas apenas aqui, ao longo de 89, Neil Tennant e Chris Lowe passavam o ano mergulhados em outros projetos: sua primeira turnê, ainda que limitada a Hong Kong, Tóquio e Londres, produção e composição para Liza Minelli e participação num dos lançamentos mais aguardados de 1990, o álbum da dupla Bernard Sumner e Johnny Marr. Nos escritórios da EMI em Londres, os dois *boys* da "loja de animais de estimação" receberam **Anamaria G. de Lemos** para recapitular estes últimos doze meses de trabalho. O resultado está na pág. 20.

Jean Vong/Logos

O pop dos dois últimos decênios não seria o mesmo sem o **Kraftwerk**, o mais importante grupo do "kraut rock" (nome dado pelos ingleses ao rock alemão nos anos 70). **Arthur G. Couto Duarte** relata a história completa da "Usina de Força". A Parte I começa na pág. 42.

A partir da turnê do **Sepultura** pela Europa e pelos EUA, o Brasil passa a incluir o thrash metal entre seus ritmos de exportação (embora David Byrne ainda não o tenha descoberto). **Anamaria G. de Lemos** conversou com os mineiros antes e depois de seu show em Londres. Na pág. 26.

Amabis Sens/Azul

ÍNDICE

4 SHOWBIZZ

14 PARADA

16 DAVID BYRNE
por *José Emilio Rondeau*

30 BARÃO VERMELHO
por *Celso Masson*

34 NICK CAVE
por *Bia Abramo*

38 EURYTHMICS
por *Bia Abramo*

47 DANCE MUSIC
por *José Roberto Mahr*

48 CONEXÃO BRASIL

50 AO VIVO
Titãs, Ian McCulloch, Lobão, Edgard Scandurra

59 DISCOS
Young Gods, David Byrne, Paralamas, Stones

70 LETRAS
"Proud to Fall", Ian McCulloch

72 CARTAS

74 DISCOTECA BÁSICA
Malpractice, Dr. Feelgood

O SOM QUE TOCA VOCÊ.

O melhor conjunto do momento está pronto para tocar mais alto a sua emoção. Stereo System PRDT-300D Philco-Hitachi. Tudo o que você sempre quis ouvir em matéria de som num equipamento muito bem afinado. Escolha algumas músicas gostosas e convide aquela pessoa que você está a fim para ouvir "lá em casa". Pode apostar que ela vai te dar ouvidos. PRDT-300D. 150 watts de potência. Toca-discos belt-drive com retorno automático. Equalizador gráfico.

Duplo cassette com mecanismo auto-stop e seletor de fitas metal e cromo. Karaoke. Entrada especial para Digi-Laser* (toca-discos digital), TV e videocassette. Rack especial com prateleira regulável e muito mais.

* Digi-Laser PDA-6000 opcional.

PHILCO-HITACHI

TODA EMOÇÃO DO MUNDO EM SUAS MÃOS.

PARADA

RENATO RUSSO (LEGIÃO URBANA)

CONVENÇÕES:
(R) Indica retorno à Parada
(N) Indica novidade na Parada
( ) Indica a posição na Parada anterior

Leitor! Sua participação é importante para a Parada BIZZ. Escreva para "BIZZ — Parada do Leitor", Caixa Postal 60081, CEP 05069, São Paulo — SP, dizendo quais os discos que você comprou este mês. Acrescente seu nome, endereço e telefone, para que possamos voltar a consultá-lo.

LEITORES

1. *As Quatro Estações* (N) — **Legião Urbana** — EMI-Odeon
2. *O Blésq Blom* (5) — **Titãs** — WEA
3. *Technique* (4) — **New Order** — WEA
4. *A Night to Remember* (1) — **Cyndi Lauper** — CBS
5. *Information Society* (6) — **Information Society** — Stiletto
6. *A Panela do Diabo* (N) — **Raul Seixas e Marcelo Nova** — WEA
7. *Move to Move* (N) — **Kon Kan** — WEA
8. *Original Soundtrack* (R) — **S'Express** — Stiletto
9. *Crackers International* (N) — **Erasure** — WEA
10. *Tin Machine* (15) — **Tin Machine** — EMI-Odeon
11. *GN'R Lies* (2) — **Guns N' Roses** — WEA
12. *Steel Wheels* (8) — **Rolling Stones** — CBS
13. *Ao Vivo* (N) — **Barão Vermelho** — WEA
14. *Kid* (9) — **Kid Abelha** — WEA
15. *A New Flame* (R) — **Simply Red** — WEA
16. *The Seeds of Love* (N) — **Tears for Fears** — PolyGram
17. *Life's Too Good* (17) — **Sugarcubes** — WEA
18. *Disintegration* (3) — **The Cure** — PolyGram
19. *Introspective* (19) — **Pet Shop Boys** — EMI-Odeon
20. *Repeat Offender* (N) — **Richard Marx** — EMI-Odeon

EMI Odeon

Lojas consultadas: **Cambio Negro** e **Cogumelo Discos** (Belo Horizonte), **Modern Sound** (Rio de Janeiro), **Baratos Afins**, **Musical Box** e **Yabba Dabba Doo** (São Paulo)

LOJAS

1. *O Blésq Blom* (1) — **Titãs** — WEA
2. *As Quatro Estações* (2) — **Legião Urbana** — EMI-Odeon
3. *Djavan* (N) — **Djavan** — CBS
4. *Próxima Parada* (4) — **Marina** — PolyGram
5. *Lóki?* (N) — **Arnaldo Baptista** — PolyGram/Baratos Afins
6. *The Seeds of Love* (11) — **Tears for Fears** — PolyGram
7. *Crackers International* (13) — **Erasure** — WEA
8. *...And Justice for All* (3) — **Metallica** — PolyGram
9. *Sanguinho Novo* (5) — **Vários** — Eldorado
10. *We Too Are One* (19) — **Eurythmics** — BMG-Ariola
11. *Life's Too Good* (R) — **Sugarcubes** — WEA
12. *Brasil* (7) — **Ratos de Porão** — Eldorado
13. *The Sensual World* (N) — **Kate Bush** — EMI-Odeon
14. *Dosa* (N) — **Pet Shop Boys** — EMI-Odeon
15. *Waltz Darling* (R) — **Malcolm McLaren** — CBS
16. *Seasons End* (N) — **Marillion** — EMI-Odeon
17. *What's That Noise?* (R) — **Coldcut** — Stiletto
18. *Watermark* (N) — **Enya** — WEA
19. *Big Bang* (N) — **Os Paralamas do Sucesso** — EMI-Odeon
20. *Batman* (8) — **Prince** — WEA

LPs (EUA)

1 (1) *Rhythm Nation 1814* — **Janet Jackson** (A&M)
2 (2) *Girl You Know It's True* — **Milli Vanilli** (Arista)
3 (3) *Steel Wheels* — **Rolling Stones** (Columbia)
4 (5) *Pump* — **Aerosmith** (Geffen)
5 (8) *Crossroads* — **Tracy Chapman** (Elektra)
6 (6) *Forever Your Girl* — **Paula Abdul** (Virgin)
7 (4) *Dr. Feelgood* — **Mötley Crüe** (Elektra)
8 (N) *Storm Front* — **Billy Joel** (Columbia)
9 (7) *The Seeds of Love* — **Tears for Fears** (Fontana)
10 (9) *Hangin' Tough* — **New Kids on the Block** (Columbia)

LPs (GB)

1 (N) *The Road to Hell* — **Chris Rea** (Magnet)
2 (N) *Holdin Back the River* — **Wet Wet Wet** (Precious Org.)
3 (5) *Wild!* — **Erasure** (Mute)
4 (1) *Enjoy Yourself* — **Kylie Minogue** (PWL)
5 (N) *Journeyman* — **Eric Clapton** (Duck)
6 (N) *Runaway Horses* — **Belinda Carlisle** (Virgin)
7 (N) *Level Best* — **Level 42** (Polydor)
8 (N) *Greatest Hits* — **Billy Ocean** (Jive)
9 (N) *The Best of...* — **Luther Vandross** (Epic)
10 (N) *The Right Stuff Remix '89* — **Vários** (Stylus)

LPs Independentes (GB)

1 (N) **Mudhoney** (Glitterhouse)
2 (8) *Scar* — **Lush** (4AD)
3 (1) *Here Today, Tomorrow...* — **Sugarcubes** (One Little Ind.)
4 (N) *Friendly As a Hand Grenade* — **Tackhead** (World)
5 (N) *Why Should...* — **The Colourblind James** (Cooking V.)
6 (2) *Quadrastate* — **808 State** (Creed)
7 (N) *3 Feet High...* — **De La Soul** (Big Life)
8 (3) **The Stone Roses** (Silverstone)
9 (N) *Tell 'Em We're Surfing* — **The Family Cat** (Bad Girl)
10 (N) *Nothing Short I Stand Up* — **Vários** (Blast First)

Compactos (EUA)

1 (4) "When I See You Smile" — **Bad English** (Epic)
2 (10) "Blame It on the Rain" — **Milli Vanilli** (Arista)
3 (5) "The Way That You Love Me" — **Paula Abdul** (Virgin)
4 (9) "Love Shack" — **B-52's** (Reprise)
5 (1) "Listen to Your Heart" — **Roxette** (EMI)
6 (N) "Angelia" — **Richard Marx** (EMI)
7 (N) "We Didn't Start the Fire" — **Billy Joel** (Columbia)
8 (3) "The Seeds of Love" — **Tears for Fears** (PolyGram)
9 (2) "Cover Girl" — **New Kids on the Block** (Columbia)
10 (N) "Poison" — **Alice Cooper** (Epic)

Compactos (GB)

1 (N) "All Around the World" — **Lisa Stanfield** (Arista)
2 (2) "That's What I Like" — **Jive Bunny** (Music Factory)
3 (3) "Girl I'm Gonna Miss You" — **Milli Vanilli** (Cooltempo)
4 (N) "Never Too Late" — **Kylie Minogue** (PWL)
5 (N) "Grand Piano" — **The Mixmaster** (BCM)
6 (N) "Another Day in Paradise" — **Phil Collins** (Virgin)
7 (4) "Street Tuff" — **Rebel MC & Double Trouble** (Desire)
8 (N) "I Feel the Earth Move" — **Martika** (CBS)
9 (N) "Don't Know Much" — **L. Ronstadt & A. Neville** (Elektra)
10 (N) "Never Too Much" — **Luther Vandross** (Epic)

Compactos Independentes (GB)

1 (N) "Widowmaker" — **Butthole Surfers** (Blast First)
2 (4) "Eye Know" — **De La Soul** (Big Life)
3 (1) "Street Tuff" — **Double Trouble & Rebel MC** (Desire)
4 (3) "WFL" — **The Happy Mondays** (Factory)
5 (N) "Move" — **Inspiral Carpets** (Cow)
6 (N) "Grand Piano" — **Mixmaster** (Mixmaster)
7 (N) "The Gift" — **Mudhoney** (Glitterhouse)
8 (N) "Awkward Kid" — **Mega City 4** (Decoy)
9 (N) "Never Too Late" — **Kylie Minogue** (PWL)
10 (N) "Once a Perfect" — **King of the Slums** (Midnight)

Fontes: *Billboard* e *Cash Box* (EUA), *Melody Maker* e *New Musical Express* (GB), de 02 a 09/12/89. Para a Parada dos Leitores foram consideradas as cartas recebidas até 22/12/89.

SAMBA DO BRANQUELA DOIDO

DAVID BYRNE mete a mão na coroa do rei do carnaval e volta a atacar de "latino"

A platéia que lota o Pantages Theatre, em Los Angeles, não sabe muito bem o que está acontecendo. Que diacho está fazendo David Byrne cercado no palco de maracas, violinos, tumbadoras e surdos? Que repertório é este, repleto de inflexões latinas tão próximas da tradição da cidade, mas tão desconhecidas para o fã-padrão dos Talking Heads? Como se dança este tipo de música? Em que língua está cantando esta negra de voz potente? E por que David Byrne se recusa a tocar canções do repertório dos Talking Heads exceto "Mr. Jones" e "Papa Legba"?

A surpresa dos angelenos é compreensível: o que David Byrne está apresentando em sua primeira turnê solo é a interpretação de um vasto compêndio de dialetos musicais que ele admira e com os quais se identifica, por uma razão ou outra: os ritmos latinos de Cuba, Venezuela, Moçambique, Brasil.

São merengues, sambas, charangas, cumbias e boleros aos quais o americano médio não está acostumado. Daí a relutância em aceitá-los ou, no mínimo, a hesitação em dançá-los.

Esta paixão rendeu duas compilações — *Beleza Tropical* (88) e *O Samba* (89) — e uma coleção de composições originais dentro da linguagem musical afro-latina, *Rei Momo*, da qual participam algumas das inspirações de Byrne, como Célia Cruz, Willie Colon e Johnny Pacheco.

Se *Rei Momo* torna-se ocasionalmente acadêmico demais é porque mesmo para Byrne os caminhos da música latina ainda são novos e não de todo conhecidos, e porque David parece estar se esforçando ao máximo para transmitir as mesmas sensações e os mesmos sentimentos que este tipo de música causou nele próprio, a ponto de motivarem tamanho trabalho.

A turnê de *Rei Momo* começou no Japão antes de desembarcar na Califórnia para shows em Los Angeles, San Diego e Santa Barbara, até que um terremoto de 7,0 na escala Richter cancelasse as apresentações em São Francisco. Foi em San Diego, minutos antes do terremoto, que David falou de *Rei Momo*, de suas viagens pelo Brasil e do documentário *Ilê-Ayê*.

Quando nos encontramos pela primeira vez, no Rio de Janeiro, seu quarto de hotel estava abarrotado de fitas, presumivelmente gravadas durante sua passagem pelo Brasil. Teria sido aquele o início do processo que levaria a *Beleza Tropical* e agora *Rei Momo* e *O Samba*?

Pode ter sido. Eram fitas que eu tinha comprado em Salvador e no Rio. Também gravei muita coisa direto do rádio e algumas destas canções foram parar no *Samba*. Naquela época, em Salvador, (86), estava tocando no rádio muito forró, um tipo de forró eletrificado — agora não, só tocam lambada — e era ótimo ouvir aquele tipo de música.

Qual era sua expectativa em relação a Salvador antes de conhecer a cidade? Quais foram suas primeiras impressões?

Eu sabia que de uma certa forma era um centro cultural. Isso eu sabia. E sabia que muito da música de que eu gostava tinha

A turnê de *Rei Momo*: Byrne e Margareth diante de um batalhão de metais e percussão

FOTOS VEJA

suas raízes, de uma maneira ou de outra, na Bahia. Mesmo que em alguns lugares a raiz pudesse ser distante, mas havia raízes também na Bahia. Então, pensei "Bom, esse lugar pode muito bem ser a fonte de muitos dos sons diferentes de que gosto, então acho que gostaria de ir lá". Quanto às minhas primeiras impressões *(pausa)*, acho que fiquei chocado pela extrema diferença entre ricos e pobres... foi um certo choque cultural.

Pode-se argumentar que essa exploração musical tenha sido iniciada quando você e Brian Eno fizeram "*My Life in the Bush of Ghosts*". Teria começado ali também o uso da denominação "world music"?

É, você pode ir até antes do disco. No disco anterior dos Talking Heads *(Fear of Music)* tinha uma música chamada "I Zimbra", muito influenciada por uns discos sul-africanos que eu estava ouvindo. A imprensa americana acha que eu estou pulando de galho em galho. Mas me parece que eu sempre me ative, mais ou menos... Sempre houve uma ligação com algumas coisas. Eu posso estar explorando diferentes aspectos, mas para mim são partes da mesma coisa.

Mas a denominação "world music", você concorda com ela?

Acho que sim. Não sei. Acho que é algo que as pessoas usam no marketing, uma maneira de vender discos na loja, mas...

Numa entrevista que você deu num programa de TV ontem à noite, disse que muito do que está contido em *Rei Momo* pode ser facilmente encontrado nas ruas de Nova York. Só que as pessoas não estão vendo nem ouvindo.

Parece que elas fecham os olhos para aquela parte da cidade, embora tudo aquilo exista em volta delas, e saibam disso.

Como você se interessou pelo samba?

É um termo muito conhecido das pessoas, no mundo inteiro, mas elas não sabem o que é. Quando ouvem falar em samba, ainda pensam em Tom Jobim, João Gilberto. Ótima música, mas não é o único tipo. Daí pensei em apresentar outro tipo de samba, talvez algo mais das ruas... embora ainda assim esteja mostrando apenas mais um tipo de samba, existem muitos outros, eu sei, mas... OK! Eu sei é que gostei muito de estar fazendo tudo isso.

E qual acabou sendo o critério de escolha das faixas que entraram no disco?

Acho que de certa forma tentei recapturar aquilo que eu ouvia no rádio quando visitei o Rio pela primeira vez: a música popular, mesmo parte dela sendo tão sofisticada, mas bastante melodiosa e cheia de um sentimento gostoso.

Eventualmente você acabou compondo sambas, merengues e cumbias. Foi difícil escrever em idiomas musicais para os quais você não estava necessariamente treinado?

Não tão difícil, porque eu estava escutando aquele tipo de música o tempo todo. Aquilo estava meio que entrando no meu sangue, sei lá, eu estava ficando "infectado". Algumas coisas, porém, seriam tão desconhecidas para mim que eu nem tentava.

O documentário *Ilê-Ayé* é fortemente espiritual. Este aspecto — a qualidade espiritual da música da Bahia — impressionou você?

(Depois de uma longuíssima pausa) Me parece que, se a Bahia for o lugar de onde saiu tanta música, então grande parte dela vem dos ritmos religiosos, candomblé ou seja lá o que for. E isso você não vê acontecer somente no Brasil. No mundo inteiro, onde existe uma cultura de raízes africanas, há também uma tradição religiosa semelhante. Mas na Bahia ela é mais acessível, todo mundo sabe o que está ocorrendo. Assim, por muitas e muitas razões achei esta espiritualidade inspiradora, interessante e muito emocionante.

Qual tem sido a reação do público e das rádios em relação a *Rei Momo*? No show, ontem, algumas pessoas estavam pedindo que você tocasse "Psycho Killer", "Burning Down the House" e até mesmo "Babalu".

Essa última até que fez um certo sentido *(risos)*. Acho que as reações aos shows têm sido muito boas. A maior parte do tempo as pessoas dão uma olhada na banda e percebem que verão algo de novo. E acabam gostando, dançam e se divertem. O pessoal da indústria fonográfica e de rádio é mais desconfiado. Talvez venha a entrar na onda, mas está sempre atrasado em relação ao público.

Algumas pessoas são frontalmente contrárias ao que você está fazendo. Numa entrevista à *Time*, Djavan chamou você de inconseqüente.

Eu posso estar errado *(risos)*, mas acho que ele disse isso porque não foi incluído na primeira compilação, o que é uma pena — eu não tinha como incluir todo mundo. Sei que é um artista importante, que fez coisas maravilhosas, mas a coleção era puramente pessoal, então acaba sendo limitada, de um forma ou de outra.

Mas você acredita que discos como *Rei Momo* e as compilações de música brasileira possam abrir caminhos para artistas e para um tipo de música que não teriam tido esse tipo de exposição, caso o seu nome não estivesse na capa dos discos?

Sim. Me disseram, quando fui à loja de discos da minha vizinhança, que desde o lançamento do primeiro disco muita gente começou a pedir discos brasileiros. Pedem discos dos mesmos artistas que estão na compilação. Isso significa muita popularidade.

Se um artista do terceiro mundo fizesse a mesma aproximação cultural que você fez, mas partindo do ponto dele, não seria tão bem aceito quanto você está sendo.

Acho que você tem razão, existe este preconceito. Eu também sou muito criticado por pessoas que dizem "Ah, você não devia estar tocando música latina, isto é só uma coisa exótica que você está fazendo". Não deveriam existir regras na música. Quando me diziam isso, eu sempre respondia: "Bom, então você devia mandar o Wynton Marsalis parar de tocar música clássica. E diga ao Eric Clapton para ele parar de tocar blues". Não sei se as pessoas se tocam de que uma boa parte da música que elas acham ser tipicamente brasileira é também uma mistura de muitas coisas diferentes. Nada é puro. Muito da música africana é uma mistura de salsa e rhythm n'blues.

Herbert Vianna canta junto com você "Office Cowboy", uma faixa de *Rei Momo* exclusiva dos CD e K7. O curioso é que ele é um guitarrista e um compositor mais do que um cantor. Como se deu esse encontro?

Já conhecia o grupo. Disse a Herbert que Arto *(Lindsay)* e eu tínhamos composto uma música com letra em português: "Eu não vou conseguir cantar isso, então ouça e veja se você gostaria de cantá-la". E acabou dando certo.

Como você chamou para a banda Café, Charlie e, principalmente, Margareth?

Margareth, eu conheci através de Larry Gould, *(representante da casa noturna Sounds of Brazil, em NY)*. Eu estava em busca de uma cantora que tivesse repertório próprio, porque queria que ela cantasse algumas de suas próprias músicas nos shows. Me mandaram uma fita dela cantando "Elegibô". Eu conhecia a música dos blocos afro da Bahia e achei ótimo. Imediatamente saí atrás dela. Café e Charlie entraram quase por acidente. Margareth queria trazer percussionistas do Brasil com ela, mas por problemas no departamento de imigração eles não puderam sair do Brasil. Mas ela conhecia Café e Negrita *(ambos moram em Nova York)* e eles estavam disponíveis.

Você tem ouvido algo novo de música brasileira?

Vez por outra alguém me dá uma fita com um trevo antigo dos anos 40, coisas assim. Pode não ser novo para os brasileiros, mas é novidade para mim.

Os "moderninhos" do Brasil devem ficar chocados com uma pessoa como você se apaixonando por Ciro Monteiro, Zeca Pagodinho e Agepê.

Entendo. É o tipo de coisa que às vezes ajuda você a apreciar melhor algo que sempre esteve sob seu próprio nariz, o tempo todo. A mesma coisa acontece aqui. A classe média anglo-americana está cercada de salsa, mas nunca iria a uma casa noturna para dançar salsa nem a uma loja comprar um disco de Celia Cruz. É algo que sempre esteve lá, a vida toda. Mas foi preciso que alguém como eu aparecesse. É uma vergonha.

JOSÉ EMÍLIO RONDEAU

MARGARETH, ROUBANDO O SHOW

Dois nomes que integram a banda com que David Byrne está excursionando poderão soar familiares aos ouvidos brasileiros: os dos percussionistas Café e Charlie Negrita. O primeiro trabalhava com Djavan antes de partir para Nova York, onde acompanhava Roberta Flack quando foi convocado para a turnê de *Rei Momo*. Negrita era mais conhecido no Brasil pelas aparições-relâmpago que costumava fazer nos shows dos Novos Baianos, em meados da década de 70: Charlie surgia na hora em que os Baianos engatilhavam um trecho instrumental e dançava uma coreografia crazy que até hoje ninguém conseguiu reproduzir, ou mesmo explicar.

Mas a adesão brasileira que causa maior surpresa é a de Margareth Menezes, cantora de Salvador que encerrou uma excursão do projeto *Basf Chrome Music*, com Gilberto Gil e Dominguinhos, para ser o segundo nome principal dos espetáculos que vem fazendo com David Byrne.

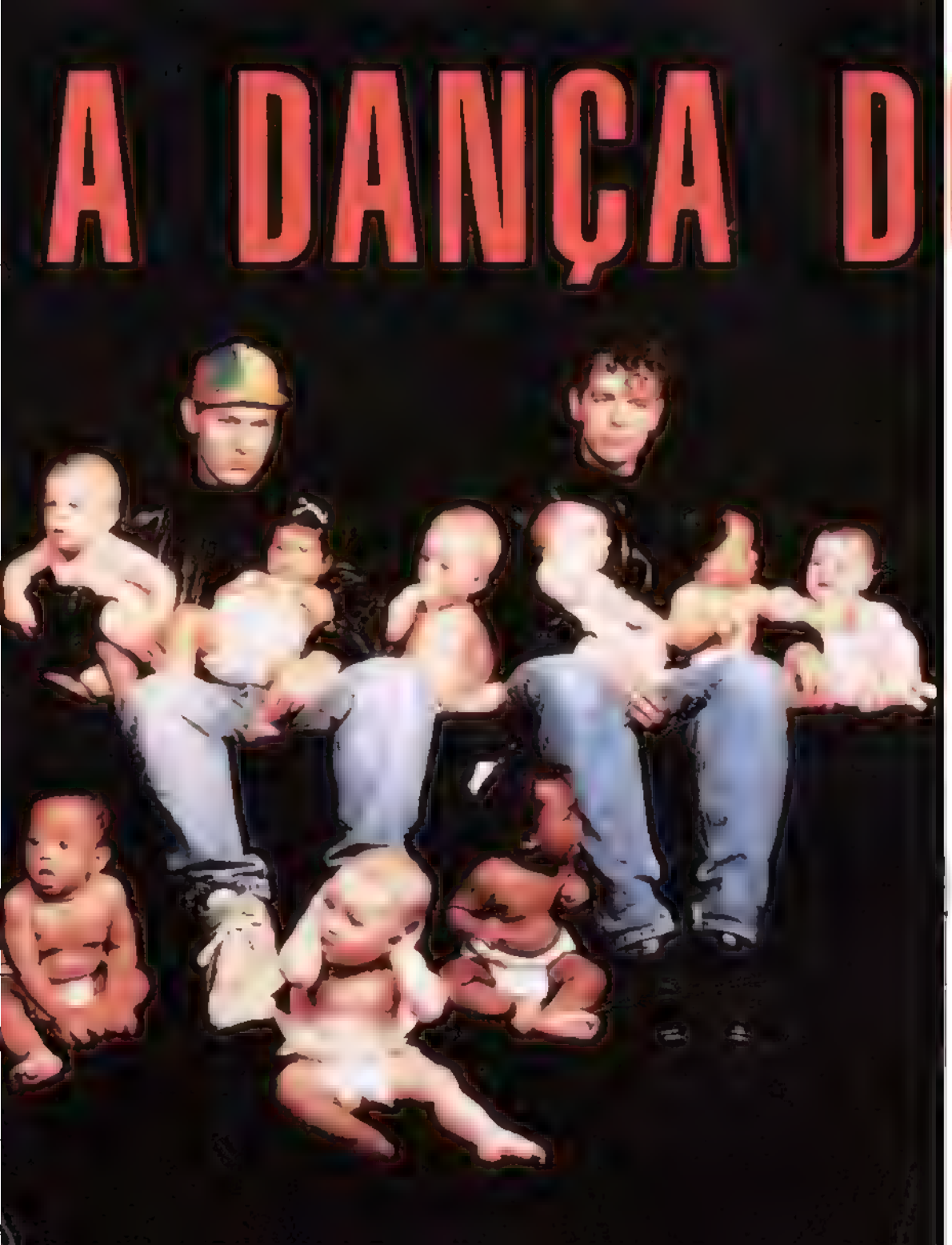
David descobriu Margareth através de um vídeo em que ela cantava a gravação que fez de "Elegibô", um tema muito popular entre os blocos afro de Salvador. Ele queria uma vocalista que não fosse somente uma boa acompanhante de fundo, que tivesse seu próprio repertório e que conseguisse fazer sozinha a abertura dos shows e parte do miolo. Com um segundo álbum prestes a ser lançado pela PolyGram no Brasil e pela Island/Mango no resto do mundo, Margareth não pensou duas vezes antes de aceitar o convite.

"Foi uma coisa muito louca", diz Margareth em San Diego, "dessas que você não espera que aconteçam". Mas ela já conhecia Byrne, o afro-latinófilo, "uma grande estrela mundial que todo mundo conhece e eu já sabia que ele tinha ido à Bahia também, onde fez o 'Ilê-Ayê' *(documentário sobre candomblé na Bahia)*".

Margareth foi recebida de braços abertos pela crítica japonesa e norte-americana: todos pedem agora um show só dela, o que não demorará: depois da turnê de *Rei Momo*, Margareth ficará pelos Estados Unidos mais alguns meses, promovendo seu próprio disco.

JER

A DANÇA DOS MILHÕES



Neil Tennant e Chris Lowe, ***mais conhecidos como*** *PET SHOP BOYS,* ***tentam explicar como chegaram lá***

Quando os Pet Shop Boys anunciaram, em junho do ano passado, o início de sua primeira turnê, o universo pop reagiu com entusiasmo — e uma boa dose de ceticismo.

Em cinco anos de carreira, Neil Tennant (vocalista e autor das letras) e Chris Lowe (responsável pela maior parte dos teclados e programações eletrônicas divididos entre a dupla) só haviam tocado ao vivo duas vezes em Londres, dois sets curtos, um na casa noturna Fridge, em 84, e outro durante um ato de protesto contra o "Artigo 28" (que legalizou a discriminação contra o homossexualismo na Inglaterra) no Picadilly Theatre, em 88.

A relutância da dupla em apresentar-se ao vivo gerava muitas dúvidas. Será que o tecnopop dos rapazes poderia enfrentar estádios lotados, acostumados a abrigar grandiosos shows de rock? Como vencer a distância imposta pela aparelhagem eletrônica e estabelecer contato com um grande público? Estaria a dupla condenada à frieza do estúdio, e sua música encarcerada nos sulcos do vinil?

Das carinos, imagens projetadas em telões gigantes, trocas de roupas constantes e cenários luxuosos, na sua estréia, em Hong Kong, no dia 28 de junho, os Pet Shop Boys mostravam suas armas diante de um público de sete mil pessoas. Depois, seria a vez de Japão e Inglaterra se curvarem diante de tamanha superprodução teatral. "Se você não tem um ingresso, mate alguém que tenha, pois vale a pena", aconselhava o semanário inglês *Melody Maker*.

O ano passado foi particularmente agitado para Tennant e Lowe. Em março, repartiam o tempo entre a preparação da turnê e as gravações do novo disco de Liza Minnelli, *Results*. Além de assumirem a

Dançarinos e telões, num espetáculo superproduzido: os Pet Shop Boys sobem, enfim, ao palco. Fora dele, a vida continua em grande estilo: Neil e Liza compartilham uma limusine

produção do LP, os Pet Shop Boys forneceram boa parte do repertório, promovendo a entrada de Liza no cenário pop.

Um convite inesperado levaria a dupla aos estúdios de Johnny Marr, onde realizariam algumas gravações para o primeiro LP solo de Barney Sumner, vocalista e guitarrista do New Order. A parceria Tennant/Lowe/Sumner/Marr geraria duas faixas — apenas uma delas deverá ser incluída no álbum de Barney, ainda sem previsão de lançamento.

Desde que se encontraram numa loja de discos em 81, Chris Lowe (na época, trabalhando como artista) e Neil Tennant (jornalista da *Smash Hits*) tiveram que amargar apenas um fracasso, seu primeiro compacto, "West End Girls", fruto de uma associação passageira com o produtor americano de disco music Bobby O.

"Opportunities" marcou a estréia da dupla numa grande gravadora, a EMI. Mas o estouro só aconteceu mesmo com o relançamento de "West End Girls", desta vez escalando a parada americana até o primeiro posto.

O primeiro LP, *Please* (86), repetiu o feito, transformando os Pet Shop Boys nos mais sérios concorrentes à supremacia do New Order nas pistas de dança. *Actually*, o segundo LP, lançado em 87, traria uma novidade: um dueto com a cantora Dusty Springfield, uma estrela da música pop dos anos 60, na faixa "What Have I Done to Deserve This?" (Recentemente, os Pet Shop Boys voltaram a se associar à cantora, produzindo seu último LP.)

O golpe de misericórdia, porém, foi dado com *Introspective*, seu LP de maior sucesso — e o responsável pela explosão da dupla no Brasil, no final de 88. O disco trazia apenas seis faixas — com oito minutos de duração, em média —, que atestavam a habilidade dos rapazes no estúdio.

"Domino Dancing", "Always on My Mind", "Left to My Own Devices", "It's Alright": quatro faixas de *Introspective* tomaram conta da programação das rádios brasileiras em 89. Este sucesso é responsável pelo lançamento de um LP até então inédito aqui, *Disco*, lançado em dezembro, é uma coletânea com remixes dos primeiros hits da banda, que saiu na Inglaterra em 86, logo depois do primeiro LP, *Please*. Os três anos de atraso são compensados pela presença de alguns mestres da remixagem, como Arthur Baker, Shep Pettibone, Laun Rascals e J.J. Jeczalik (Art of Noise).

Até que enfim vocês resolveram se apresentar ao vivo...

Chris Nunca quisemos sair numa turnê com um típico show de rock, com luzes de rock, músicos de rock... Tínhamos outras idéias, que eram muito caras. Foi um produtor japonês que nos ofereceu dinheiro suficiente para fazer o show que sempre havíamos sonhado e tornou essas idéias possíveis. Inicialmente, a turnê passaria apenas por Hong Kong e pelo Japão, mas aí o Harvey Goldsmith (*famoso produtor de shows inglês*) nos ofereceu algumas datas em Londres e achamos que tínhamos de aceitar. Senão, ficaria parecendo que estávamos fazendo tudo meio às escondidas, tocando no Oriente e não na Inglaterra. Essa demora não ocorreu porque tivéssemos medo de subir no palco.

Gostaram da experiência?

Chris Sim. Foi surpreendente, para falar a verdade. É um ótimo estilo de vida. Você se sente saudável quando está em turnê, sempre em atividade. Subir no palco te mantém em forma. É muito agradável — pelo menos do jeito que fizemos. Uma das condições era de que não faríamos nenhum tipo de promoção, nenhuma entrevista, apenas tocaríamos. Tínhamos os dias livres. Em Hong Kong, então, os shows eram às seis e meia da tarde. Dava até para sair depois.

O show era realmente um espetáculo.

Neil Obrigado. Como Chris disse, sempre quisemos fazer um show diferente. Fomos ver um filme do Derek Jarman, chamado *Requiem*, e no meio já estávamos pensando, "Por que não pedir para o Derek dirigir nosso show?" Sabíamos que ele havia feito teatro e, no ano anterior, uma ópera em Florença. Também sempre tivemos esta idéia de projetar filmes atrás de nós, no palco. Ele era a pessoa certa: podia dirigir o show e fazer os filmes. Poucas pessoas fazem isso por um preço que não seja impossível. Este foi outro fator. Nós o convidamos e ele aceitou. Aliás, hoje ele acha que estes filmes do show são os melhores que ele já fez. São realmente espléndidos, especialmente "King's Cross" e "Domino Dancing". Talvez sejam lançados separadamente. Bem, então esse era o conceito original do show — discutimos as idéias com Derek e deixamos tudo em suas mãos. Queríamos ter certeza de que as luzes não teriam nada a ver com a tradição dos shows de rock. Foi duro convencer o *light designer* disso. Foi nossa primeira turnê e, do nosso ponto de vista, poderia ter sido um desastre. Tivemos sorte, conseguimos juntar um ótimo time, como os *backing vocalists* e Courtney Pine (*saxofonista de jazz inglês*). Já havíamos trabalhado com ele quando gravamos "Nothing Has Been Proved" com a Dusty Springfield (*para a trilha sonora de* Scandal) e no disco da Liza Minelli. Queríamos ter um elemento ao vivo, não apenas seqüenciadores e teclados. Para nossa surpresa, ele aceitou! (*risos*) Também foi bom porque ele podia tocar longos solos enquanto nós trocávamos (*risos*). Queríamos várias trocas de roupas, várias entradas e saídas do palco, eram idéias de anos atrás. Queríamos que houvesse várias coisas acontecendo ao mesmo tempo. De qualquer jeito, foi a primeira vez e já estamos planejando outra turnê. Aprendemos muito com a experiência.

Vocês também trabalharam com Liza Minelli, compondo e produzindo...

Neil Nosso empresário também cuida dos Bros., que são da mesma gravadora que ela. Um dia, ele estava nos escritórios da companhia em Nova York e alguém disse que haviam acabado de assinar um contrato com a Liza. Nosso empresário, então, sugeriu que trabalhássemos no projeto.

Ela conhecia o trabalho de vocês?

Chris Acho que não... Apenas alguns compactos. Nos demos muito bem, instantaneamente. Fomos para Nova York, fizemos algumas demos e começamos a gravar. Cinco das composições são nossas. Foi ótimo porque ela estava fazendo uma turnê com Frank Sinatra e Sammy Davis Jr., e nós fomos ao show... ela trabalha bastante, a Liza, as pessoas não sabem como ela da duro.

Vocês conheceram o Frank Sinatra?

Neil O Jimmy Somerville ficou morrendo de inveja por causa disso (*risos*).

Chris Depois do show no Albert Hall, havia um jantar no Savoy. O Frank estava em sua mesa, com seus convidados — entre eles, o Roger Moore e o Michael Caine. Nós ficamos na mesa de Liza, com o Bob Hoskins. Foi muito *show business* (*risos*). Nos sentimos um pouco desconfortáveis, todo mundo estava de smoking, menos nós (*risos*). Não sei como nos deixaram entrar! Mas foi ótimo. O Frank foi muito simpático... Uma grande experiência. Queríamos trabalhar com a Liza porque ela nunca havia feito um disco pop, e ela é uma lenda. Me lembro de quando eu era adolescente e ouvia Liza Minelli junto com T. Rex, David Bowie, Roxy Music... ela fazia parte do pop, de uma certa maneira. Mas nunca havia feito um disco pop de verdade — por isso não estaríamos competindo com seus discos anteriores. Foi um grande salto para nós, e para ela também. Um grande risco para todos.

"Não sofremos de nenhum tipo de esnobismo musical. Quer dizer, adoramos Kylie Minogue!"
(Neil Tennant)

***Disco* acaba de ser lançado no Brasil...**

Chris Não sei por que não foi lançado antes (*O disco é de 86*). Mas fico feliz. Eu realmente gosto dele, é um dos meus prediletos.

Neil Da nossa discografia, *Disco* é aquele que — aqui na Grã-Bretanha — sempre volta às paradas quando lançamos um disco novo. Quando o fizemos era a idéia de lançar um disco de dance music que nos agradava. Há trechos bem eletrônicos, mas — assim como em *Introspective* — tem uma grande variedade de estilos. A versão "nova-iorquina" de "Opportunities" ainda soa bem até hoje. "West End Girls" foi remixada como um rap, ficou ótima.

Vocês sempre se deram bem no Brasil, não?

Neil Não sei... Estávamos indo razoavelmente bem e, de repente, *Introspective* é o disco mais vendido da EMI no Brasil. Antes dele, era *Abbey Road* dos Beatles! Me disseram que está chegando a um milhão de cópias. Nunca estivemos no Brasil, então fica difícil explicar. Achamos que talvez tenha a ver com "Domino Dancing" ter um toque latino. Mas eu sempre acredito que as pessoas não querem o que já têm e sim algo diferente.

Chris Eu também! Mas não sei... De que outras bandas os brasileiros gostam?

De Joy Division a Kylie Minogue... (*risos*)

Neil Verdade? O New Order também faz sucesso aí, não? O Bernard me contou que foi um verdadeiro pandemônio quando tocaram no Brasil. Talvez estejamos até lá quando fizermos a turnê americana.

Há outras parcerias no ar, não?

Neil Acabamos de trabalhar com a Dusty Springfield, produzimos metade de seu novo LP. Há também o disco que o Bernard (*Sumner*) está gravando com o Johnny Marr. O Chris e eu fizemos uma

"Somos gênios!" (Chris Lowe)

música com eles, que estará no álbum

É uma combinação inesperada...

Neil É. Há uma outra faixa que vai ser lançada apenas em compacto. Esta, o Bernard e o Johnny escreveram, eu apenas fiz a letra e canto um pouco.

Como é trabalhar com eles?

Chris Ficar deitado no sofá, morrendo de tédio, para dizer a verdade (*risos*). Eles são tão devagar!

Neil Nós trabalhamos muito mais rápido do que eles! O Bernard é lento demais. Mas quando escrevemos a primeira música com eles até que foi rapido, não?

Chris Foi... Porque não tinha nada a ver com o Bernard! O Johnny Marr é incrivelmente musical. Quando ouve uma canção, é capaz de citar mil referências para cada detalhe. Se ouve uma guitarra, então, diz onde aquilo foi usado antes e por quem. O Bernard é capaz de aparecer com linhas incríveis. Eles trabalham bem juntos.

Neil Não é uma combinação tão inesperada assim. Ela funciona porque gostamos dos mesmos discos, dos mesmos tipos de música. É interessante trabalhar com gente diferente, é algo que as pessoas raramente fazem. E o resultado ficou ótimo.

Vocês se encontram numa posição rara. Saem tanto em revistas para garotas adolescentes, como a *Smash Hits*, como em publicações mais adultas, como *Melody Maker*. Como conseguem?

Neil Eu nunca soube responder a essa pergunta. Mas não há muitos grupos que amam o pop como nós amamos. É estranho, a maioria das pessoas no *music business* despreza a música pop. Nós a amamos para valer, assim acabamos fazendo discos pop e sendo admirados por esse público. Ao mesmo tempo, preservamos um tipo de integridade e atingimos também o público mais adulto.

A boa música pop idealmente atinge ambos...

Neil É verdade. Quer dizer, não sofremos de nenhum tipo de esnobismo musical. Mas este lado *Melody Maker/New Musical Express* tem crescido nos últimos dois anos. Sabe, não pensamos muito nesses termos. É bom ser popular, mas não afeta o que fazemos. Fazemos o que gostamos e temos sorte de atingir um público tão amplo. Mas... Quer dizer, gostamos dos discos da Kylie Minogue! Não há muita gente no meio que goste deles. Nos dois temos o LP dela em casa.

Chris O LP não é tão bom, mas os compactos sim. Adoro eles. Também gosto do LP da Donna Summer — o que há de bom no Stock, Aitken & Waterman é que fazem boas músicas. É incrível que consigam escrever a mesma coisa tantas vezes! E sempre "Não me deixe..." ou então "Vamos ficar juntos para sempre" (*risos*).

Neil Isso, para mim, é um sintoma do mais puro talento. É muito mais fácil compor com uma progressão de acordes complicada do que colocar uma melodia diferente sobre os mesmos acordes de sempre. É muito, muito difícil. Nós não fazemos tanto isso, fazemos? Mas você é bom nisso, Chris.

Chris Mas nunca percebo que são os mesmos acordes até a música estar pronta (*risos*).

Neil Quando sento ao piano para compor sem o Chris, tento pensar numa progressão de acordes terrivelmente complexa, mas o que eu mais gostaria era tocar um dó maior e sair com uma melodia interessante. Porém, isso não funciona assim comigo.

Chris No momento, estou interessado na idéia de ter uma linha de baixo, acordes e melodia que não sejam muito ligados entre si.

Em nossa última entrevista, um ano atrás, conversamos muito sobre dance music. Vocês disseram que a acid house influenciaria muito a música do futuro. Isso, de certa forma, já está acontecendo.

Chris Somos gênios! (*risos*) E, alguns discos brilhantes foram lançados e a dance music entrou como nunca nas paradas, não ficou isolada no underground. O problema é que é tão contagiante que fica difícil perder o hábito de compor assim! Outro dia, saímos com o pessoal da Sade e o saxofonista estava dizendo que havia comprado um teclado e um computador rítmico, e tudo que ele faz agora é house music! (*risos*) Está invadindo tudo! O que eu gosto — mais do que a música — é a atitude, a moda. Acid house é um estilo de vida. Desde o punk que uma forma musical não tomava conta das pessoas de tal maneira. E nenhuma outra irritou tanto as autoridades.

(Conto aos dois minha conversa com Malcolm McLaren publicada em BIZZ *52.)*

Neil Eu o entrevistei uma vez, quando trabalhava para a *Smash Hits* — foi em 83, acho —, e ele me disse que, no futuro, as pessoas iam fazer hits usando pedaços de músicas dos outros. Ninguém estava fazendo isso na época!

Vocês concordam que a música hoje tem funções mais específicas?

Neil No Japão, estão fazendo CDs para acompanhar o jantar. Há um disco especial para a salada, outro para a carne, outro para o frango, outro para a sobremesa... É muito interessante. Quanto à dance music, acho que as pessoas também compram os discos para ouvi-los em casa.

Chris Eu os ouço e danço em casa, mais do que nas casas noturnas. Ouço dance music o tempo todo, no carro, no rádio.

Como vocês veem os anos 80?

Neil Eu não penso em termos de décadas — ou mesmo séculos — então, para mim, o fato de estarmos estrando em 1990 não tem quase nenhuma importância. Eu diria que os anos 60 foram uma década muito curta, que começou em 62 e terminou em 68, quando começaram os anos 70. Estes duraram demais, não acabaram antes de 82! Sabe que as pessoas não pensavam em termos de décadas até recentemente?

Chris Acho que é por causa da música.

Neil É, a música define melhor uma era. Fala-se em música dos anos 40, 50, 60... Quanto aos 80, acho que as pessoas foram obsessivamente materialistas, até com uma certa consciência de culpa. Para ser honesto, acho que foi uma época essencialmente frívola, espelhada pela popularidade do seriado *Dallas*.

SOBRE O CADÁVER DE CARMEN MIRANDA

Saudado pela imprensa mundial como o melhor heavy desde o Metallica, o SEPULTURA conquista a capital da música pop

"Se você ainda quiser a entrevista, esteja no Marquee domingo às três horas", me avisou a secretária da Roadrunner Records, selo que lançou o Sepultura na Europa e nos Estados Unidos. Era a última oportunidade de falar com os garotos: a turnê européia se encerraria no show daquela noite (*Ao Vivo*, BIZZ 54) e depois eles partiriam para a invasão do território americano.

Chego cedo, a tempo de observar a fila que já dobra a esquina. Há uma abundância de cabelos longos, jaquetas de couro e, quem diria, camisetas do Sepultura. Algumas pessoas se aglomeram em frente às portas de vidro. Max, Igor, Andreas e Paulo aparecem na ante-sala do clube. Ouço gritos. "Max, we love you!" Paulo se aproxima do vidro, mandando beijos para os fãs.

"Enfim, vou poder fazer uma entrevista em português!" Max e eu nos sentamos nas escadas junto ao palco. Andreas também fica por perto. Max começa contando que, nesta noite, só a lista de convidados tem 110 pessoas, entre elas os músicos dos Sisters of Mercy e do Napalm Death. "Devem estar curiosos para ver uma banda que vem do Brasil."

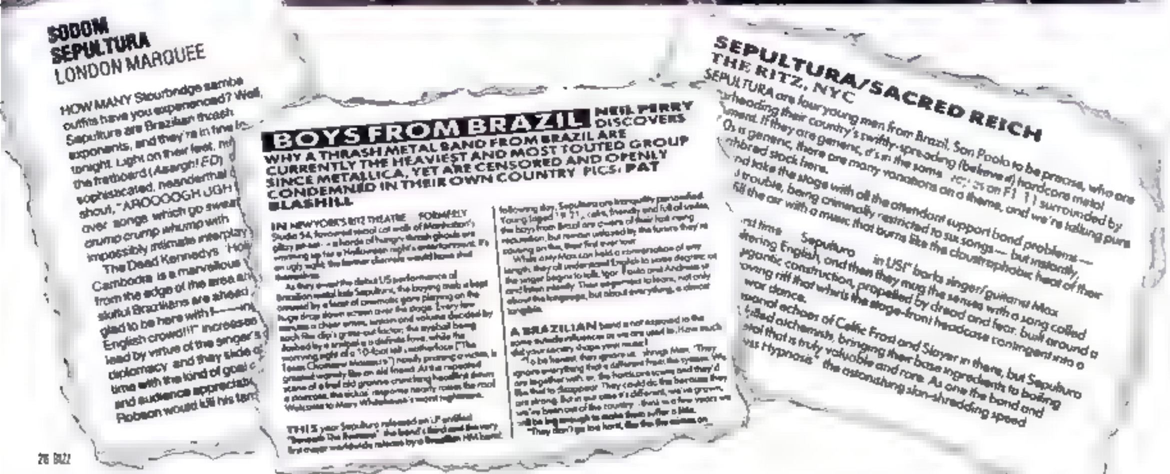
"Faz um mês que estamos viajando. Tocamos na Alemanha, Escandinávia, Áustria, Holanda, Bélgica e França. Tem sido legal", diz Max, fazendo um balanço rápido da turnê. "Nós estamos abrindo o show do Sodom só que, quando saímos da Alemanha, estávamos nos tornando mais conhecidos do que eles. Daí o clima ficou meio estranho. Queríamos fazer um show mais longo, ter todas as condições que eles têm, mas não deixaram. Até em relação ao volume: não queriam que a gente tocasse tão ou mais alto que eles. Ao mesmo tempo, em todos os lugares, o pessoal vinha nos dizer que tínhamos sido os melhores." Andreas corrige: "A não ser na Alemanha. Eles são alemães e bem populares por lá". Max retoma a palavra depois da interrupção. "E eu fiquei doente na Holanda. Perdi dois shows, o Andreas teve que cantar (*risos*). Peguei uma infecção por causa de alguma coisa que comi ou bebi, a comida alemã é muito apimentada. Se eu não melhorasse, acabaríamos tendo de voltar para casa."

Andreas e Max contam que foram a um clube heavy metal aqui em Londres mas se sentiram deslocados porque estava dominado por *glam rockers*, de batom e tudo. Vocês conseguiram ver algum show interessante? "Vimos Justin Sullivan, o vocalista do New Model Army, naquele projeto acústico, só com mais uma mulher e um cara, num dia de folga na Alemanha, no mesmo lugar onde tínhamos tocado. Foi do caralho. Eu queria ver os Bad Brains mas a gente chegava nas cidades e só via os cartazes... ou eles já tinham tocado ou iam tocar depois que tivéssemos ido embora. Aconteceu a mesma coisa com o Nuclear Assault. Nós somos amigos, tocamos com eles quando estiveram no Brasil."

Vocês acharam muito diferente tocar na Europa? "Totalmente. O público em alguns países é muito mais fanático. Na França, o pessoal é completamente chapado. Tocamos num clube pequeno, sem grades. Os caras estavam se matando, vários saíram ensanguentados. Na Bélgica também foi demais. Agora, nós odiamos a Holanda. A gente entrou tocando e, na hora que a fumaça baixou, estava todo mundo parado, superfrio. Foi o maior baque. Depois, ouvimos falar que eles gostaram. Parece que é o jeito deles, só assistir e pronto. Mas estamos acostumados com a maior zona, inclusive no Brasil.

"Continua aquele rockinho, ninguém faz nada muito novo." O tom desanimado da apreciação de Max sobre o rock brasileiro me lembra a ironia de ter sido justamente o Sepultura a banda nacional mais bem-sucedida na conquista do mercado internacional. "Nós entramos num outro circuito", explica Max, "estamos fazendo o mesmo caminho que uma banda americana ou européia faria. Para eles, é normal tocar no Marquee ou no Hammersmith Odeon, com os quais os grupos brasileiros sonham. Mas, até no Brasil, as coisas estão melhorando para nós. Alguns espaços foram abertos, como o Projeto SP, onde tocamos para duas mil pessoas, e o Dama Xoc. O preconceito ainda é muito grande. O Sepultura é a única banda respeitada, por certos fatores, como termos aparecido na parada da *Melody Maker* na frente do New Order. O resto é discriminado."

Nos últimos anos, a situação parece estar se modificando. O heavy metal — um termo obsoleto, na minha opinião — vem obtendo uma aceitação muito maior. Andreas concorda. "É verdade. Um cara estava comentando, outro dia, que agora há uma seção só para heavy nas lojas de discos". Max faz questão de esclarecer: "Nosso som não é heavy metal. Há influências, mas somos mais produto da fusão do punk e do heavy". Uma das explicações dessa mudança talvez seja a crescente incorporação de outros elementos, presentes em bandas como os Bad Brains... An-



SODOM
SEPULTURA
LONDON MARQUEE

HOW MANY Stourbridge samba outfits have you experienced? Well, Sepultura are Brazilian thrash exponents, and they're in fine fettle tonight. Light on their feet, ... the fretboard (Aaargh! ED) ... sophisticated, neanderthal ... shout, "AROOOOGH UGH ... over songs which go sweat ... crump crump whump with ... impossibly intimate interplay ...

The Dead Kennedys' "Holiday In Cambodia" is a marvellous ... from the edge of the area ... skilful Brazilians are ahead ... glad to be here with f——... English crowd!!!" increases ... lead by virtue of the singer's ... diplomacy and they slide ... time with the kind of goal ... and audience appreciate ... Robson would kill his ...

BOYS FROM BRAZIL NEIL PERRY DISCOVERS WHY A THRASH METAL BAND FROM BRAZIL ARE CURRENTLY THE HEAVIEST AND MOST TOUTED GROUP SINCE METALLICA, YET ARE CENSORED AND OPENLY CONDEMNED IN THEIR OWN COUNTRY. PICS: PAT BLASHILL

SEPULTURA/SACRED REICH
THE RITZ, NYC

SEPULTURA are four young men from Brazil, Sao Paolo to be precise, who are spearheading their country's swiftly-spreading (believe it) hardcore metal movement. If they are generic, it's in the same ... surrounded by ... is generic, there are many variations on a theme, and we're talking pure inbred stock here.

... and take the stage with all the attendant support band problems — ... trouble, being criminally restricted to six songs — but instantly fill the air with a music that burns like the claustrophobic heat of their ...

... first time ... Sepultura ... "in USI" barks singer/guitarist Max ... mangling English, and then they mug the senses with a song called ... gigantic construction, propelled by dread and fear, built around a ... roving riff that whirls the stage-front headcase contingent into a ... war dance.

... tonal echoes of Celtic Frost and Slayer in there, but Sepultura ... skilled alchemists, bringing their base ingredients to boiling ... metal that is truly valuable and rare. As one the band and ... was Hypnosis" the astonishing skin-shredding speed ...

Na pág. ao lado, alguns fragmentos da imprensa inglesa sobre a banda, com epítetos como "alquimistas habilidosos" e "neandertais sofisticados"

"Aí eu disse que só tomaria banho depois que a turnê acabasse" (Paulo)

dreas acrescenta Living Colour e Metallica. Max cita Faith No More. "É legal, porque nos lugares onde tocamos na Alemanha, por exemplo, tinha moicano, cabeludo, uns skinheads nazistas mesmo. Todo mundo junto, gostando para caralho. No Brasil, sairia o maior pau."

Uma semana depois, conto para o vocalista do Faith No More, Mike Patton, que Max tinha se referido à banda. Ele me olha, incrédulo. "O quê? Eles já ouviram falar de nós?" Sai pulando de alegria, prometendo escrever para os músicos, dizendo quanto os admira.

Em março, o Sepultura já estará gravando seu quarto LP. Scott Burns, que trabalhou em *Beneath the Remains*, será novamente o produtor. O estúdio ainda não foi escolhido. Eles preferem ir para Berlim em vez da Flórida, onde mixaram o último disco. "Só que a gravadora terá de pagar a passagem de Scott já que ele é americano. A gente quer trazê-lo porque nos demos muito bem, ele se encaixou direitinho. Também queríamos fazer as fotos na Suíça. As que fizemos lá agora, no meio da neve, ficaram demais. Nos Estados Unidos não ia dar para fazer isso, não na Flórida (*risos*)."

Enquanto o próximo disco ainda está na fase de projetos, Max avalia o desempenho do anterior: "Está indo superbem, nos Estados Unidos venderá vinte mil cópias. Tivemos sete shows *sold out* na Alemanha duas semanas antes não tinha mais ingresso. Estamos achando que a gravadora está bem mais consciente do nosso potencial. O Ambulator, que é a banda na qual eles mais investem, tocou nos mesmos lugares que a gente para a metade do público."

Eu estava lá fora quando os fãs começaram a gritar seu nome. Como é que as coisas chegaram a esse ponto? Max chega a se mostrar modesto com o sucesso: "Escreveram 'Max is God' (*Max é Deus*) na porta. Eu mudei para 'Max is dog' (*Max é cachorro*). Na Inglaterra, sempre tivemos boa penetração. Em 85, sem nenhum disco lançado aqui, a *Kerrang* nos deu uma matéria de três páginas. Fomos capa da *Metal Forces*. Os ingleses devem gostar dos brasileiros."

Apesar do êxito de público e crítica, o Sepultura ainda enfrenta condições adversas. Em Londres, não conseguiram vaga em nenhum hotel. O ônibus que os transportou este mês inteiro está servindo de teto, estacionado num parque. Resignado, Max considera: "O começo é sempre ruim... Eu estava conversando com os roadies, que já trabalharam com o Ozzy Osbourne e outras bandas grandes. Até para um grupo como o Metallica, é difícil no começo. Eles tocaram nos mesmos lugares que a gente. Até que demos sorte nesta turnê."

Enquanto isso os membros do Sodom passeiam de lá para cá, totalmente ignorados. Os jornalistas que enchem o Marquee estão esperando para falar com os brasileiros. O vocalista prossegue: "Nós preferimos clubes pequenos. Não nos demos bem em lugares maiores. Ainda mais com o Sodom: eles usam fogos e explosivos e em vários lugares foi necessário colocar grades em volta do palco. Detesto isso."

Pergunto se ele conhece *Spinal Tap*, filme que narra a turnê de uma banda heavy inglesa pelos Estados Unidos, cheia de cenas engraçadíssimas e explosões onde o baterista invariavelmente morre. Max não viu o filme mas isso o estimula a contar mais algumas histórias. "Aquele cara (*apontando para um técnico que está no palco*) quase causou um acidente. A gente o chama de 'Piromaníaco' porque só faz coisas diabólicas. Estávamos passando o som quando ele mexeu num negócio, começou a vazar gás e teve de pular do palco (*risos*). É perigoso, o cara usa pólvora violenta, labaredas gigantes. Eu nem fico perto (*risos*). Na Alemanha, o corpo de bombeiros veio verificar se os efeitos podiam ser usados ou não. Eu não gosto. O Kiss fez isso dez anos atrás."

Max abre o jogo em relação aos atritos com os alemães: "Eles são meio esquisitos... Você pode imaginar como está o ônibus: não tem muito jeito de tomar banho ou lavar roupa (*risos*). Não gostamos do *tour manager*. Não fomos com a cara dele nem ele com a nossa. Ele insiste em falar alemão, mesmo sabendo que a gente não entende. Começamos a jogar a roupa dele pela janela. Está uma guerrinha dentro do ônibus. Eles roubam a nossa cerveja, nós a deles. Nunca brigamos mas estamos sempre em conflito. Mas dá até para se divertir."

Está na hora da passagem de som. Max sai conversando com os jornalistas. Os quatro posam para uma sessão de fotos para a revista *Raw*. Mais tarde, sentados na beira do palco, respondem com aparente calma a repórter da MTV. Enquanto isso, alguns fãs furam o bloqueio: mais autógrafos, fotos, agradecimentos e elogios, em dose suficiente para testar a paciência de um santo.

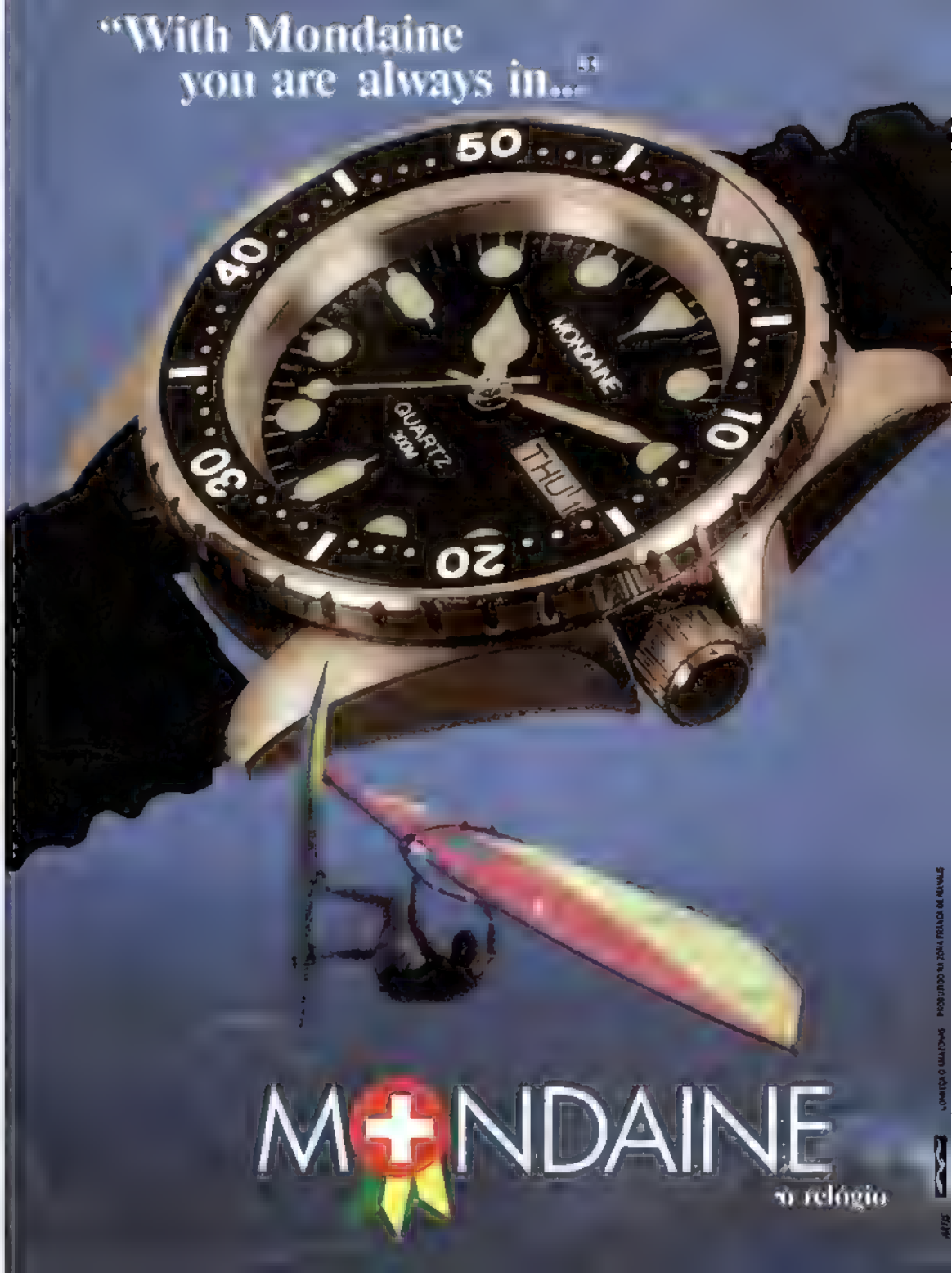
Os quatro encaram o assédio com serenidade. Paulo vem se sentar ao meu lado e confessa que faz sete dias que não toma banho. "É meio difícil arrumar lugar viajando no ônibus. Um dia, paramos perto de uma piscina pública. Os caras do Sodom saíram correndo. Nós também fomos mas um deles chegou para mim e disse que eu *tinha* de tomar banho. Aí eu falei que só tomaria banho depois que a turnê acabasse. Então vai entrar no chuveiro hoje? "Vou."

Saio para comer um hamburguer e constato que a fila está dando a volta no quarteirão. Quando volto, o público está aos poucos lotando o clube. O que se seguiu foi, não por acaso, comparado por um jornalista ao primeiro show do Slayer neste mesmo Marquee.

Os camarins estão lotados depois da apresentação. Paulo não se intimida e toma seu banho, para a felicidade dos alemães. O Sepultura está satisfeito e eu, pasmo com o show. Paulo me responde com muita tranquilidade quando digo que nunca vi esse lugar tão repleto: "Imagine! E quando o Kiss tocou aqui?"

Onze horas da noite. A ante-sala do clube está quase vazia. Converso com Andreas num canto quando vejo Mike Pearson, do Sodom, se aproximando. "Lá vem a Gestapo", alerto. Mike para na nossa frente e vocifera, quase enfiando o dedo na cara de Andreas. "Você tem dois minutos para decidir se quer ficar em Londres ou ajudar com o equipamento para podermos ir embora!" Me despeço enquanto eles carregam instrumentos e amplificadores.

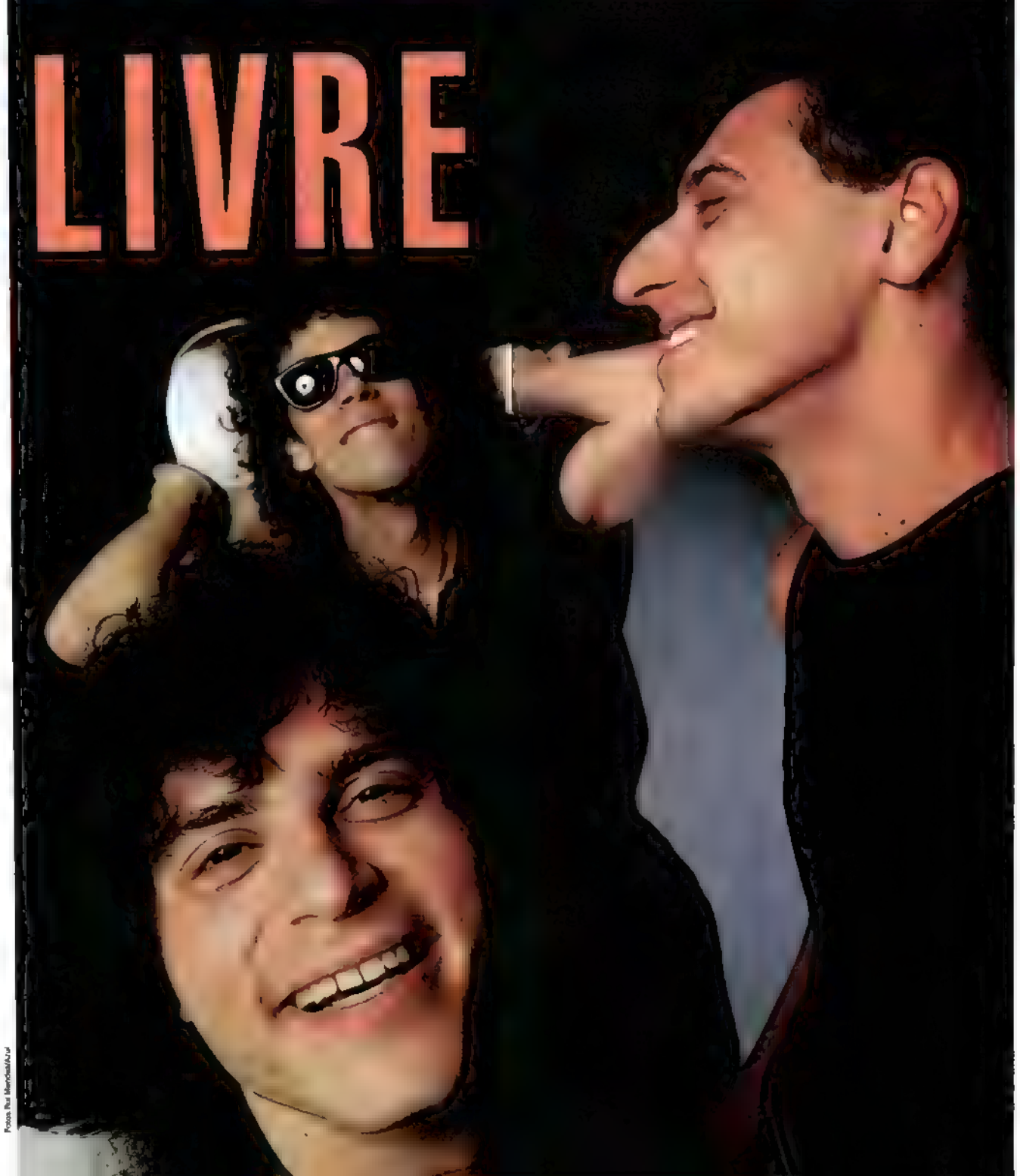
Na porta, em tinta azul, alguém escreveu: "Sepultura are God."



VÔO LIVRE

O BARÃO VERMELHO,

uma das primeiras bandas da "geração 80", traça uma rota que passou pelos palcos de dois dos maiores festivais de rock do país e sobreviveu a turbulências variadas



Fotos Rui Mendes/Arte

O Barão tem sete discos gravados, além de uma coletânea. Nos tocamos no Rock in Rio no mesmo dia em que o AC/DC e foi legal para caralho, está gravado para quem quiser ouvir. Escreveram que, entre os grupos nacionais escalados para o Hollywood Rock II, só havia bandas medias e que só o Gilberto Gil havia participado do Rock in Rio. Além de estar errado é provincianismo da imprensa"

O desabafo de Guto Goffi tem suas razões. Provinciana ou não, a crítica poucas vezes atribuiu ao Barão um lugar de destaque entre as bandas de rock nacionais.

Mesmo assim, desde seu surgimento — em meados de 81 —, a banda obteve um prestígio junto a personalidades da MPB que outros roqueiros conseguiriam muito depois. Nev Matogrosso extraiu o hit "Pro Dia Nascer Feliz" do segundo LP do Barão, despertando possibilidades comerciais que a própria gravadora desconhecia. Caetano Veloso, que nunca poupou elogios ao grupo, gravou "Todo Amor que Houver Nessa Vida", parceria de Frejat e Cazuza. De seu repertório, Caetano emprestou ao Barão o rock "Eclipse Oculto", numa espécie de homenagem bilateral.

A consolidação do sucesso de público está associada ao filme *Bete Balanço*. Convidado a compor a música tema, o Barão encontrou uma feliz oportunidade para se firmar no cenário do rock.

Nessa época, a banda trabalhava nas composições do terceiro LP, *Maior Abandonado*, um de seus discos mais importantes e ápice do amadurecimento em sua primeira fase, ainda com Cazuza. Para Frejat, o disco peca apenas pela qualidade sonora. "O estúdio da Som Livre tem um som muito mentiroso. Você ouve uma coisa na mixagem e outra completamente diferente no vinil. Era um disco muito mais agressivo. Do jeito que ficou não representa exatamente o que a banda queria na época", lamenta.

Independente disso, *Maior Abandonado* canalizou o sucesso de "Bete Balanço" lançando-os em escala nacional. Foi o primeiro grupo de rock a excursionar pelos principais centros urbanos do país.

Foi uma oportunidade de conhecermos o Brasil. Talvez por toda essa absorção de informações distintas, e por uma interpretação diferenciada, houve um abismo tão grande entre o que a banda queria fazer e o que o Cazuza estava pretendendo", avalia Frejat. "Havia duas forças de direcionamento artístico. Durante um tempo essa fricção fez coisas produtivas, depois elas tenderam a virar inimigas. Com a saída dele (*Cazuza em 85*), a gente tinha um puta certeza da maturidade da banda musicalmente. Aí começou um outro ciclo, cada um descobrindo qual é o seu papel dentro do Barão.

Até então, a mídia explorava a imagem do grupo como *a banda de Cazuza*. "Havia, além do trabalho dele como letrista, todo um trabalho musical da banda. As duas coisas interagiam. O nosso lado ninguém valorizava", afirma Frejat. "A gente estava numa situação limite. Se avançássemos, seria uma besteira", admite Guto Goffi, descrevendo o saldo imediato da saída de Cazuza: "Fomos jogados às baratas, só porque saiu o vocalista e letrista. Não existe essa coisa 'com Cazuza/sem Cazuza', sempre foi Barão Vermelho. Lógico que muita coisa mudou, mas o trabalho todo vem

"Ser rotulado é a coisa mais nociva para qualquer artista" (Guto Goffi)

evoluindo desde 81 até agora.

Em 89, a gravadora Som Livre (da qual Cazuza e Barão estão desligados desde 85 e 86, respectivamente) lançou a coletânea *Os Melhores Momentos de Cazuza e Barão Vermelho*, supervalorizando assim a presença do vocalista e subestimando o grupo, em um claro apelo consumista. Algumas das músicas incluídas nesta coletânea tiveram o crédito de interpretação alterado, colocando Cazuza e Barão Vermelho.

Para preservar a qualidade poética do repertório anterior, o grupo recorreu a parcerias com letristas como Arnaldo Antunes e Antonio Cicero. *Declare Guerra* é o resultado desta experiência.

Neste disco aparecem ainda duas letras do baterista Guto Goffi ("Declare Guerra" e "Torre de Babel"). "A Denise Barroso também me deu algumas coisas do Julho (*Barroso, líder do grupo Gang 90, morto em junho de 87*), a pessoa de quem eu gostava demais", lembra Frejat.

Quando fizemos o *Declare Guerra*, que é um disco superverdadeiro, super-representativo daquela fase sacanas que, enquanto as letras não tivessem a mesma personalidade que o Barão já tinha musicalmente, o público sentiria falta de um pedaço da cristalização da banda. O *Rock'n Geral* foi esse passo. É um disco que já tem muito mais letras dos próprios músicos do Barão", garante Frejat.

O grupo precisava de um tempo para amadurecer junto com suas próprias letras. Lançado em 87, *Rock'n Geral* foi o primeiro LP da banda pela WEA. O resultado acabou apontando para as mais diversas direções. "Por isso a gente botou o nome de *Rock'n Geral* que traz praticamente todas as vertentes do rock'n roll", diz o guitarrista.

A gente tem essa coisa de aprender muito com os discos anteriores, de pesar muito cada aspecto dos discos. A gente sabe quais são os defeitos deles, mas isso não tira suas virtudes.

Assim como *Maior Abandonado* representa o apice do primeiro ciclo, *Carnaval* o faz no segundo. "A gente ficou bastante junto para compor, arranjar, conceber o disco, todas essas coisas. De todos, é o disco mais satisfatório em termos de resultado. Pode não ter vendido tudo aquilo que nos esperávamos, mas recolocou o Barão no cenário do rock, com o respeito que ele merece", assegura Frejat.

Para De, nos dois discos anteriores a *Carnaval* "faltou uma divulgação melhor, por parte da gravadora. Com o sucesso de 'Pense Dance', o grupo voltou a se apresentar para grandes platéias, algo que realmente estimula quem vive de rock'n rol.

Após fechar este segundo ciclo, o Barão partiu para uma retrospectiva de toda sua trajetória. *Ao Vivo* é o resultado deste balanço. Segundo De, "uma polaroid bem tirada". Para Frejat, "foi o momento em que a gente estava tocando melhor, a banda estava superentrosada como quinteto (*com o guitarrista Fernando e o percussionista Peninha*). Tocar as músicas inéditas também foi uma forma de mostrar que a evolução não para nunca.

O disco representa uma afirmação do estilo musical do Barão, retomando parte do repertório da primeira fase — cujas gravações não contavam com a voz de Frejat — e retratando o espírito dos shows que sucederam *Carnaval*, incluindo "Satisfaction", dos Rolling Stones. "Nós jamais gravaríamos 'Satisfaction' em outro disco", declara Guto Goffi.

A mixagem, que contou com o trabalho dos músicos, gerou muita controvérsia. "Num disco ao vivo, você pode procurar várias coisas. A versão melhor executada, a que tem maior calor de público, a que está mais espontânea. Você tem várias opções", esclarece Frejat.

O que há algum tempo parecia limitar as possibilidades criativas e comerciais do grupo, hoje parece ser seu grande trunfo. Após oito anos de estrada, os músicos do Barão acreditam que não há mais uma posição fechada do público e da mídia diante do rock'n'roll da banda. "Em qualquer género de música, são as pequenas sutilezas que fazem a diferença. Talvez o grande público não as entenda, limitando-se ao que está realmente explícito. Cada vez mais nos procuramos não fazer um clichê do rock'n roll. Queremos que entendam que não estamos aprisionados e sim apaixonados pelo rock'n roll", atesta Frejat.

"As pessoas vão te encurralando para você ser isso ou aquilo. É a coisa mais estagnante e mais nociva para qualquer artista", diz Guto Goffi. "Se a gente fizer qualquer coisa que não seja rock'n rol, se ferra, porque o Barão só pode ser uma banda de rock'n'roll", emenda Frejat. Para Guto Goffi, "a mídia força isso".

O Barão goza de um certo trânsito entre outras bandas. "Eu já fiz coisas com os Titãs, o Dé, com o pessoal dos Engenheiros do Hawaii; o Guto, com o George Israel (*do Kid Abelha*). Tem um diálogo, tem uma troca".

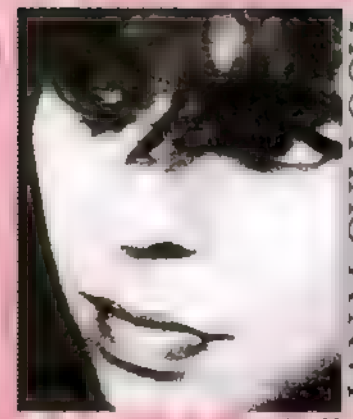
"Principalmente depois do *Cabeça Dinossauro*, os Titãs vieram com uma postura muito radical. O Barão tem um pouco desse radicalismo, de tocar pesado o tempo todo. E com esse lado que a gente mais se identifica", coloca Dé.

Uma nova forma de intercâmbio com outros grupos veio através da participação de Frejat como produtor do último LP dos Inocentes, e de Dé, que produziu *Rock A'bula*, dos Cascavelletes. "Eu fiquei superentusiasmado com o trabalho. Eles têm umas coisas bem sacanas, uma coisa de que eu sempre gostei. Eu acho superimportante essa relação de troca. De repente tem o Midnight Blues, uma banda de blues que a gente geralmente toca e faz jams com outros músicos", argumenta o baixista do Barão.

"No Midnight Blues pinta o Luis Melodia para cantar, Renato Russo, Kiko Zambianchi, Herbert Vianna, todo mundo já participou", informa Guto Goffi. O fato de o Barão Vermelho ser uma banda de rock não limita a atuação de nenhum de seus músicos. Segundo Frejat, "no Brasil é muito difícil chegar a uma posição que te deixe com jogo de cintura para transitar por aquilo que você estiver a fim de fazer, sem ficar preso a um rótulo".

Para ele, a mídia é um obstáculo nesse sentido: "O errado é pensar que se você é roqueiro não pode gravar uma faixa num disco da Gal. Ao contrário, você como roqueiro pode estimular uma coisa na Gal que ela já tem desde *Fatal*, e tirar um pedaço dela que a maior parte do público roqueiro de hoje não conhece. O excesso de rotulação por parte da mídia atrapalha".

OS ANOS 90 TRAZEM OS LPs SOLO DOS GRUPOS CONSAGRADOS EM 80



IAN McCULLOCH CANDLELAND

Ian McCulloch
Ex líder & vocalista do Echo & Bunnymen

Holly Johnson
Ex-líder & vocalista do Frankie Goes to Hollywood

Martin Gore
integrante e Compositor do Depeche Mode

EM LP & K7 wea

O ESTRANGEIRO

Uma visita às sessões de gravação do último disco de Mr. NICK CAVE

"Hoje, eu não tenho nada a dizer..." A frase não era rigorosamente exata, pois encerrava cerca de três quartos de hora de conversa. Nick Cave parecia um pouco cansado e preocupado depois de seis horas de trabalho — e mais outras tantas pela frente. Dali a dois dias Nick e os Bad Seeds partiriam de São Paulo, onde gravaram seu mais recente LP.

Talvez por isso ele parecesse um pouco distante e absorvido em outros pensamentos que não o *penne ao sugo* e o gravador à sua frente. Estávamos em um restaurante perto do Estúdio Cardan onde Nick fez questão de preparar nossas caipirinhas ("Eles me enganaram outro dia. Me disseram que havia a vodca que eu bebo, mas fizeram a caipirinha com outra"). Esse jantar-entrevista complementava uma visita que havia durado toda a tarde.

Nick aterrissou no Brasil pela segunda vez no começo de setembro de 89, quase um mês antes de os outros Bad Seeds chegarem. Ele veio passear com sua namorada brasileira por Salvador ("Muito selvagem, mas muito bonita") e Natal ("O tempo estava péssimo"). Em todos os contatos, através do selo Stiletto ou feitos diretamente, Nick não disse nem que sim nem que não à possibilidade de algum jornalista visitar o estúdio durante as gravações. Mas naquela quinta-feira, a solução foi simplesmente aparecer — depois de receber o sinal verde do baixista Mick Harvey, o sujeito mais "difícil" da banda e, por tabela, o menos partidário de intromissões jornalísticas — e criar um fato consumado. Nick reagiu como um gentleman. Um pouco paranoico — mais de uma vez ele confiscou meu caderno para "censurar" as anotações —, mas gentil e simpático, completamente distante da arrogância que lhe atribui a imprensa inglesa.

Sua figura alta e magra, contrastava com os dois cantores brasileiros — Clovis Trindade e Rubinho —, que estavam gravando

"Houve uma tentativa deliberada de evitar músicas rápidas e agressivas"

os backings de "Foi na Cruz". A música é um verso livre — Nick canta o refrão um pouco modificado em português e fez uma letra para o resto da canção — de um hino de igreja pentecosta. "Foi na cruz / foi na cruz / que um dia / meus pecados castigados em Jesus" cantavam os brasileiros. Nick não estava satisfeito com a forma como eles acentuavam o "a" nas palavras "na" e "dia". Depois de várias repetições, Clovis finalmente concluiu que deveriam fingir estar "mortos", ao chegar em "dia", provocando risos.

Nick sempre declarou que era Mick Harvey quem "traduzia" suas ideias para a forma musical, mas no estúdio mostra ter uma noção muito precisa de onde quer chegar e trabalha com minúcia e paciência. Mick e Victor Van Vught, o engenheiro de som, dividiam o comando com Cave.

O refrão de "Foi na Cruz" estava pronto. Nick começou então a parte que recita sobre os backings: "Dream on my darling / dream till you can't dream no more" (sonhe, minha querida / sonhe até você não poder mais sonhar). Algo estava saindo errado. Ele teve de repetir várias vezes até o momento que soltou um "I hate this talking" (Eu odeio essa fala). A canção, que até agora tinha uma condução muito suave, foi ganhando em dramaticidade com a voz saída das entranhas de Nick.

A maioria das músicas do disco veio pronta numa demo gravada em Berlim. Nick define: "São canções bem tentas e românticas. Nós queríamos fazer um disco que fosse diferente dos outros. Eu comecei compondo canções muito melódicas, e aí foram aparecendo letras líricas e românticas — de savergonhadamente românticas...". Seus pensamentos parecem errar e ele muda de assunto: "Você parte de uma ideia inteiramente sua, você não tem dúvidas a respeito e vai trabalhando a partir dessa ideia, você tem fé. À medida que as canções vão se desenvolvendo e vão se aproximando de como serão no disco, você começa a pensar no que as outras pessoas não achar e, de repente, as dúvidas te assaltam. Você fica imaginando quem irá ouvi-lo. Você tem de combater esse tipo de dúvida e continuar trabalhando. Ao mesmo tempo é bom porque as dúvidas significam que o disco é estranho, diferente dos outros. Seu público tem de mudar a ideia que tem sobre você ou, então, não ouvir mais sua música. Você força as pessoas a tomarem alguma decisão em relação ao seu trabalho, aceitar ou não as mudanças".

A audição de três músicas ainda em estado bruto, sem mixagem ("Foi na Cruz", "The Hammer Came Down" e "The Witness Song", estas duas últimas com título provisório), indica que o elemento novo está na mudança de temas. Onde antes imperavam a loucura, a morte e a condição humana em situações extremas de degradação moral, aparece o romantismo temperado pela melancolia. No estúdio, Nick havia dito: "As músicas falam das coisas simples da vida", em tom um pouco irônico. Depois resumiu o que exatamente havia norteado as composições do disco:

É um sentimento muito forte, que eu tenho há muito tempo. Simplificando, é uma tristeza associada à memória. Aquela tristeza que surge ao lembrar de determinadas coisas, que uma vez foram significativas, mas já não são mais e continuam pesando nas lembranças... Aspectos fetichistas e obsessivos que a lembrança de certas coisas tem, como uma pessoa que te lembra uma outra e por isso você fica atraído por ela... Eu estava tentando achar um certo sentimento — essa tristeza arrastada por coisas perdidas, que se foram... Eu fiz o disco para tentar explicar isso, não por palavras, mas por um tipo de sentimento que um disco envolve. Nesse sentido, houve uma tentativa deliberada de evitar músicas rápidas, altas e agressivas.

Ele parece estar obcecado pela tristeza como força criativa. No seu primeiro romance, *And the Ass Saw the Angel* (*E o Asno Viu o Anjo*), "o personagem central vai se afundando na areia movediça ao longo do livro, vai se afundando na tristeza e na depressão. É um bom livro, você tem de lê-lo. E aconteceu uma coisa em relação ao disco... O livro é realmente prolixo e denso, pesado de ler. Eu tentei fazer letras bem diretas e simples para este disco. Tentei evitar as letras pesadas. Minha intenção era fazer letras que fossem bem mais simples mas ao mesmo tempo mais misteriosas".

Numa entrevista publicada um ano atrás, antes mesmo de vir ao Brasil pela primeira vez, ele disse que gostaria de morar aqui. Nick mudou de ideia, mas nem tanto: "Eu vou continuar voltando várias vezes. Não posso morar no Brasil permanentemente, é impossível. Eu gostaria realmente de achar outro lugar fora da Europa para viver, mas é muito difícil. Com a Austrália é a mesma coisa, é muito longe. O Brasil tem os mais incríveis problemas, o clima político e econômico é absurdo e mesmo assim as pessoas não se deixam esmagar. Em Londres, todo mundo está tão morto com os problemas que aparentemente tem... Na verdade, eles não têm problemas como os brasileiros".

"Eu tenho a habilidade de me manter no topo das coisas, de manter o senso de humor." Pelo jeito, a banda também. Blixa, por exemplo, era o protagonista das palhaçadas. Mick é especialmente ágil nos trocadilhos. Até as citações bíblicas servem de matéria-prima. Momentos antes de Nick fazer a pausa para o jantar, o assunto era o título do disco (até o fechamento desta edição, ainda sem nome definitivo). Mick perguntou: "Qual será o título do disco? *Jesus Wept*?" (Jesus chorou)" "Não", respondeu Blixa, "*The Ark* (A Arca)" "*The Fart* (O Peido)" sugeriu Kid. Blixa explodiu numa gargalhada e "achou" o nome: "Não, já que tem de ter alguma referência religiosa vai ser *The Noah's Fart*!". Nick se divertia com a enxurrada de asneiras. Mais tarde voltaríamos a conversar sobre o nome do disco. Quando ele tentava definir o que desejava expressar com o disco, me ocorreu que o que descrevia estava muito próximo do significado da palavra "saudade". Contei para ele, adicionando que existia uma espécie de crença nacional, segundo a qual essa palavra seria intraduzível, só existente na língua portuguesa. Num tom um pouco vago, Nick respondeu: "É, talvez tenha sido por isso que eu vim gravar o disco no Brasil. Talvez eu o chame assim".

A PALHAÇADA CONTINUA

BRASIL

"O DISCO"

LANÇAMENTO SIMULTÂNEO EUROPA/E.U.A.

UM EM DOIS

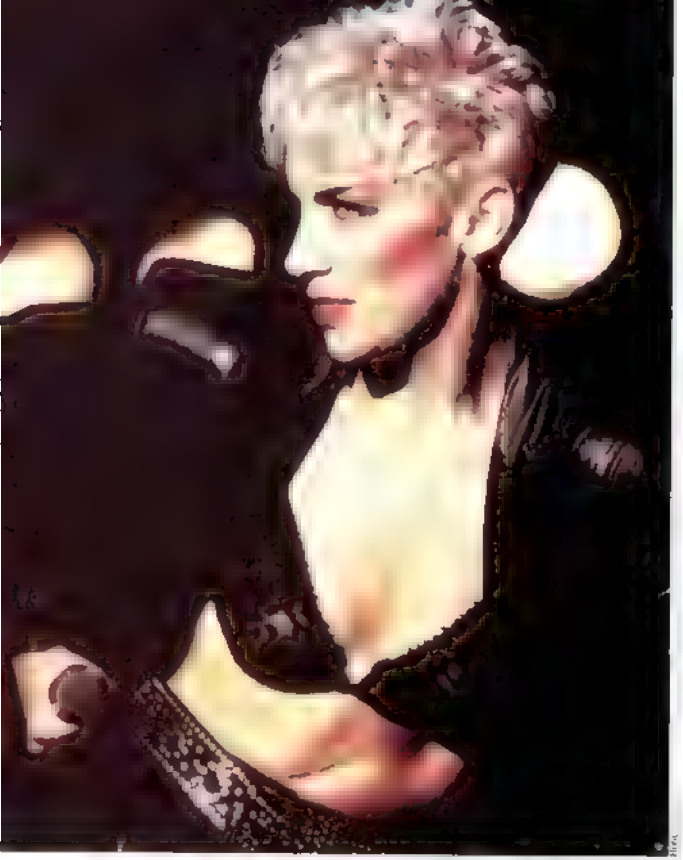
A bela é Annie Lennox.

A fera é Dave Stewart.

A união dos

EURYTHMICS

resiste e sobrevive



"Eu gosto da androginia, mas virou um clichê"

(Annie Lennox)

Imagine dois pintores trabalhando na mesma tela. Um deles está tentando fazer lindas flores, enquanto o segundo está pintando naves espaciais do outro lado.

Se Dave Stewart avalia desta forma seu relacionamento com Annie Lennox, não deixa de ser um milagre a dupla estar resistindo a doze anos de convivência.

Dave conheceu Annie numa escocesa alternativa, onde ela trabalhava com garçonete e tocava flauta e teclados nas horas vagas. No mesmo dia, eles se tornaram namorados e parceiros musicais. Sua primeira banda, The Tourists, chegou a gravar três álbuns, mas a releitura que faziam do rock americano dos anos 60 nunca saiu da obscuridade.

Na aurora dos anos 80, o casal deu uma guinada de 180 graus. Depois de dissolverem os Tourists, se voltaram para a música eletrônica alemã. O tecno-pop que resultou do encontro de Dave com Conny Plank — famoso como produtor do Can e do Kraftwerk — soava ao mesmo tempo inovador e acessível. Annie apurou sua técnica vocal, valendo-se de sua formação clássica. *In the Garden*, a estréia em vinil de 81, trazia ainda a participação de pesos pesados como Holger Czukay e Jaki Liebzeit (Can), Marcus Stockhausen (filho do precursor das experimentações eletrônicas, Karlheinz) e Clem Burke (bateria do Blondie).

A excentricidade já era uma das marcas registradas. Um flagrante de ensaio, como conta um jornalista da *New Musical Express*, poderia mostrar "alguém tocando uma flauta chinesa envolta em cascas de cebola enquanto Annie cantava em hindu e Dave tocava guitarras suspensas a partir do teto".

Os Eurythmics que foram revelados ao mundo em 83 — com o estouro mundial de *Sweet Dreams*, o segundo LP — haviam deixado de lado as extravagâncias e o experimentalismo mais radical, embora mantivessem alguma dose de estranheza. A figura andrógina de Annie, com seus cabelos curtos e suas roupas de couro negro, parecia especialmente talhada para o gosto que estava começando a se difundir através da febre dos videoclips e da consolidação da MTV, visual pesado, mais pop à base de teclados, *Sweet Dreams* estava condenado ao sucesso.

Essa projeção internacional veio acompanhada da primeira crise que poderia ter dado fim à banda. O lançamento do segundo LP foi precedido da separação do casal. Na verdade, é curioso o fato de a colaboração profissional não ter se interrompido, como Annie mesmo observa: "Permanece um mistério para mim. Nós somos o único casal que se separou e continuou junto. Não conheço mais ninguém que tenha passado por uma experiência semelhante. Estamos sempre lutando para ficar afastados um do outro, mas quando nos tornamos Eurythmics é tão concreta, tão definida a entidade musical que nem eu nem Dave podemos nos livrar disso."

Aproveitando o embalo, eles lançaram *Touch* ainda em 83, e uma versão com remixes para pistas de dança (*Touch Dance*) no começo de 84. A fórmula que os consagrou seguia materada.

"Eu nunca fui nem punk realmente, nem hippie e não sou uma roqueira. O que eu faço melhor é ser eu mesma." Embora Annie goste de dar este tipo de declaração, é inegável que eles construíram uma imagem pública, que serviu como uma luva para a estética dos anos 80: cool, mas com suingue, sensual sem exagero, pop temperado por uma pitada de ousadia.

Nem a participação em empreendimentos cinematográficos, uma constante da música pop da década passada, ficou fora do currículo dos Eurythmics. Eles compuseram a trilha sonora para *1984*, a acertada adaptação que o diretor Michael Radford fez para a obra de George Orwell. Por sua vez, Annie trabalhou como atriz em *Revolução*, ao lado de Al Pacino e Nastassja Kinski.

"Acho saudável que a gente exista no mundo pop", disse Annie uma vez. "Nós contribuímos para uma textura mais rica do cenário por sermos tão diversificados, ecléticos e mutáveis." *Be Yourself Tonight* (85) provou que existia vida além dos teclados, fazendo uma incursão mais acústica pelo soul e rhythm'n blues, com convidados especiais como Elvis Costello e Aretha Franklin. "O fato de que eu, uma escocesa branca, às vezes cante um gospel incrível e perverso em si mesmo, é quase vanguarda."

Era a segunda reviravolta realizada pela dupla. A cantora inclusive deixou de investir na ambigüidade sexual. "Eu realmente gosto da androginia, no sentido de que é uma coisa perigosa, desafiadora e um pouco perversa. Imprevisível. Mas a um certo ponto virou um clichê. Eu tive de desistir quando a mídia assimilou."

O duo marcou 86 com *Revenge* e uma turnê de dezoito meses. "Nós somos os Liberaces do rock. Eu adoro ficar lá na frente, me descabelando para o prazer do público. Afinal, vocês pagam por isso." A declaração foi de Dave, mas a extensão da excursão foi esgotante para Annie: "Eu me tornei uma pessoa envernizada. Tudo eram rostos e pessoas me dando tapinhas nas costas e dizendo 'ótimo, ótimo, ótimo'. Tanta falsidade."

Seria mais do que razoável se a banda fizesse uma pausa depois dessa maratona, mas ela só veio depois do lançamento de *Savage*, em 87. O preço da superexposição foi cobrado nesse disco, quase unanimemente considerado asséptico e apático.

Os dois anos fora dos estúdios não significaram folgas prolongadas. Dave — que já havia se exercitado como produtor com Tom Petty, Ramones, Mick Jagger e Daryl Hall — jogou suas fichas em seu selo, Anxious Records. Morando em Los Angeles com a mulher Siobhan (ex Bananarama) e o filho Sam, ele criou o programa *Beyond the Groove*, exibido na TV americana. Mistura entrevistas e números musicais, com um ilustre condutor bastante insólito: Harry Dean Stanton dirigindo um táxi que tem como passageiros pessoas famosas como Ry Cooder e Ike Turner, e comuns.

Os Eurythmics também participaram, ao lado de Sting, R.E.M. e U2, do *Greenpeace Breaktrough*, o álbum duplo que apresentou o rock ocidental para a União Soviética e viajaram a Moscou para promovê-lo.

No final de 88, a vida pessoal de Annie, que volta e meia ameaça atropelar a vida artística — casamentos e descasamentos, a morte do pai — forçou uma parada para tomar fôlego. Casada atualmente com um cineasta israelense, ela teve uma gravidez frustrada. A cobertura da imprensa sensacionalista inglesa pintou a dramaticidade do episódio. Sua convalescença foi no Caribe, com direito a uma esticada no Rio e Salvador no começo do ano passado.

A invasão da privacidade é um aspecto inerente à vida das celebridades e Annie sabe disso. "Eu acho esse jogo perigoso, expor sua vida e vendê-la. Eu quero preservar minha integridade e, em geral, eu acho que nos conseguimos."

We Too Are One retoma o ritmo que parecia perdido desde *Revenge*. Para isso, Dave explica que optou pela simplicidade. "Tentamos manter o som como o de uma banda o máximo possível. Os discos dos Eurythmics têm sido o caos: orquestras, participações especiais, em suma, grandes agitos toda vez que vamos gravar."

Na opinião da cantora e letrista, trata-se de um disco diferente. "Para mim, a música é uma espécie de catarse. É uma oportunidade de expressar os meus sentimentos. Ainda me dá essa chance. E em relação às coisas que aconteceram comigo", acrescenta, "me fizeram entender que a condição humana é frágil." Modesta, ela não se inclui no time dos grandes letristas. "Só há um Bob Dylan, Elvis Costello, Van Morrison ou Chrissie Hynde. Eu só consigo escrever o que vem de forma natural."

"Há um monte de canções sobre o amor feitas por muita gente, inclusive os Eurythmics. É sempre uma tremenda fonte para a música. O ódio é uma emoção interessante por ser o oposto do amor e é tão forte e violento quanto", justifica, quanto perguntada sobre a letra de "I Hate You". "Felizmente meu sentimento de ódio não tem sido ativo a ponto de me forçar a sair e fazer algo contra alguém. Mas já me senti assim e tive de lidar com isso de maneira artística, pensando que, bem, eu posso me ser uma magoada mas não vou fazer nada porque as coisas podem se resolver. E, enfim, penso que todo mundo canta sobre o amor mas ninguém tem coragem de escrever sobre o ódio."

Os Eurythmics nunca tiveram um perfil engajado mas, às vezes, Annie sente necessidade de se manifestar: "Fico curiosa em saber o que significa fazer sucesso na nossa sociedade. 'The King and the Queen of America' dá uma porrada nessa relação irônica que a sociedade supostamente avançada tem com o que realmente existe... analfabetismo, falta de moradias adequadas... Só quis colocar essas duas coisas em confronto: as pessoas vencedoras com uma monte de dinheiro e muita desgraça ao seu redor."

"Adoro ficar lá na frente, me descabelando para o prazer do público"

(Dave Stewart)

Annie e Dave não pensam em um próximo disco tão cedo. Tanto um como outro estão envolvidos em projetos bastante diversos. Dave, usualmente definido como um "workaholic" (algo como "viciado em trabalho"), pretende produzir o disco da banda de Siobhan, Shakespeare's Sister, enquanto começa a trabalhar no seu primeiro LP solo. Annie quer um período de recolhimento para tentar "uma vida normal".

Mas não há com que se preocupar. Como afirma a militante platinada Lennox: "Sempre seremos os Eurythmics. Se fomos Eurythmics nos últimos dez anos, não há dúvida de que continuaremos por mais dez tempo."

HOMEM MÁQUINA

PARTE I

A história do grupo alemão KRAFTWERK, de suas origens progressivas à antecipação do "pop tecnológico" ou... tecnopop

Situado na parte Oeste da Alemanha Ocidental, o vale do Ruhr se estende ao longo de uma área retangular de contornos irregulares, recortada pelo rio Reno e sua rede de afluentes. Hoje, o Ruhr não é só o maior centro produtor de maquinaria pesada do país como também um dos mais portentosos complexos industriais do planeta. Foi nele que, em meados do século XIX, os alemães obtiveram o aço pela primeira vez, conquistando dessa maneira sua admissão na revolução industrial. Cerca de vinte quilometros dali, e exposta aos efeitos nocivos dos detritos da Thyssen, Mannesmann, Klockner, Bayer etc., posta-se Dusseldorf, a capital do estado da Westfalia.

Foi em meio a esse ambiente poluido por fumaça, óxido morgânico, fuligem, entulho de carvão e substâncias químicas diversas que surgiu o Kraftwerk, talvez o mais importante e influente grupo eletrônico da música pop de todos os tempos. Não fosse ele, possivelmente boa parte das tendencias musicais que despontaram nas duas últimas décadas — tecnopop, disco, cold wave, industrialismo, house, hip hop — sequer teria existido. Mais adiante poderemos verificar como a referida situação geográfica foi crucial para a formulação dos temas da banda, especialmente a relação homem-máquina, sobre a qual o Kraftwerk veio a desenvolver uma filosofia bastante peculiar.

A origem do Kraftwerk pode ser detectada no semi-obscuro Organization, um quarteto de rock psicodelico fortemente marcado pela música do Pink Floyd (leia-se o LP *A Saucerful of Secrets*, de 68). É no núcleo do Organization que vamos encontrar os músicos Ralf Hutter e Florian Schneider-Esleben. De background classico, os dois vinham trabalhando juntos desde 1967, apresentando-se esporadicamente em auditórios de colegios em Dusseldorf. O detalhe é que, desde essa fase primeva, eles já desenhavam e construiam sua propria trilha eletrônica. Em 1969 o Organization editou, via RCA inglesa, seu único LP, *Tone Float*. A rigor, não se pode considera-lo um exemplo de música eletrônica, uma vez que as seleções incluidas não passam de curtos trajetos obtidos a partir de instrumentos convencionais.

Decepcionados com a fraca repercussão alcançada pelo Organization na Inglaterra, Hutter e Schneider tratam de montar a Alemanha em 1970. Batizam o Kraftwerk (cujo nome quer dizer "Usina de Força", Complexo Elétrico). Aqui cabe um parenteses, o tal "complexo" a que se referiam não era outro senão o de uma refinaria abandonada de Dusseldorf onde faziam ensaios, e que também sediava o protótipo do estudio do amigo Conny Plank (feminência parda do nascente *krautrock*). Foi nessa instalação nada ortodoxa, tendo ao fundo a ruminação mecânica das fabricas, que forjaram o som duro e abrasivo característico de seus primeiros albuns, *Kraftwerk 1* (1970) e *Kraftwerk 2* (1971).

Tais registros captam a dupla — junto a Klaus Dinger e Andreas Hohmann — realizando curiosas experimentações eletroacústicas, mediadas por ins-

Abaixo, Karl Bartos. Na pág. ao lado, Wolfgang Flur. Os dois percussionistas entraram para o Kraftwerk em 1974

trumentos como o violino e a flauta, e pelos recursos tecnológicos de que dispunham na ocasião (*ring modulators*, alternadores de frequencia, *phase shifters* e um genial aparato de percussão operado por células fotoelétricas!). Em ambos, traços do rock progressivo inglês (notadamente o feito pela escola de Canterbury) e da música de vanguarda presente através das emanações das pesquisas de Terry Riley, La Monte Young, John Cage e Karl-Heinz Stockhausen podem ser percebidos sem dificuldade. Enquanto as áspero-percussivas "Stratovarius" e "Ruckzuck" parecem prenunciar a modulação industrialista desenvolvida anos depois por formações como Throbbing Gristle e Cabaret Voltaire, "Von Himmel Hoch" traz (bem ao gosto da época) a citação de uma obra clássica, o *Weihnachts Oratorium*, de J.S. Bach. Todavia, são os dezessete hipnóticos minutos de "Klingklang" que projetam o Kraftwerk para o seu próprio futuro.

Já sem Dinger e Hojmann, mas mantendo Conny Plank no posto de engenheiro de som, o duo gravou seu terceiro LP em 1973. Batizado simplesmente *Ralf and Florian*, e gravado alternadamente em Dusseldorf, Colonia e Munique, esse disco é um passo significativo no processo evolutivo do grupo. De modo inesperado, a música do Kraftwerk abre espaço para temas mais arredados e de breve duração, em que o ritmo — até então obsessivo e rudemente metálico — se desdobra em células suaves, quase dançantes. Outros destaques são o uso do piano elétrico em seqüências circulares — que guardam semelhança com as criadas por Mike Karlledge no Soft Machine — e, principalmente, a maturação do conceito "Kraftwerk", algo que justifica o emprego do material tecnológico como única forma coerente de trabalho na sociedade contemporânea. Pode-se dizer que, para os membros do Kraftwerk, o fator-chave da compreensão do futuro é a técnica. E é por meio dela que organizam seus jogos sonoros.

Sintetizadores na linha de frente, *Ralf and Florian* se afasta do campo experimental violento para expor a beleza glacial da música cibernética em ambiências rarefeitas ("Heimatklange") e exóticas ("Ananas Symphonie", uma suíte psicolepuca emoldurada por ritmos latinos). Mesmo que se trate de uma peça de transição, as relações entre a psiquê humana e o funcionamento dos aparelhos computadorizados, que o grupo esmiuçaria posteriormente, já se deixam entrever aqui.

Apesar do charme das maquinações de *Ralf and Florian*, foi apenas no final de 1974 que o Kraftwerk começou a atingir o grande público. Em pleno auge do rococó sinfônico do E.L.P. e do Yes, os alemães surpreenderam o cenário rock com o notável *Autobahn*, que realizaram em parceria com os novatos Klaus Roeder e Wolfgang Flur.

Nessa gravação, o Kraftwerk pôde confirmar o distanciamento que guardava da chamada "corrente cósmica" (então em voga na Alemanha), ao valer-se da tecnologia de uma forma utilitária e racional. A "viagem" de que falam em *Autobahn* não está atrelada a vôos místicos ou prospecções transcendentais. Ao contrário, ela diz respeito à cinemática pura, ao estudo dos corpos em movimento. Sua peça de resistência é indubitavelmente a faixa-título, um épico urbano-futurista que narra as sensações e impressões dos ocupantes de um Volkswagen que se desloca ao longo de oitocentos quilômetros de uma super auto-estrada, a "Autobahn". Ocupando todo o lado um do disco, seus vinte e dois minutos fascinam tanto pela simplicidade melódica quanto pela utilização exemplar de colagens derivadas do método expressionista. E, quando uma versão editada explode nas paradas de compactos do mundo inteiro, é como se os músicos do Kraftwerk estivessem realmente a ponto de — conforme expresso por eles nos jornais da época — se tornarem os Beach Boys dos anos 80!

Se "Autobahn" providenciou a disseminação de uma outra música pop, a ingenuidade das relações de seus integrantes com a cúpula da gravadora Phonogram levou-os à exclusão dos lucros massivos advindos da venda do LP. Tudo graças à cessão dos direitos totais sobre a obra, pela irrisória quantia de dois mil dólares.

Deslizes financeiros à parte, o que "Autobahn" revelava de mais insólito era a capacidade de provocar empatia tanto nos apreciadores de música "séria" quanto nos freqüentadores das pistas de dança. Outra proeza foi a derrota da barreira lingüística (sua letra foi toda escrita em alemão) e da hegemonia do inglês nas *charts* de inúmeros países. Outra vez, Hutter e Schneider antecipavam os anos que viriam, marcando — quase vinte anos antes dos novos grupos da Europa Ocidental — a necessidade de criar sua própria identidade cultural.

Mais à frente, a não-captação dos *royalties* devidos à "Autobahn" seria compensada por um polpudo contrato com o Capitol.

O primeiro disco a ser gerado no novo selo saiu em 1975. *Radio-Activity* (*Discoteca Básica*, BIZZ 19). Além da detecção de Klaus Roeder (substituído por Karl Bartos), mudanças estéticas — o visual hippie cultivado por barba e cabelos compridos dá lugar a uma asséptica imagem *clean* — e temáticas — a concentração do LP em um único *leit-motiv* as ondas de rádio — se fazem acompanhar da máxima especialização de cada elemento. Assim, Florian passa a se dedicar à parte melódica e à execução dos instrumentos, Ralf concentra-se nos efeitos sonoros e os colaboradores Bartos e Flur assumem o papel de bio-unidades de percussão.

Vozes "tratadas", acontecimentos rítmicos factícios, repetição de padrões sonoros, pulsos elétricos e a esquematização das faixas segundo os efeitos provocados pelas ondas de rádio: *Radio-Activity* é o primeiro registro da banda a dispensar formalmente o uso da guitarra. Novamente referindo-se ao amanhã, encontramos aí o aproveitamento de emissoes radiofônicas em colagens musicais, inauguradas por Stockhausen, que a dupla Brian Eno-David Byrne iria reexplorar cinco anos depois em *My Life in the Bush of Ghosts*.

Imediatamente menos acessível e dançante do que *Autobahn*, *Radio-Activity* também parece se preocupar em resgatar certos valores culturais alemães, sobretudo os que dizem respeito à tradição orquestral. E o que se conclui pela forma com que as vozes são manipuladas. Filtradas e desconectadas da obrigação de portar mensagens, elas subsistem apenas como sons. O mesmo vale para as palavras. Quando presentes nas "letras", estas funcionam no mais das vezes como pistas, códigos cifrados para a apreensão do real do mundo ocidental.

A esta altura, o grupo empreendia turnes com seu sofisticadíssimo equipamento portátil. Foi quando lapidaram o conceito de *electronic body music* (embora nos dias de hoje Luc Van Acker e Cia. reivindiquem a criação do termo), conforme Ralf Hutter expos em janeiro de 77 a um atônito repórter da finada publicação *Beat Instrumental*: "Isso é chamado *electronic body music* porque é mais um jorro imediato de auto-expressão do que propriamente um exercício ensaiado". Os primeiros experimentadores da eletrônica encaravam-na mais como um novo instrumento do que um novo meio, e muitos terminaram girando trezentos e sessenta graus ao colocar todos os seus esforços na reprodução eletrônica dos sons acústicos. O Kraftwerk — e eu quero dizer o grupo como um todo — é na verdade um instrumento musical. Nosso equipamento e nós mesmos funcionamos simplesmente como canais de um único circuito."

Quem julgava esta e outras teorias como demasiado fantasiosas sobressaltou-se quando o Kraftwerk realizou uma insólita colaboração com a Companhia de Bale de Stuttgart. Através de uma aparelhagem inteiramente comandada por raios de luz, os bailarinos puderam tocar sua própria música eletrônica, ao mesmo tempo que proviam o acompanhamento para seus movimentos. Afinal, arte e ciência não eram tão incompatíveis assim!

O hiato compreendido entre *Radio-Activity* e o próximo disco foi preenchido pela coletânea *Exceller 8* que saiu em alguns lugares com o cretino subtítulo "O Melhor do Kraftwerk". Em 1977, a idéia da dinâmica homem-máquina volta a se impor em *Trans-Europe Express*. Saudado entusiasticamente pela crítica, o LP reforça o valor das passagens melódicas, atribuindo-lhes todavia um desempenho que extrapola o domínio da "canção". No todo, predominam rumorações, harmonias delicadas que vão se desenvolvendo pelos trilhos da automação.

Depois do carro e do rádio, o Kraftwerk entregava-se à transmissão das emoções que alguém poderia experimentar durante uma viagem de trem pela Europa. A bordo, a concisão descritiva, a recorrência rítmica, o humor cool (que alude a falta de a laptação do ser humano frente ao progresso) e a linguagem binária computadorizada dão a tônica dessa sutil representação do utilitarismo de nossa era.

É 1977, e o radicalismo punk toma de assalto o velho continente com uma fúria indescritível. Sustentando o neomodismo de forma tipicamente cool na ocasião Ralf Hutter dirigiu-se aos jovens com a seguinte reflexão. "Estamos vivendo numa época em que existem coisas das quais não podemos mais nos esquivar. O que fazemos é uma ponderação acerca de tudo que nos rodeia. Isso é ciência. A ciência, assim como nós, é ambivalente: pode ser usada para destruir o homem com bombas ou para tornar a existência mais agradável pela Medicina. Podemos usar um martelo para bater na cabeça do vizinho ou para construir uma casa. Estou certo de que estamos demonstrando a essa geração, que está contra a ciência, a tecnologia, que com elas é possível realizar coisas construtivas para a humanidade."

O ROCK ALEMÃO, UMA DÉCADA À FRENTE

A partir de 1973, as dissidências do Kraftwerk se reagruparão em algumas das mais inovativas formações da cena eletrônica alemã. Primeiro, Klaus Dinger (percussão) e Michael Rother — que foi membro do grupo, embora não apareça em nenhum disco — moniam o Neu!. Sua escassa produção (três LPs, todos pelo selo alternativo Brain) é o que há de mais ousado no contexto minimal/tribal/eletrônico, chegando ao ponto de algumas faixas utilizarem mudanças na rotação do toca-discos para obter diferentes leituras. E isso uma década e meia antes dos DJ's belgas "inventarem" a *new beat*!

O Neu! rachou em 75 e, mais tarde, Michael Rother uniu-se aos integrantes do Cluster (Dieter Moebius e Hans-Joachin Roedelius) no trio Harmonia, um grupo bem mais próximo da clássica linha repetitiva eletrônica. São apenas dois discos: *Musik from Harmonia* e *De Luxe*. Já num idioma francamente rock, Klaus Dinger se estabeleceria ao lado de Hans Lampe e Thomas Dinge (ambos ex-colaboradores do Neu!) no L.A. Düsseldorf.

Tangencialmente às criações de Dusseldorf, em Berlim o som eletrônico também grassou em *fronts* bastante singulares.

Era lá que se situava o Q.G. do Kos Mische Kurriers, movimento ideológico-místico-anarquista capitaneado pelo jornalista e agitador cultural Ralf-Ulrich Kaiser, e levado a cabo por bandas como Ash Ra Tempel, Popol Vuh, Mythos e Limbus. Toda sua efervescência procedia de uma espécie de retomada do movimento hippie (graças à mudança do guru do LSD Timothy Leary para lá) e do *west coast sound* do final dos 60.

Isolados, mas não menos importantes, são os grupos Faust (oriundo da minúscula Wunne e que soa como um híbrido esquizóide de Captain Beefheart com o King Crimson), Can (o Velvet Underground germânico), Guru Guru (cujo primeiro LP *Ufo* merece ser ouvido até hoje), Tangerine Dream e os solistas Konrad Schnitzler, Klaus Schulze e Manuel Gottsching.

A.G.C.D

INSTRUMENTOS & ACESSÓRIOS

INSTRUMENTOS MUSICAIS
IMPORTADOS DAS MAIS
FAMOSAS MARCAS

Fender Gibson REMO ART Ovation

Violões, Guitarras, Pedais de Efeitos, Baterias, Pratos, Contra-baixos, Peles, Encordoamento, etc.

INTERCONTINENTAL IMP. E EXP.
Av. 7 de Setembro, 1251 - Sobre Loja nº 7 Centro
Tels (092)234-5796 e 233-3741
Manaus - AM

GANHE 3 MESES DE AULAS GRÁTIS, COMPRANDO SEU INSTRUMENTO NA LOJA DO GRUPO AMA.
OBS. COMPRAS ACIMA DE NCz$ 4.000,00

GRUPO ama

ESCOLA DE MÚSICA E ARTE

LOJA ESPECIALIZADA PARA MÚSICOS DE ROCK

GRUPO AMA EM PROMOÇÃO ESPECIAL PARA OS ROQUEIROS DO BRASIL.
CHEGOU NO GRUPO AMA, GANHOU UMA AULA GRÁTIS DOS NOSSOS CURSOS TÃO BADALADOS.

VIOLÃO
GUITARRA
BAIXO
PIANO
SAXOFONE
BATERIA
CANTO
TECLADO
ÓRGÃO

R. Gabriel dos Santos, 103
Tel.: 67-4879 - CEP 01231
Santa Cecília - São Paulo - SP
Próximo a estação do metrô
Marechal Deodoro
NÃO TEMOS FILIAIS!

PESSOAS TALENTOSAS SEMPRE EMOCIONAM

Instrumentos importados e nacionais
Instrumentos sob encomenda
Orientação especializada
Máquinas e mesas para gravação

KORG DIGIDESIGN FOSTEX TASCAM Tagima Ibanez HIAMA METEORO Works Oliver RANE Pearl YAMAHA

GANG
INSTRUMENTOS MUSICAIS

Rua Teodoro Sampaio, 826
Pinheiros CEP 05406 São Paulo SP
Tels.: (011) 883-1673 e 881-7619

O SILÊNCIO NO SOM

Rua Maria Candida Peregrino
Tel.: (011)940 4155 - Telex 11 65221

CABOS E SISTEMAS PARA PROFISSIONAIS
EXIJA SANTO ANGELO

Tel. (011) 940-4155

DANCE MUSIC

CONEXÃO BELGA

Tudo começou em 86 com a música "Flesh", da dupla belga A Split Second — até hoje muito executada nas casas noturnas. Nascia, na cidade de Gand, Bélgica, a new beat, um movimento musical caracterizado por um ritmo programado entre 105 e 115 batidas por minuto e que se tornou uma das principais correntes nervosas da dance music atual. Entre os grupos pioneiros, destacam-se o Maxx ("Cocaine"), Code 61 ("Drop the Beat") e Amnesia ("Ibiza"). Mas há algum tempo a Bélgica já havia cultivado sua própria cena independente da electronic body music. Em 82, muito antes de toda essa onda, surgia o Front 242, abrindo espaço para Poesie Noire, Neon Judgement e outros que nunca apareceram nas coletâneas de new beat. Veio então a invasão dos estúdios por DJs e produtores, entupindo o mercado com vários compactos de doze polegadas do selo Subway sob nomes como Erotic Dissidents, Taste of Sugar e Fruit of Life. Além do Subway, os selos mais representativos são Antler e BCM Records.

Já a principal casa noturna de new beat é um anfiteatro chamado Le Bocaccio (também em Gand), que chegou a batizar algumas coletâneas.

FINALÍSSIMA

É no dia sete deste mês a final do segundo *DMC Brazil DJ Mixing Championship*, no Olympia, em São Paulo (as eliminatórias foram realizadas em dezembro). Estão programadas apresentações de artistas de *dance music* nos intervalos das exibições dos DJs. A comissão julgadora será formada por profissionais vindos dos Estados Unidos e da Inglaterra. O primeiro colocado será premiado com passagem de ida e volta, com estadia paga, a Londres para participar das eliminatórias mundiais.

ALTA ROTAÇÃO

Les Rita Mitsouko — "Tongue Dance" (remixada pelo líder do S'Express, Mark Moore)
Kool Moe Dee — "I Go To Work"
Confetti's — "C in China" (remix com vários trechos sampleados de Jean-Michel Jarre).
2 Live Crew — "We Want Some Pussy" (mais uma versão para a "Melô da Bochecha")
AR Kane — "Pop" (remix de uma das faixas do novo álbum, *I*)
Sugarcubes — "Regina" (este "Propellor Mix" é bem mais dançante do que a versão original do segundo álbum *Here, Today Tomorrow, Next Week*)
Laibach — "Sympathy For The Devil II" (versão acid do clássico dos Stones)
The KLF — "What Time Is Love" (mais uma reencarnação em compactos de doze polegadas da dupla The Justified Ancients of Mu-mu)
A Split Second — "Scandinavian Bellydance" (mix com duas versões; é presença obrigatória em várias pistas de dança da Europa).
Ultra Vivid Scene — "Mercy Seat" (mix de uma das faixas do seu primeiro álbum, boa para abrir a pista).

CONEXÃO BRASIL

Uma alternativa para o mercado fonográfico independente foi lançada pelo grupo gaúcho **Colarinhos Caóticos**, em novembro. Trata-se de *Meios*, um compacto "feito com mãos" — conforme atesta seu peculiar encarte — através do selo fantasma Purnada Ypranada (Inutilidades). Sacos de papel pardo, muito populares em padarias, dobrados ao meio, fazem uma das capas mais artesanais da história. E nessa embalagem que as mil cópias de *Meios*, estão disponíveis. Cada saco foi impresso em silk-screen e numerado a mão. As letras das duas canções também foram reproduzidas no encarte com uma grafia pouco ortodoxa. Uma terceira faixa, "Intra Rolando" — gravada ao vivo no Teatro Renascença, em Porto Alegre —, é composta apenas de uma bateria digital programada aleatoriamente.

O lançamento deste compacto está intimamente ligado ao projeto estético da banda, que procura sempre trabalhar ideias originais. Egisto (voz, guitarra e letras) nunca contou com uma formação fechada: já remodelou o perfil do grupo três vezes, sempre substituindo seus parceiros e mantendo-se como eixo de sustentação dos Colarinhos. Para ele, o trabalho do grupo é como uma doença. "Quem não for doente, não pode tocar".

Em *Meios*, tocam KCláudio (bateria), Beltrão (baixo) e Pôl (teclados e sampler). Os dois últimos já foram substituídos por Fabriano e Big Mac, com quem Egisto e KCláudio pretendem gravar um novo compacto, apostando na viabilidade do formato.

Uma casa noturna onde só se ouve rock nacional?!? A ideia, tão original quanto audaciosa, partiu das produtoras Lisiane Perthus e Patrícia Pimenta. Desde julho, o **Projeto Rock Brasil** *vem ocupando a boate Zoom em Copacabana com uma programação voltada para os alternativos. Os grupos independentes predominam na pista de dança, onde Titãs e Ira! também tem vez. Documentários e clips registrando as produções mais recentes são veiculados nos monitores de TV. Instalações, exposições e lançamentos de fanzines acontecem no Espaço Galeria, que uma vez por mês serve de palco para jam sessions. Numa delas, Humberto (ex-Picassos Falsos), Pedro Luís (Urge) e Fabio Lessa (A Mosca) se reuniram em torno de clássicos da MPB e rock nacional. Em outra ocasião, Gutje (Plebe Rude) e músicos da Elliot Ness (banda em que alaca nas horas vagas) brindaram os presentes com uma esfuziante cover dos Monkees!!! Uma raríssima exceção ao lema do projeto: "Dance com o rock que você entende".*

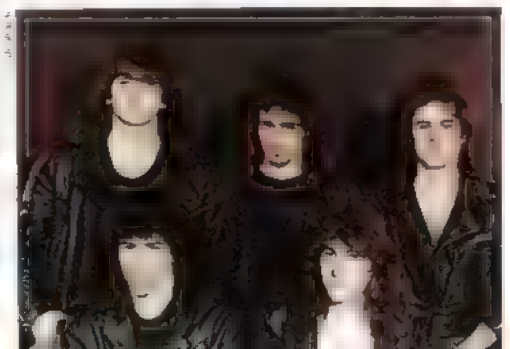
Os paulistanos que sintonizam a Brasil 2000 FM (107.3 MHz) certamente já ouviram o nome **Jai Mahal**. Desde janeiro de 88, ele apresenta na emissora o programa *Reggae Raiz*. O que poucos sabem é que a ligação de Jai Mahal com a cultura jamaicana vai muito além de seu trabalho na rádio. Cantor, guitarrista e aficionado pelo gênero, formou uma espécie de núcleo de produção de reggae, ao qual se dedica há mais de uma década. "Todo mundo que toca reggae hoje em São Paulo já passou pela casa de Jai Mahal", afirma. Entre os frequentadores habituais encontram-se os integrantes das bandas Walking Lions (da qual Jai foi um dos fundadores), Smisemilla e Nômade.

Sua história começa ao lado do itã Nando Reis, que teria ouvido reggae pela primeira vez através das mãos de Jai. Juntos formaram Os Camarões, banda assídua no meio estudantil de São Paulo entre os anos de 79 e 80 (*ver matéria com os Titãs na BI/Z de novembro*). Dos Camarões, Jai traz até hoje a companhia do saxofonista Marcelo Mangabeira. Sua banda atual, **Pacíficos da Ilha**, inclui os músicos Tiano "Kdra" Lancellotti (teclados), Rica "Cave Man" (baixo), Fabio Scattone (bateria), Pedro Mangabeira (guitarra solo), Renata Casseb e Priscila Bahia (backing vocal).

As letras de Jai Mahal se mantêm fiéis aos cânones *rasta* de Bob Marley e seus assecias: versam sobre amor, misticismo, educação, racismo e espiritualidade. "tudo que nos afeta no agitado cotidiano da Babilônia", declara. A música dos Pacíficos também busca absoluta fidelidade aos mestres jamaicanos. Seu som nada tem em comum com as vertentes diluidoras do reggae, tão exploradas na última década.

Leitores argentinos e uruguaios têm cobrado, com insistência, matérias sobre o rock produzido em seus países. Conexão Brasil deste mês atravessou o Chuí e traz, de Montevidéu, o heavy metal do **Alvacast**. *Formado no início de 85, o grupo já participou de quatro coletâneas do rock uruguaio, além de ter gravado dois LPs. Em 86, se apresentou no primeiro encontro de bandas metálicas do Uruguai. Foi o pontapé inicial. As FMs locais passaram a tocar uma fita demo com "Campos de Sangre", primeiro hit da banda, que motivou o selo Orfeo Records a lançar o LP* Al Borde del Abismo, *em 87. No Primeiro Festival Sul-americano de Heavy Metal, em Buenos Aires, o Alvacast foi assistido por mais de vinte mil pessoas.*

No segundo LP, Inocente... Hasta Que Se Demuestre Lo Contrario, *a banda, formada por Gustavo (baixo), Jorge (bateria), Leo e Tycho (guitarras) e Charly (vocais), traz versos em inglês e espanhol, acompanhados de um peso suficiente para derrubar o preconceito dos brasileiros quanto aos grupos latino-americanos. Contatos c/ Claudio Picerno, C.C. 6523, C.P. 11000, Montevidéo — Uruguai.*



Jorge Bispo/Arq. Azul

Se há alguma coisa da qual não se pode reclamar em relação aos Titãs é falta de fôlego. O show de lançamento de *Ô Blésq Blom* foi uma empreitada que somou nada menos que trinta canções. Mas foi justamente a extensão do repertório que fez a apresentação ficar parecendo mais uma retrospectiva, como era *Go Back*, do que uma estréia.

Depois de quase dois anos sem novidades (*Jesus ...* é de 87), a grande expectativa se concentrava nas novas composições e na delicada tarefa de transpor a sofisticação do vinil para o palco. As vozes de Mauro e Quiteria soando no Olympia com apenas metade da lotação aguçavam ainda mais a curiosidade.

Apesar de alguma frieza inicial e de problemas de som, eles demonstraram mais uma vez seu domínio da situação. Desde o primeiro Hollywood Rock, quando tiveram uma consagração unânime, os Titãs vêm aperfeiçoando suas apresentações ao vivo. As músicas se sucedem quase sem interrupção, com poucos momentos de queda de pique.

Com cinco vocalistas, provavelmente é o único grupo do mundo que pode satisfazer todos os gostos. Sérgio Britto arranca grunhos das garotas, sobretudo agora que está mais solto. Branco conquista pela esquisitice. Em "Cabeça Dinossauro", por exemplo, ele dança puxando os próprios cabelos numa espécie de ritual perverso que leva as pessoas à loucura. Arnaldo e Nando surpreendem pela ferocidade que são capazes de imprimir às canções. Paulo talvez tenha a melhor voz de todos.

O vigor de "Miséria", "Medo", "Racio Simio" asseguraram aos fãs que a banda continua com capacidade de aliar peso, simplicidade e letras inteligentes. Os detalhes das versões no disco são impossíveis de serem reproduzidos mas, ao vivo, as músicas ganham maior convicção. A bizarra listagem de doenças de "Pulso" — "rancor, cisticercose, caxumba, difteria / ... / sífilis, ciume, asma, cleptomania" — causou um misto de riso e asco, que foi um dos pontos altos do show.

A eficiência instrumental de sempre foi responsável por uma performance empolgante e coesa. Charles estava num dia endiabrado. Do alto de um praticável ele demolia a bateria com seus golpes precisos.

A surpresa da noite ficou por conta das covers de "Stir It Up" e "Catch a Fire", de Bob Marley, ensanduichadas entre "Go Back" e "Marvin". A partir da dobradinha "O Quê" / "Comida", o aumento crescente de temperatura só foi interrompido pelo funkzinho aguado de "Faculdade" e "O Camelo e o Dromedário", longa demais. Mas logo "Diversão" retomou o ritmo, que chegou ao clímax em "Bichos Escrotos".

Para o bis, foram reservados os hits que não podem deixar de comparecer às apresentações titânicas: "Polícia", "Massacre" e "Porrada" finalizaram a jornada com a platéia suada e ainda querendo mais.

Os Titãs se despediram abraçados. Provaram, mais uma vez, que são uma das melhores bandas brasileiras em cima do palco.

IAN McCULLOCH

Para abrir seu show, Ian McCulloch (ou a gravadora ou os promotores) fez uma escolha infeliz. Os Corn Dollies parecem uma versão de terceira classe dos Bunnymen: voz, guitarras e até a postura de palco — com poses calculadamente "casuais" — imitam ponto a ponto as antigas performances do quarteto de Liverpool. A situação fica ainda pior quando adicionam um "violinista" à formação, tentando sofisticar seu *indie rock* requentado. Felizmente, porém, a tortura dura pouco.

Ao som de "Sound of Music", na voz de Julie Andrews, Ian McCulloch e sua banda, carinhosamente apelidada de Prodigal Sons (Filhos Pródigos), sobem ao palco. A iluminação nesse momento é simples e bela, e permanecerá assim durante o resto da noite.

Ian pega uma guitarra e o show começa suavemente com "Flickering Wall", seguida de "White Hotel" — as duas faixas que abrem o recém-lançado *Candleland*. Nos primeiros momentos, a banda parece insegura e desentrosada. Aos poucos, porém, cada elemento encontra seu lugar, fazendo com que a música se torne mais fluida e natural.

Para Ian McCulloch, esta primeira turnê é um grande teste. Depois de tantos shows antológicos ao lado dos Bunnymen, como ele se sairá com outros músicos no palco? Será possível sobreviver sem a bateria poderosa de Pete de Freitas, ou os riffs mágicos da guitarra de Will Sergeant? Será que ele terá de seguir eternamente na sombra musical do Echo & The Bunnymen? Ou será que algum dia as pessoas vão esquecer que ele já foi uma peça (fundamental) na história de uma das maiores bandas da década de 80?

Enquanto pondero essas questões, sofro a primeira decepção da noite: o público, até então calmo, grita e aplaude ao reconhecer os primeiros acordes de "Rescue". Mesmo contra minha vontade, a comparação é inevitável — infelizmente, os "Filhos Pródigos" saem perdendo.

Depois de "Horses Head" e "Faith and Healing" — a faixa que está no novo single —, somos testemunhas de um momento de rara beleza. "Candleland" é dedicada à filha recém-nascida de Liz Fraser e Robin Guthrie, dos Cocteau Twins — que, por sinal, estão nos bastidores. Embora a voz de Liz, presente no disco, faça falta, a delicadeza e a magia da música estão aí.

Aproveitando o momento de calma, Ian nos apresenta a sua nova banda, sobre o arranjo suave de "I Know You Well". Os Prodigal Sons — a essa altura mais seguros de si — são submetidos a outra prova: "Killing Moon", a favorita de Ian e da maior parte dos antigos fãs, leva a platéia à loucura.

Daí para frente, todas as músicas parecerão menores, incompletas, inseguras. Um efeito mustiado, já que as canções que compõem o último bloco — "Proud to Fall", "Start Again" e "In Bloom" são justamente as que tratam, diretamente ou não, da separação do Echo & The Bunnymen.

Não é fácil sair de uma banda tão significativa e tentar criar, ou reafirmar, uma identidade artística própria, e Ian sabe disso. Como não esperava perfeição, deixo o Kilburn satisfeito — ainda que o fantasma do Echo & The Bunnymen tenha rondado o palco a noite inteira.

Gilberto Tadday/Kino

EDGARD SCANDURRA

Foto Dirceu Alex Kuc

Se o eterno melhor candidato ao título de "melhor guitarrista do Brasil" em seu primeiro trabalho solo optou pela auto-suficiência para sua temporada ao vivo, ele inverteu completamente a situação. Não satisfeito em montar uma banda, ele reuniu nada menos do que oito amigos, estes visíveis, para acompanhá-lo em sua peregrinação pelo romantismo e pelo rock'n roll.

No mesmo lugar em que o Ira! fez o lançamento de *Mudança de Comportamento* em 85, Edgard Scandurra deu um show de perfeito casamento de eficiência, técnica e paixão. Os músicos, reverentes, faziam coro: os bateristas Biba Meira (ex-De Falla) e Cláudio Fontes, os guitarristas Nelsão (Uma Banda Chamada Cavalo) e Fábio Golletti (Violeta de Outono), o baixista Andrei Ivanovic (Vulgos), as *backing vocalists* Natalia Barros (Luni) e Laura Finokiaro e sua mulher Tatiana, no comando dos teclados.

Vestido de maneira sóbria, calça cinza e camisa bordô de gola rulê, Edgard desfiou as doze canções de *Amigos Invisíveis* para uma platéia lotada. Muitos las do Ira!, mas também vários admiradores granjeados pelos anos de sua extensa e diversificada atividade no rock paulistano compareceram para render sua homenagem.

Apesar da exuberância instrumental, os arranjos se mantiveram bastante próximos aos do vinil, mas ganharam energia e emoção. A voz de Scandurra, se não é excelente, tem convicção e firmeza suficientes para não merecer reparos.

"Estamos Neste Trem", abriu a noite, seguida de "Abraços e Brigas", enriquecida por um diálogo entre a guitarra de Edgard e a voz de Laura. A certeza de que estávamos diante de um dos melhores shows do ano veio na levada entusiasmante de "Gritos na Multidão". Para quem tinha saudade dos primeiros tempos do Ira! e dos áureos shows do Smack (como eu), a demonstração de atualidade e frescor de uma canção tão emblemática causou arrepios no fundo da alma.

O espírito do ídolo número um do guitarrista baiano na versão pesada, encharcada de vigor roqueiro de "Our Love Was". Com sua candura (perdão pelo trocadilho irresistível), Edgard não esconde suas referências, assumindo com esse gesto sua inspiração em Pete Townshend.

A escolha da banda, que a princípio poderia parecer confusa, foi revelando surpresas ao longo do espetáculo. A sutileza dos teclados de Tatiana, as preciosas intervenções de Fábio, o balanço do baixo estilizado de Andrei se mostraram capazes de fazer a atenção se desviar por alguns minutos do endiabrado *frontman*. Dispensáveis e algo destoantes do clima geral eram as coreografias das duas *backing vocalists*.

Dono da situação, o normalmente tímido Scandurra nem se abalou quando Roger do Ultraje berrou um "Relaxa, Edgard!". Sorrindo, ele respondeu "pô, meu, até já gozei" e continuou mandando bala. Até as escorregadelas bregas de algumas letras, como "Vou Me Entregar Como Nunca", ficaram adoráveis executadas com sinceridade evidente.

O rápido bis trouxe mais uma vez "Gritos na Multidão" para reafirmar a conclusão inicial: para nosso prazer, o projeto solo de Edgard foi uma das melhores coisas que aconteceram ao rock brasileiro no último ano.

EDGARD, LAURA FINOKIARO E NATÁLIA BARROS

NAPALM DEATH

Algumas semanas atrás, perguntei a Adrian Smith, guitarrista do Iron Maiden, o que achava de bandas como o Napalm Death. Ele riu. "Uma piada!" Sua resposta espelha a reação do público em geral a este estilo, recém-saído dos lugares obscuros onde estava sendo criado para uma relativa luz do dia.

Chame-o do que quiser: hardcore, speed metal, grindcore, thrash, death metal... As diferenças são sutis, se não inexistentes, e definições precisas se tornam difíceis. Suas marcas registradas até agora, muita velocidade, peso e grunhidos incompreensíveis nos vocais. Há quem prefira chamar simplesmente de "barulho". Se você for um deles, não sabe o que está perdendo.

A *Grindcrusher Tour* reuniu quatro bandas inglesas que fazem seus colegas do final dos anos 70, como os Dead Kennedys e o Black Flag, parecer brincadeira de criança. Hoje, o hardcore resulta do casamento enérgico do metal e do punk mais a assimilação de outros elementos, como o funk. O público que compareceu à noite de encerramento da turnê refletia as mesmas variações da música: metaleiros, *crustes* (traduzível como "casca-grossa", são os principais ouvintes deste estilo, em geral moram em *squats*, não tomam banho e pedem esmola na rua) e outras tribos.

O primeiro grupo a se apresentar, o Bolthrower, não impressiona muito. Soa como o Napalm Death, mas falta convicção e personalidade. O *stage diving* se inicia com timidez.

Em seguida, o Carcass toma conta do palco. A banda começou como um projeto paralelo do guitarrista Bill. Desde que deixou o Napalm Death, ao perceber que eles estavam ficando grandes demais e muito envolvidos no *music business*, se dedica a ela em tempo integral. A decisão se mostrou acertada: esta noite o Carcass brilha como ninguém. Alguns números são rápidos e ensurdecedores, mas a banda sabe quando tirar o pé do acelerador e investir no peso, além de aproveitar recursos incomuns neste tipo de som, como pausas e solos de guitarra. O *stage diving* começa a melhorar.

Desde a maneira de se vestir até a estrutura das músicas, o Morbid Angel está mais próximo do metal do que do hardcore. Para provar isto, o guitarrista arrebenta *todas* as cordas de sua guitarra na última canção. A assistência aplaude e a animação também contagia o *stage diving*.

O começo do set do Napalm Death é interrompido por problemas de som. Os fãs aproveitam para pedir a volta de Lee, o ex-vocalista, substituído por um cantor muito inferior, que fala demais entre uma música e outra. Apesar disso, conseguem dar conta do recado tocando clássicos como "Dead", "Scum", "Mentally Murdered" e "You Suffer" — essa última quebrou o recorde de música mais curta do mundo, com apenas poucos segundos de duração. Eles não nos deixam esquecer que foram os primeiros a levar o gênero a extremos inimagináveis de velocidade e peso.

A essa altura, tem tanta gente no palco que fica impossível ver a banda. Na saída, a opinião é quase unânime: o Carcass, por ter explorado com acerto o formato básico, é o grande vencedor da noite.

PAULO RICARDO

Ele ainda é o grande showman do rock brasileiro. E com essa certeza que deixo o Palace, na madrugada fria e chuvosa de São Paulo. As marcas do tempo, o fim do RPM, o descrédito da mídia e do público, nada conseguiu abalar o carisma de Paulo Ricardo, alimentado por um sex *appeal* natural, capaz — ainda uma vez mais — de levar o público ao êxtase.

Não foi nada fácil. O primeiro obstáculo a ser vencido era o próprio local escolhido para o show. Com preços proibitivos e localização ingrata, o Palace era a pior opção possível, como se pode comprovar pelo público que compareceu à estréia. Algumas poucas fãs descabeladas, cercadas por um punhado de casais bem-comportados, mal preenchiam metade das cadeiras. Outro problema — um pouco mais grave — era o próprio repertório, obrigatoriamente baseado no seu primeiro disco individual — um trabalho imaturo e confuso, incapaz de sustentar sozinho o ritmo de um show.

Claro que não bastaria recorrer aos antigos hits do RPM — um velho e desgastado truque, já aplicado nos últimos shows da banda. Assim, Paulo reuniu uma bela seleção de covers, estrategicamente colocadas entre as novas canções e os velhos hits, que compareceram em novas versões, bastante diversas das originais.

Com uma pequena ajuda do amigo Erasmo Carlos, Paulo enveredou pela cover de "Eu Sou Terrível", extraindo do sucesso da jovem guarda uma sensualidade antes inexplorada. "Don't Let Me Down" e "Break on Through" ganharam versões corretas e emocionadas, sem ofender à memória dos Beatles ou de Jim Morrison. O grande destaque entre as covers, porém foi "Walk on the Wild Side", de Lou Reed, onde Paulo finalmente encontrou a harmonia rara entre o provocante e o contido, o malicioso e o ingênuo.

Mas o equilíbrio parecia abandonar o cantor todas as vezes que a banda — liderada pelo outro ex-repetente Fernando Deluqui, na guitarra — acenava com uma faixa do novo disco. No palco, ficou ainda mais evidente o descompasso entre o manifesto veemente da letra de "Canções, Revoluções" e seu complemento musical, um roquinho sem imaginação. O mesmo desconforto ataca canções como "Sem Mim", uma balada que sucumbe aos vocais exagerados de Paulo Ricardo ou a caricatural "A Arte de Fazer Amor", que contém orgasmos com solos de guitarra. As exceções ficaram por conta de "A Fina Poeira do Ar" — uma das melhores faixas do LP que ganhou brilho ao vivo, auxiliada por um belo solo do clarinetista Proveta — e "Lindo e Vindo", um resgate vigoroso do bom e velho rhythm'n'blues.

Conferir um novo sabor aos antigos sucessos é algo que poucas pessoas conseguem. "Rádio Pirata" — que sempre teve mesmo cara de jingle — foi definitivamente sepultada neste show, não entusiasmando nem mesmo as fãs mais ardentes — que preferiram a versão funk de "Olhar 43", ou mesmo a beleza atemporal de "A Cruz e a Espada". Mas é em "Loras Geladas" que a viagem no tempo se consuma, para espanto do próprio protagonista da história. A glória dos idos de 86 renasce na histeria coletiva das fãs que tentam desesperadamente chegar ao palco. O futuro pode ser incerto, o presente pode fazer parte do passado, mas resta pelo menos uma certeza: o rock brasileiro não seria o mesmo sem Paulo Ricardo.

LOBÃO

Com sua personalidade carismática, envolvido pela aura de contestador da porcaria social vigente, o rei cabeludo do rock tupi lotou a casa na estréia de sua temporada no Palace, bocada para lá de bacana tomada pela mocadinho "chique" de São Paulo.

Majestosa cortina levantando. Som apoteótico no ar e eis que luzes coloridas rompem a penumbra revelando para a ansiosa platéia o famigerado Lobão Cuidado.

As primeiras músicas vêm emendadas num fôlego só. Não se sente o tempo passar. O clima de festa é patrocinado por uma sucessão de hits radiofônicos do calibre de "Vida Bandida" e "Canos Silenciosos".

Depois do dinâmico bloco inaugural, o lobo abre o bocão, mostra os dentes e desata a falar. Mau costume no qual persistirá entre um número e outro até o final do espetáculo. Ele comenta que é fofoca o fato de seu parceiro eventual, Cazuza, ter "colorido" e faz coro com a platéia num insistente "Olê, olá Lula". Por sinal, as eleições foram um tema constante de confraternização entre artistas e público no período entre os dois turnos. Também discursou com desenvoltura sobre a ressurreição em vida do ex-Mutante Arnaldo Baptista, o homenageado do ano, para em seguida detonar sua boa versão de "Sexy Sua", inédita do compositor paulista gravada em seu último LP, *Sob o Sol de Paradoz*.

Lobão, que nunca conseguiu fazer um disco à altura do punch revelado nos shows, mantém o público aceso, sem perdão, secundado por uma *big rock band* com tudo que tem direito: desde teclados e percussão discretos e competentes, cheios de sangue negro, até a penteliação saxofônica que acaba pasteurizando os arranjos.

O ponto mais positivo foi a substituição do veterano Marcelo Sussekind, ex-Hervá "Venenosa" Doce, que injetou sangue novo na veia com a malandragem roqueira de Nani Dias e sua guitarra solo à *la* Guns N'Roses.

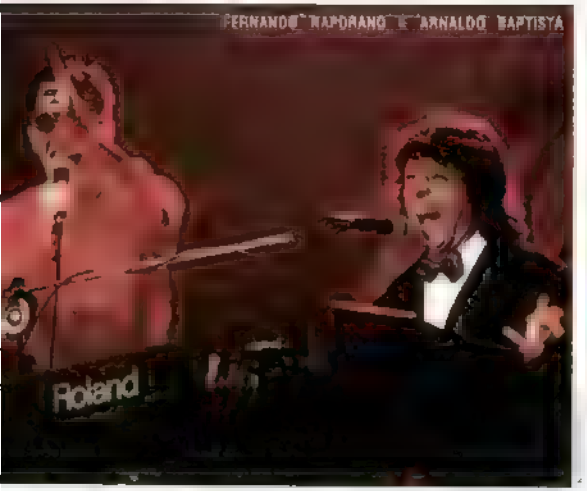
Quando a massa já está devidamente aquecida, ele dispensa os músicos para uma descontração no camarim, enquanto proporciona aos fãs uma interminável sequência de baladas, recebidas com surpreendente ânimo pela multidão. Aplausos mil ao fim de cada canção... e tome balada! Foi tanta enrolação que até o percussionista, provavelmente cansado da solidão enfadonha do *backstage*, saiu pelo meio da platéia desfilando seu chapeuzinho de Daniel Boone.

Depois do lento martírio à base de "Me Chama" e semelhantes, a banda volta para a fauna "Esta Noite Não". Alguns antigos sucessos como "Decadence avec Elegance" e "Corações Psicodélicos" fazem o pessoal dançar, como na época em que o grande lobo pós-Blitz estava mais preocupado com os pés da garotada e ainda não andava às turras com a lei, o que acabou por moldar sua persona pública como o "Rebelde Defensor da Liberdade Juvenil".

Com a oportuna "Quem Quer Votar", Lobão dá o show por encerrado, mas retorna com o inevitável bis.

Nada de "O Rock Errou". Quem esperava uma boa dose de energia para embalar a continuação da noite teve de se contentar com o hit do momento, "Essa Noite Não". Bis com a cara do show, sempre perdido entre os clichês do rock de arena e o poder do verdadeiro rock'n'roll.

SANGUINHO NOVO



Ironismo e irreverência, rock e poesia. "Todos reunidos numa pessoa só", sobrevivente de uma época que viu nascer o melhor grupo de rock deste país. Os Mutantes ficaram no passado, mas Arnaldo Baptista não está nem aí. Ele sobe ao palco e assume tranquilamente seu lugar, condensando a emoção que parira no ar para despeja-la luxuriosamente sobre os teclados e os vocais. O Aeroanta está em chamas. Arnaldo comanda o espetáculo.

A festa vinha sendo preparada há três anos — desde que alguns integrantes do Akira S, 3 Hombres e Fellini tiveram a ideia de gravar um disco em homenagem ao ídolo comum. *Sanguinho Novo*, lançado em outubro, reunia onze bandas e um vocalista (Paulo Miklos, dos Titãs), que conteriam novas leituras às composições do ex-Mutante.

No palco, seria acrescentada outra dimensão, com a presença do próprio homenageado, em participações especiais nos shows das bandas Maria Angelica e 3 Hombres. Arnaldo tocaria na última das três noites no Aeroanta e num show posterior no Projeto SP. O clímax do evento, porém, ficou mesmo para o Aeroanta, já que a apresentação no Projeto SP foi soterrada por uma avalanche de problemas técnicos e de organização.

Sete bandas, revezando-se em três shows por noite, participaram do evento. Na primeira delas, a melhor performance foi a dos 3 Hombres. Mostrando um domínio de palco raro para uma banda iniciante, apresentaram um rock eficiente e por vezes arrebatador, tendo canções como "A Valsa das Caravanas" encerrando com uma irretocável versão de "Dia 36", faixa de *Sanguinho Novo*. Antes deles, havia subido ao palco o grupo Akira S e as Garotas que Erraram, exibindo sua divertida performance para "Sanguinho Novo", auxiliado pelo backing vocals das garotas que formam o grupo Diorama. Ainda nessa noite, os Ratos de Porão contagiaram os poucos punks presentes ao Aeroanta com seu thrash curto e grosso.

O Vzyadoq Moe foi o destaque da segunda noite. Nunca o vocalista Fausto Marthe exercitou seu carisma de forma tão brilhante, destilando seu ódio em vocais teatralizados sobre uma massa compacta de guitarras — força motriz de novas composições como "O Dia e seus Dois" ou "Viva Laus".

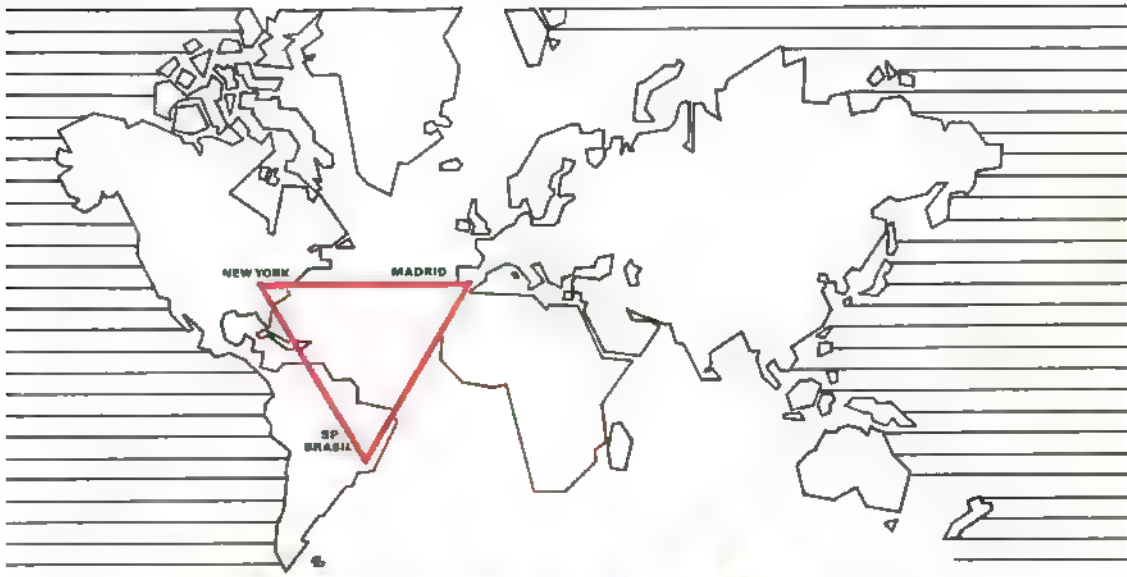
O rock "funkeado" do Sexo Explícito foi o responsável por outro bom show, no qual sobressaíram os vocais atípicos de Rubinho.

Coube ao Felini, na última noite, a tarefa de preparar o terreno para a chegada de Arnaldo Baptista, com um show vibrante, que incluiu uma música inédita, "O Desfile". O Maria Angelica veio a seguir, pronto para conquistar a plateia com os vocais apaixonados de Fernando Naporano e o rock visceral das novas composições (especialmente "Step Motherly").

Já na madrugada de domingo, Fernando anunciou a entrada de Arnaldo Baptista no palco, quebrando um jejum de mais de seis anos. A plateia, incrédula, foi ao delírio no momento que o ex-mutante assumiu os teclados e os backing vocals em "Te Amo Podes Crer". Em seguida, a grande surpresa da noite: "Navio de Louras", uma composição inédita capaz de deixar o mais frio espectador com um nó na garganta.

Saindo ao palco pela segunda vez no evento, os 3 Hombres tocaram a apresentação com Arnaldo tocando "Heart of Stone", dos Rolling Stones. Depois da já esperada "Dia 36", chegava a hora do ex-mutante assumir os vocais para uma eletrizante cover de "Rocket Man", de Elton John.

Era o fim da festa. Mas restava para o público que compareceu ao Aeroanta naquela noite de sábado a certeza de haver presenciado um momento histórico. A poesia de Arnaldo viera para ser sempre.



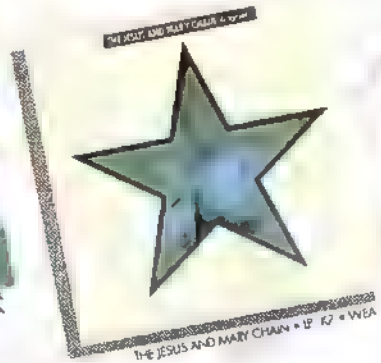
Record Runner®

LP's • CD's • VÍDEOS • POSTERS • IMPORTADOS • "RARITIES"
Av. Faria Lima, 1684 • Shopping Vitrine • Sobreloja 37 • (011) 813.3017 • Cep 01452 • SP • Brasil
New York :5 Jones St. • Madrid : San Bernardo 5

SEDEX A COBRAR • ENTREGA URGENTE • PAGUE AO RETIRAR

ENCOMENDAS ESPECIAIS
LANÇAMENTOS SIMULTÂNEOS

Ouça
e veja
o que não teve no
hollywood ROCK
As maiores bandas do momento



TRANSAMÉRICA FM vai trazer para você o melhor do rock internacional — aquilo que infelizmente você não pode ver "ao vivo".

Responda as seguintes perguntas e concorra:
Quais destas bandas são de Los Angeles e qual das seis você mais gostaria de ver no Brasil. Mande sua carta para a Rádio Transamérica FM mais próxima de sua casa e fique ligado para ganhar um LP especialíssimo para sua coleção, que você nunca encontrará à venda, com as fotos e músicas destas bandas.

Recorte este cupom e coloque no envelope: *Promoção WEA* — SÃO PAULO: Rua Pio XI, 1587 – Alto da Lapa – CEP: 05060, S. Paulo • **RIO DE JANEIRO:** Rua São Francisco Xavier, 961 – CEP: 20.550, Rio de Janeiro • **RECIFE:** Rua Gervásio Pires, 332/ 5º andar – CEP: 50.000, Recife • **SALVADOR:** Rua Pedro R., 28H – Federação – CEP: 40.000, Salvador • **BRASÍLIA:** Brasília LTA – SRTVN – Quadra 701 – Lote B – Asa Norte CEP: 70.000, Brasília • **CURITIBA:** Rua Amaury Jong Silvério, 188 – Pilarzinho – CEP: 80.000, Curitiba

wea

L'EAU ROUGE (THE RED WATER) — THE YOUNG GODS

(PLAY IT AGAIN SAM/STILETTO)

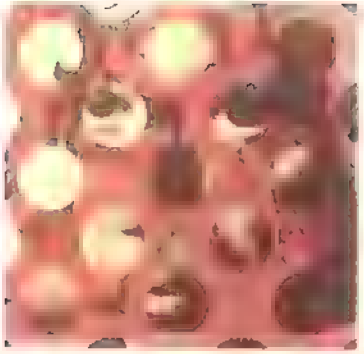
De 86 para cá o rock europeu viu-se abalado pela iniciativa (não programada) de um punhado de artistas que, em última instância, buscavam sua desalienação do tradicional modelo anglo-saxão. Assim, formações como o Laibach (Iugoslávia), Pankow (Itália), KMFDM (Alemanha), La Muerte (Bélgica), The Last Drive (Grécia), Sandmen (Dinamarca), Gore (Holanda), Sator (Suécia) etc. passaram a propagar visões que apontavam rumo a uma utopia musical, um oásis sem fronteiras que acolhesse esta mutidão de etnias e ideais. Dentre todos estes seducionarios, o mais radical e articulado veio da Suíça, The Young Gods.

Há dois anos, eles agraciaram os tímpanos mortais com seu homônimo álbum de estréia: um estranho artefato prenhe de um *brutism* neolítico e referências elementais. Nem mesmo a notória xenofobia inglesa foi capaz de evitar que eles (mesmo cantando em francês) fossem considerados as grandes promessas de 87 e que seu LP — via *Melody Maker* — abocanhasse o prêmio de melhor da temporada. Agora, os Young Gods voltam à carga com *L'Eau Rouge*, trabalho que os consagra definitivamente como o grupo mais importante da atualidade. Aqui pulsa uma música que desconhece quaisquer demarcações, que flui à deriva, expandindo-se por estradas sem fim.

O dínamo que os impulsiona para a frente é Franz Treichler, talvez o último xamã, o último possuído do século XX. Sua voz é o eco do nada, uma eructação infernal que brilha no ar com uma violência tão inteira e desesperada que nos sinaliza com a possibilidade de uma calma idéia da própria violência. Isto nada tem, todavia, de tranquilo ou marfinizado. Em verdade, esta calma idéia de violência insurge-se contra a própria existência, contra o eterno embate entre Eros e Thanatos (do qual se nutre), ao propor arrancar a arte do supremo esvaziamento, o silêncio. Não menos vitais, Lse Hiesland (baterista, um ex-pedreiro especializado em cortar lápides para túmulos) e Cesare Piss (guardião do D.R.O.S.S., sigla para o seu Digital Research For Optimum Sampling System) fornecem o anteparo acústico-eletrônico que se formula por meio de padrões rítmicos avassaladores, fraturas orquestrais e blocos sônicos traficados das mais mustardas fontes — idéias para a catatonia ritualizada de Treichler. E é através deste revolucionário conglomerado de apetrechos que os Young Gods planejam a entronização do apocalipse.

Conforme prenunciado pelo maxi-single "L'Amour" no final de 88, *L'Eau Rouge* revela-se ainda mais duro e metalizado que seu antecessor. Os trechos sampleados de cordas e guitarras, até então apenas insinuados, incandescem agora com a energia de uma supernova. Aliás, é preciso ressaltar que, com os Young Gods, o sampler foi projetado anos-luz à frente da simplória redundância com que vem sendo utilizado pela *acid house* e congêneres. Na dúvida, vale ouvir a introdutória "La Fille de la Mort", em que, a partir de uma música de cabaré, um enxame de cordas nos afugenta rumo a um épico de contornos wagnerianos. Ou a guitarra ectoplasmática de Hendrix (filtrada de "House Burning Down") incinerando sexo e vísceras em "L'Eau Rouge", a canção.

Como se isso ainda fosse pouco, os Young Gods arremetem contra a carcaça do thrash e, para desespero dos bangers, pulverizam o gênero com um rolo compressor chamado "Longue Route". *Eu passant* o trio batiza-se em "Crier les Chiens", celebra a empalação feminina na "Rue des Tempêtes", sangra a polca em "Charlotte" e, num derradeiro desejo de limpeza e expiação, enseja a própria morte em "Ville Nôtre". As chamas ardem, a terra treme. Seja bem-vindo aos 90, os jovens deuses já estão entre nós.



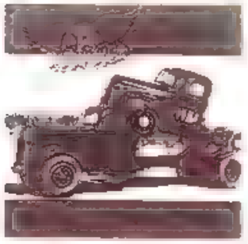
REI MOMO — David Byrne (Sire/WEA)

Talvez o maior problema para a devida apreciação deste disco seja exatamente a quantidade de questões que ele levanta. Seria ele um desses safaris culturais do Primeiro Mundo entediado em busca da "autenticidade" e do "exotismo" do Terceiro? Ou, então, baseado em que o *establishment* crítico primeiro-mundista condena os Paralamas do Sucesso porque eles não soam "brasileiros" e afaga os experimentos de seus próprios pares? E nós, por que vivemos sempre esperando que o Primeiro Mundo nos leia, nos interprete, informe e endosse, nos diga o quão "autênticos" ou "modernos" podemos ou devemos ser?

O fato de *Rei Momo* atirar uma flecha muito precisa no coração do colonialismo cultural é o seu grande trunfo, mas também uma de suas principais danações. Enquanto ficamos todos debatendo interiormente estas e outras questões — saudabilíssimas e oportunas —, podemos tranqüilamente passar ao largo do banquete de música que o disco oferece. Ou, pior ainda, desfrutá-lo como um *statement*, um ponto de vista, uma declaração, e não simplesmente como a grande festa — *antes*, por muitas vezes — que ele é. Byrne confessou aos amigos que a decisão de dedicar à música latina seu primeiro projeto totalmente solo foi muito simples: ele não queria mais se dividir entre a música que gostava e aquela que tinha de fazer profissionalmente com os Heads. Uma escolha intuitiva, singela, baseada no novo: mambo, merengue, *mapeye, orisa* — e, no meio do embalo, o nosso samba — são tipos de música da maior qualidade infecciosa, vital, contagiante, ritmicamente estimulante.

Fino apreciador de ritmos, Byrne escolheu a nata dos músicos latinos residentes em Nova York para executar sem artificialismo o que não chega a ser a sua leitura pessoal desses estilos, mas canções suas que, por acaso, adotam-nos. O resultado é uma grande festa, e a única chave para sua fruição é o abandono. É uma certa ingenuidade, coerente com a do *alter ego* de Byrne, que parece habitar todas as letras, olhando para um mundo incompreensivelmente complexo (e cruel) com um misto de espanto, curiosidade, loucura e deslumbramento.

Ana Maria Bahiana



PUMP — Aerosmith (Geffen/WEA)

Depois das rusgas e da separação de tempos atrás, o Aerosmith atesta que acertou em cheio ao voltar à atividade com este LP. Um trabalho altamente contagiante, balançado, com peso e sensualidade junto a boas harmonias vocais. São faixas quase emendadas umas às outras, numa seqüência capaz de tirar o fôlego do ouvinte, com destaque para "Young Lust", "Love in an Elevator", "Janie's Got a Gun" e "My Girl", além do blues "Don't Get Mad Get Even", e a balada de encerramento, "What It Takes". Em todas elas, mais uma vez fica comprovada a boa forma vocal de Steven Tyler, embalada pelas afiadas guitarras de Whitford e Perry e a cozinha a cargo de Hamilton e Kramer, que conduz o ritmo com a maior segurança. Um retorno marcante de um grande grupo. *L.R.*

WE TOO ARE ONE — Eurythmics (Arista/BMG-Ariola)

Nos idos de 83, o duo formado pelo tecladista/guitarrista David A. Stewart e a vocalista Annie Lennox parecia apontar novas direções para a corrente *new romantic* e o tecnopop em geral com o hit "Sweet Dreams (Are Made of This)". Agora, em seu oitavo LP, percebe-se que seu aperfeiçoamento musical ocorreu apenas em relação à produção. As diferenças em termos sonoros ficaram por conta apenas de uma ou outra ousadia, que consiste em fundir seu usual tecnopop em padronizações na *soul music*. Com arranjos empastelados pelo convencionalismo e as vocalizações "bravas" e perfeccionistas de Lennox, o duo apenas repete aqui as mesmas artimanhas que retiram qualquer mérito de reinvenção da sua música. *F.A.*

BULLETPROOF HEART — Grace Jones (Capitol/EMI-Odeon)

Ainda que com mais garra do que em seu fraco LP anterior *Inside Story*, Grace se limita aqui a parodiar seus próprios bons momentos. O exótico exercício de *Slave to the Rhythm*, com entrevistas e dez versões da mesma música, de 85, estava mesmo destinado a ser, ao que parece, seu último suspiro. De *Slave* são decalcados alguns ritmos dançantes, e até o velho acordeão de "La Vie en Rose" volta em "Amado Mio", acompanhado de vocais em espanhol e francês e uma esdrúxula batucada. Pior. *A.A.*

"BUSTER GOES BERSERK" — Buster Poindexter [illegible]

A "ex-boneca de Nova York" David Johansen ataca novamente sob a identidade do *entertainer* Buster Poindexter com este seu segundo LP. Em relação ao álbum de estréia, a principal alteração ficou por conta da mudança do diretor musical: dos seus integrantes Banshees of Blue [illegible] o lugar de Joe Delia, o que pouco altera no estilo do grupo. Buster persevera em sua linha de cerimoniar canções e festas inesquecíveis, dando novas roupagens a antigas canções, dividindo as parcerias com os metais dos Uptown Horns e temperando essa salada com um pouco de funk e ritmos latinos. *C.P.*

HEART LIKE A SKY — Spandau Ballet (CBS)

Destinado a ser uma daquelas bandas de uma música só (exatamente "True", de 83), o Spandau Ballet continua marcando touca, seguidamente sobrepujado por seus pares da new wave (particularmente o Duran Duran) e toda uma geração de neo-românticos, e hoje leva pau até de Rick Astley. Responsáveis por isso são as fracas composições do guitarrista Gary Kemp. Elas até tentam decolar, com metaizinhos chupados de Phil Collins e o vocal garboso de Tony Hadley. Tentam. *A.A.*

SKID ROW (Atlantic/WEA)

Nos últimos tempos, o rock americano tem revelado inúmeros grupos heavy, sentindo que a maré está boa (principalmente em termos comerciais) para o estilo. O Skid Row é um desses grupos e mesmo antes de gravar já era comentado por várias publicações especializadas, devido às boas aberturas de shows que fizeram para bandas mais famosas. Este seu primeiro LP comprova que sua linha musical — calcada em Led Zeppelin e até mesmo Kiss e Bon Jovi — não traz nada de novo, mas ao menos é feita com eficiência, com guitarras cortantes e bom apoio de baixo e bateria. E é claro que não faltaram dois temas leves e melódicos, daqueles feitos especialmente para tocar nas FMs. *L.R.*

THE SENSUAL WORLD — Kate Bush (EMI-Odeon)

Mais do que a *pop singer* consagrada por "Wuthering Heights" ou "Babooshka", Kate é uma dedicada compositora, arranjadora e produtora sempre extremada no lirismo e no experimentalismo. *The Sensual World* deixa entrever mais uma vez por que ela é objeto de veneração na Inglaterra. Uma espécie de Peter Gabriel de saias, mas um Gabriel mais sinuoso, com menos ênfase nas percussões e mais nas levadas de contrabaixo, nas cordas, sopros e *backing vocals* exóticos. Com participações de John Giblin (ex-Brand X), Mick Karn (ex-Japan) e o jazzista Eberhard Weber no baixo, David Gilmour (Pink Floyd) na guitarra, o trio Bulgarka (de vocalistas búlgaras) e uma dose sensual de malícia. *A.A.*

ISN'T ANYTHING — My Bloody Valentine (Creation/Stiletto)

Dissonância, reverberação, microfonia, distorção, barulho e outros sinônimos em cada cantada sonolenta do segundo LP do My Bloody Valentine, enfim lançado no Brasil, como um soco tardio nos dentes sorridentes da geração *smiley*. My Bloody Valentine é o urro ensurdecedor que sequer os defensores da morte da guitarra podem deixar de escutar. "Minha namorada sangrenta" fala de amor e morte no mesmo sussurro apaixonado, sob o peso sadomasoquista de distorções fatais. A perversão em seus melhores gozos, em outra clássica aventura do rock. Duas gatas estonteantes e dois moços com os cabelos cortados à moda mongolóide, cujo som deslocado mistura a suavidade dos anos 60 com o corte da navalha punk. O sangue corre nas bocas vermelhas. Guitarras que soam como sintetizadores no inferno envolvendo beijos de *candy*. O torpor da ira gravado às sete horas da manhã, após noitadas em claro tocando, à exaustão, o mesmo acorde perfeito, agressivamente. O cansaço e a depressão, a extrema ansiedade e a agitação na mesma dança caótica. Discrepância, choque, drogas químicas, rock. A delinqüência juvenil retardada dos Ramones com um peso que os Pistols nunca sonharam existir. Anarquia no Reino Unido. Desculpem a falta de clareza, leitores, mas este disco é um delírio. Nos vemos na votação dos melhores de 89. *M.P.*

ALÍVIO IMEDIATO — Engenheiros do Hawaii (RCA/BMG-Ariola)

Este título viria a calhar caso o organizador da recente turnê que o trio empreendeu pela União Soviética tivesse se esquecido de providenciar as passagens de volta. Infelizmente, não é nada disso. O mesmo refere-se apenas aos "melhores momentos" do show que o grupo gravou em julho passado, no Canecão. Em meio à arenga ao vivo há duas faixas inéditas, uma das quais abrigando a metáfora *gessingeriana* "Meu coração é um porta-aviões perdido no mar, esperando alguém pousar". É como disse o sábio Frank Zappa: "A tortura nunca para..." *A.G.C.D.*

BIG BANG — Os Paralamas do Sucesso (EMI-Odeon)

Big Bang é o maior passo já dado pelos Paralamas. É bem maior que *O Passo do Lui*, o disco que emplacou vários hits do grupo. É grande o bastante para manter um pé em *Bora Bora* e outro na "Nebulosa do Amor".

De *Bora Bora* vêm os arranjos inconfundíveis, os diálogos entre o trio de instrumentos de base e o trio de metais, com os teclados de João Fera como contrapeso para os dois lados. Da "Nebulosa do Amor" vêm as novidades. A faixa que carrega este título é um samba-canção saboroso, de rara sensibilidade e letra inspiradíssima. "Se Você Me Quer" também se encaixa no bloco das novidades. Um sambinha pouco comum, com a melodia desenhada por um violão enquanto a letra é cantada/falada. O humor vai por conta do "Rabicho do Cachorro Rabugento", que fecha o lado A, e sua versão repentista, "Cachorro na Feira".

Mas os contrastes embutidos em *Big Bang* não derivam apenas da diversidade. Há, neste LP, uma verdadeira montanha-russa de erros e acertos. Enquanto "Pólvora" e "Bang Bang" surpreendem pela fertilidade do solo em que foram cultivadas, outras canções parecem mesmo flores artificiais. "Lanterna dos Afogados" é um desses casos. É absolutamente fria. "Lá em Algum Lugar" sofre do mesmo problema — agravado pelo meloso sax de George Israel, dispensável diante da fartura de metais que caracteriza a sonoridade dos Paralamas.

"Dos Restos", parceria de Herbert Vianna e Liminha, transita por vários estilos mas sem muita desenvoltura. Cada trecho é pontuado de forma muito explícita, diluindo um pouco a força de suas frases. "Perplexo" e "Esqueçam o que Te Disseram Sobre o Amor (Vai Ser Diferente)" trazem um instrumental rico e bem dosado, o que não ocorre em "Jubiabá", música vertida pelo compositor baiano Gerônimo. Sugere uma caricatura de lambada, no estilo global das babas de Luís Caldas.

A força de *Big Bang* está na criatividade que aparece em alguns de seus momentos felizes, em que música, letra e arranjo somam-se em um resultado equilibrado e despretensioso. Quando a criatividade é ameaçada, *Big Bang* corre o risco de ser um passo *menor* que a perna.

Celso Masson

BIG DADDY — John Cougar Mellencamp (Mercury-PolyGram)

Que mundo é este em que vivemos?" pergunta John Cougar Mellencamp na última faixa de *Big Daddy*, seu décimo álbum. A resposta está nas muitas que precedem "That's Question". um mundo sombrio, injusto, por vezes desesperador. Como nos discos anteriores, John Cougar confronta a decrepitude social dos EUA com um ponto de vista populista. Para Cougar a solução está na recuperação dos valores básicos da vida no interior (e coração) do país. Ocasionalmente esta perspectiva mostra-se otimista demais, mas os álbuns do ataque de Mellencamp são sem dúvida dentre (como Ronald Reagan em "Gentleman's Song"). No mais ele prossegue cultivando uma sonoridade baseada para o pop, com destaque acordeão e banjos. *L.C.R*

CHANGE — The Alarm (IRS EMI-Odeon)

O Alarm sempre foi marcado por um traço de oportunismo, emulando, em início de carreira, o pique do Clash, e sucumbindo mais recentemente à síndrome do U2. A despeito da capacidade de compor boas canções, a solenidade que já era irritante na banda irlandesa, assumida sem muito critério por este quarteto ga

AT LAST — Lou Rawls (Blue Note-EMI-Odeon)

Aos 22 anos, ele já excursionava com Sam Cooke (que mais tarde cuidaria de seus contratos e com quem gravara em dueto "Bring It on Home to Me") tendo ao longo de três décadas desenvolvido um trabalho mais do que respeitável no blues, gospel e soul. Talvez seja pelo peso deste notável passado que *At Last*, de Lou Rawls (segundo o encarte, seu 58.º álbum), soe um tanto decepcionante. Com um time de convidados irregular, produção e arranjos por demais convencionais, a grande voz de Rawls quase naufraga no LP, tendo como tábuas de salvação o blues "Two Years of Torture" (de Percy Mayfield) e um clássico de Cooke — "That's Where It's At" —, cantado em dueto com Ray Charles. *C.P*

[illegible] — [illegible]

É natural esperar que o primeiro disco solo de um vocalista apresente um som semelhante ao de sua banda de origem. No caso de Ian McCulloch, porém, existe um agravante: a maioria das faixas deste *Candleland* parecem apenas rascunhos de composições do Echo & the Bunnymen que dificilmente ganharam espaço nos melhores LPs da banda. É o caso de "Faith and Healing", um interessante exercício de imaginação: o que aconteceria se o Echo tentasse imitar o New Order? Outro bom exemplo é "Horse's Head", uma reedição piorada de "Bring on the Dancing Horses". Ainda assim, o disco traz algumas boas canções, além de abrigar algumas das letras mais tocantes que Ian já escreveu. A produção irritantemente uniforme de Ray Shulman — responsável também pela maior parte dos instrumentos — não chega a sufocar com seus teclados e cordas as belas melodias de "I Know You Well", "Candleland" e "Proud to Fall" (um relato autobiográfico que soa como uma continuação de "The Game" do último LP do Echo).

Somente uma faixa consegue reeditar com sucesso as atmosferas densas que encantavam os fãs da banda de Liverpool. "Nada morre jamais", sussura Ian em "Start Again", que descreve as agruras de um reconeço. "Um dia" diz ele, "eu vou começar de novo. Eu me pergunto quando..." Que esse dia não demore muito. *M.A.C*

O CANTO DAS LAVADEIRAS — Martinho da Vila (CBS)

A melhor definição para este vigésimo primeiro álbum de Martinho da Vila poderia ser considerada a dele próprio, estampada na contracapa: "É uma loucura fina com forte gosto de samba, cheirinho de salsa e com sabor apimentado de semba. Este nosso novo som é pra balançar os corpos dos sobrinhos, acordar as jaguatiricas que estão dentro das galinhas e agitar as tetas de sangue quente. É mesmo pra dançar". Dito e feito.

Seria uma tarefa quase impossível resistir ao charme e ao balanço deste *O Canto das Lavadeiras*. Martinho, sem renegar sua origem carioca nos terreiros e sambas-enredo de Vila Isabel, conseguiu provar de forma plena sua afinidade com os mais diversos rumos da música brasileira, extrapolando assim o mero rótulo de "sambista". Ou como ele mesmo cantou na faixa de abertura: "Pelos caminhos do som / vamos viajar / nas asas da Poesia / dos vários Brasis". Dessa maneira, o som de Martinho prosseguiu esquadrinhando o folclore capixaba ("Madalena do Jucu", "Congos do Espírito Santo"), mineiro ("Congada de Minas Gerais") e sergipano ("Bacamartes do Sergipe"), além de ter resgatado autores de Goiás ("Forrobodó", de Wanda de Almeida), Santa Catarina ("Meu Boi Vadiou", de Alossou A. Motta) e Bahia ("Divino Santo Antonio", de Roque Ferreira). Uma "maravilha de cenário".

Nessa jornada, Martinho não esteve sozinho, contando com as preciosas colaborações de seu parceiro/arranjador/produtor de longa data — Rildo Hora — e também de um excepcional time de músicos e ritmistas (sem esquecer a valiosa participação do "Coral das Lavadeiras" em todas as doze faixas do disco). E também não deixou de lado o sotaque malandro de seu samba, tão bem representado em faixas como "Dancei" e "Beija, Me Beija, Me Beija".

Foi dessa mistura que se originou a força do "novo som" de Martinho, embasada em suas grandes interpretações (com um timbre vocal mais grave e seguro) e na inventividade dos arranjos de Rildo. Um som que delineou um verdadeiro mapa musical do Brasil (via África), marando-se no interior do país para conseguir um resultado absolutamente universal, capaz de deixar David Byrne encabulado. *Celso Pucci*

JANET JACKSON'S RHYTHM NATION 1814 — Janet Jackson (A&M-PolyGram)

A família Jackson parece sofrer de uma forma benigna de alucinação coletiva, na qual eles todos são pessoas especiais, escolhidas por alguma inteligência superior para cobrir nosso mundo conturbado de amor, paz e energias positivas. Como eles exercem este apostolado? Por sua mera existência na face da Terra — cantando, dançando. Este é o mito recorrente nos álbuns e vídeos da estrela máxima da família — Michael — e como não poderia deixar de ser, da irmãzinha caçula Janet, em seu segundo álbum. Do título ("Nação do Ritmo" — ao "juramento" que abre o LP ("somos uma nação sem fronteiras geográficas"), quase todas as faixas trazem Janet pregando concórdia, ordem e progresso (felizmente de maneira altamente dançável — ao estilo Jackson, com pausas para tarozposas baladas de amor. *A.M.B*

MAGNUM CUM LOUDER — Hoodoo Gurus (RCA/BMG-Ariola)

Atualmente radicado na Califórnia, o grupo australiano Hoodoo Gurus chega (tardiamente) ao Brasil através de seu quarto LP, que traz um suculento extrato de tendências dos anos 60 notadamente o *sense beat* e o rock de garagem. A novidade fica por conta da saída do baixista original, Clyde Bramley (substituído por Rick Grossman). Isso em nada prejudicou o pique dos Gurus, que brilham especialmente no hard rock psicodélico "Hallucination", no reverencial power-pop "Come Anyone" e no bem-humorado rock'n'roll "Where's My Hit". Este último com direito a citação da melodia de "Lost Woman", dos Yardbirds. *A.G.C.D*

DR. FEELGOOD — Mötley Crüe (Elektra/WEA)

Uma surpresa este disco do Mötley Crüe, pois com ele o grupo prova que apesar das poses e algumas frescuras que sempre cercaram a sua imagem, é capaz de fazer um convincente hard rock, com peso, entrosamento instrumental e bons arranjos, coisas que faltavam em seus LPs anteriores. O guitarrista Mars e o baterista T. Lee demonstram toda sua competência e são os responsáveis pelos momentos mais criativos do álbum, em faixas como "TNT/Dr. Feelgood", "Rattlesnake Shake" e "Kick Start My Heart". Se antes o Mötley Crüe era apenas mais um grupo heavy, agora com certeza já caminha para ser algo mais. *L.R*

THE ROUGH TRADE SUMMER COLLECTION 1990 — Various (Rough Trade/Stiletto)

Uma especial atenção deve ser dada a esta coletânea de criação nacional (tanto na escolha do repertório como na execução da capa), que traz uma significativa mostra do *underground* da afamada gravadora *indie*, nos dois lados do Atlântico. Pelas plagas americanas, temos como maior destaque a estréia (mais do que detalhada no Brasil) de Pere Ubu (antológico grupo de Cleveland, formado em [illegible], com uma gravação ao vivo de "Ubu Dance Party". Mas também estão presentes outras boas tendências (como o original country rock do Sealed American (na instrumental "Cup of Coffee") e do duo Miracle Legion ("Ladies from Town"), a neo-psicodelia do Opal ("Empty Box Blues") e até a voz da veterana baladeira Sandie Shaw (que foi resgatada por Morrissey em 84, com uma regravação de "Hand in Glove") interpretando "A Girl Called Johnny". Do lado britânico, vale ressaltar ainda, "Love from Outer Space", uma das faixas do novo álbum do AR Kane, a bela balada country de Craig Davies ("Chrome Sweet Chrome"), o interessante resultado obtido pelo duo Shelleyan Orphan ao misturar instrumentos eletrônicos com violinos e oboé ("Shatter"), além das faixas de duas bandas de Manchester: James ("Sit Down") e Easterhouse ("Redbird"). É bom verão [illegible] *C.P*

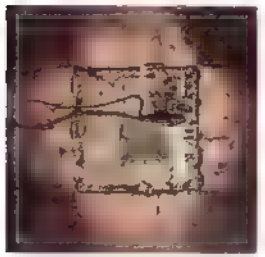
Neste mês começaremos pelo rock mais pesado, que vem sendo lançado no Brasil em profusão. Senão, vejamos: os aprecadores do *black metal* desamparados pelo Black Sabbath e Ozzy têm no dinamarquês **King Diamond** um digno representante da classe, e o LP **CONSPIRACY** (Roadrunner/Eldorado) é um trabalho conceitual que dá sequência ao disco anterior (*Them*, ainda inédito por aqui). Já **CROSSOVER** (Roadrunner/Eldorado) é o segundo álbum do **D.R.I.** a merecer uma edição nacional, trazendo um violento e agressivo punk thrash na linha do Napalm Death. Enquanto isso, o veterano tio **Alice Cooper** muda de coisa e comemora os vinte anos de carreira com seu vigésimo LP, **TRASH** (Epic/CBS), em que continua insistindo em seu circo de horrores (agora com participações de gente do Aerosmith, Toto e até Bon Jovi). Apesar de algumas guitarras marcantes, o título do álbum não poderia ser mais adequado. O marasmo prossegue através do LP **DIRTY ROTTEN FILTHY STINKING RICH** (CBS), do quinteto *poseur* americano **Warrant**. Tudo muito de acordo com sua imagem, mas sem trazer qualquer novidade para o gênero. E o famigerado clone do Led Zeppelin, o **Kingdom Come**, está de volta com seu segundo álbum — **IN YOUR FACE** (Polydor/PolyGram) —, em que mantém a mesma linha do primeiro (no certo, com o intuito de vender outro milhão de cópias). Não se engane, prefira o original. **M**udando de área, lemos o LP **NUDE** (Epic/CBS), com o pop banal do andrógino **Dead or Alive**, um disco que apresenta de mais interessante a sua capa, na qual o vocalista Pete Burns posa como uma mistura de São Sebastião e Eva no Paraíso, só faltando as flechas e a maçã. Do pop inglês também vem o sexteto **Deacon Blue** com o LP **WHEN THE WORLD KNOWS YOUR NAME** (CBS), excetuando-se alguns bons momentos da vocalista Lorraine McIntosh, um disco perfeitamente dispensável e marcado pelo mesmice. **N**a seção dos que persistem e não desistem, temos de novo a presença de **Elton John**, cujo título de seu último trabalho, **SLEEPING WITH THE PAST** (Rocket/PolyGram), poderia servir de aviso para ele mesmo, apesar de ser dedicado ao seu "eterno parceiro" Bernie Taupin. De deixar saudade do antiga inspiração da dupla. Outros que não tomam "simancol" são os integrantes do **Starship** (agora comandados pelo guitarrista Craig Chaquico). O álbum **LOVE AMONG THE CANNIBALS** (RCA/BMG-Ariola) prova que o grupo não tem quase mais nada a dizer (ainda mais com a volta do Jefferson Airplane). **P**or fim, chegamos à área nacional, de onde surgem dois surpreendentes compactos simples independentes: um é o *thrash metal* do grupo mineiro **Chacal** em **LIVING WITH THE PIGS** (Cogumelo) e o outro — **MEIOS,** (Pumada Ypranada) — traz o rock inteligente do grupo gaúcho **Colarinhos Caóticos** (ver *Conexão Brasil* desta edição). **E** para deleite dos fãs de **Maria Bethânia** foi lançada a coletânea **VERDADES E MENTIRAS** (RCA/BMG-Ariola), com temas que se tornaram marcas registradas na voz da cantora baiana.

GRAVADORAS INDEPENDENTES

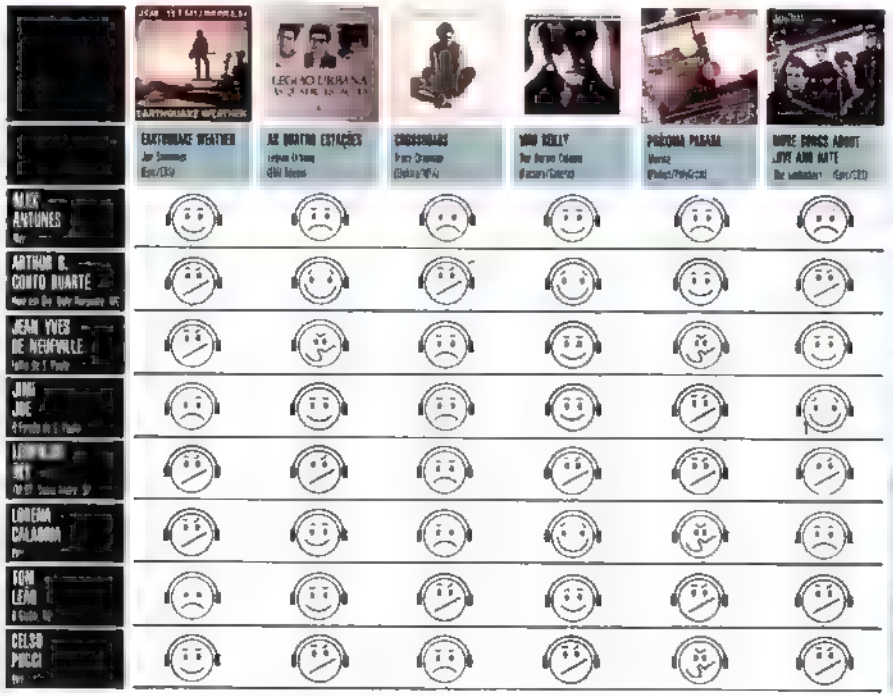
Se você acha o surf uma aventura, espere até ouvir esta história. Uma história de coragem, de ação, de emoção e de pioneirismo. É a "História do surf no Brasil", o livro que a Fluir está lançando, são 200 páginas contando tudo sobre as ondas que rolaram nos últimos 50 anos, fazendo do surf o esporte dos anos 90. Entre nesta barca. A história do Surf no Brasil. Em breve nas bancas.

COMPACT DISC

Em se tratando de CDs, os *zeppelinmaniacos* têm motivos de sobra para se rejubilar. Depois da edição no ano passado da trilha sonora do filme ao vivo da banda, agora estão sendo lançados nada menos que os seus outros oito álbuns de estúdio — **LED ZEPPELIN I, II, III, (SEM TÍTULO), HOUSES OF THE HOLY** (todos selo Atlantic/WEA), **PHYSICAL GRAFFITI, PRESENCE, IN THROUGH THE OUT DOOR** e a coletânea póstuma **CODA** (estes quatro últimos selo Swan Song/WEA). Mesmo em *compact disc* "a canção permanece a mesma". Mas não é só, por sua vez, a gravadora Stiletto editou seu primeiro pacote de CDs, que além de contar com os álbuns **FRONT BY FRONT** do **Front 242** e **VINI REILLY** do **Durutti Column** (selos RRE e Factory, respectivamente, ambos já existentes em vinil), traz também três exclusividades, os lançamentos apenas em *compact disc* de **MUSIC FOR FILMS VOL. 3,** de **Brian Eno** (selo EG), **BETWEEN TIDES,** de seu irmão **Roger Eno** e **THE WHITE ARCADES,** de **Harold Budd** (ambos do selo Lovely). Três álbuns de música instrumental e ambiental que não merecem a rasteira classificação de *new age*. No mais é digno de registro o lançamento de **ARENA** (Parlophone/EMI-Odeon), o álbum que traz a trilha do filme homônimo do **Duran Duran**, além de uma faixa de estúdio, produzida por Nile Rodgers ("The Wild Boys").



BOLSA DE DISCOS



NEWROCK

PREÇOS
MALHA COMUM NCz$ 300,00
MALHA ESPECIAL NCz$ 330,00

LANÇAMENTOS EXCLUSIVOS!
NOVA COR!
ESTAMPAS EM QUADRICROMIA.

TAM. P, M e G

FONE (011) 280-2952

*CONDIÇÕES ESPECIAIS PARA REVENDEDORES.

ATENÇÃO! A CAMISETA NA COR CINZA ESTA DISPONÍVEL SOMENTE NA MALHA ESPECIAL. NEWROCK camisetas.

COMO COMPRAR (Leia com atenção)

SEDEX A PAGAR. VOCÊ SÓ PAGA AO RETIRAR A ENCOMENDA NO CORREIO DE SUA CIDADE, O TEMPO DE ENTREGA É DE 48 HORAS APÓS A POSTAGEM. OS PREÇOS VARIAM DE 20,00 A 200,00 CRUZADOS, DEPENDENDO DO PESO E DA LOCALIDADE.

IMPORTANTE: SÓ ENVIAREMOS SUA ENCOMENDA PELO SEDEX, SE A TAXA MÍNIMA DE 80,00 CRUZADOS FOR ANTECIPADAMENTE PAGA. CASO CONTRÁRIO, ENVIAREMOS SEU PEDIDO COMO ENCOMENDA SIMPLES.

ENCOMENDA SIMPLES. VOCÊ SÓ PAGA AO RETIRAR A ENCOMENDA NO CORREIO DE SUA CIDADE. O PRAZO DE ENTREGA É DE 15 A 25 DIAS.

NEWROCK RUA CAPOTE VALENTE, 540/21 05409 SÃO PAULO S.P. FONE (011) 280-2952

PREFIRO COMPRAR DA SEGUINTE MANEIRA:
( ) SEDEX (URGENTE) ( ) ENCOMENDA SIMPLES
TIPO DE MALHA: ( ) COMUM ( ) ESPECIAL
TOTAL DA COMPRA

REF | COR | TAM | REF | COR | TAM

NOME FONE
END. Nº
CIDADE EST.

PREÇOS VALIDOS ATÉ 28/02/90

Mesmo somando cinco anos de atividade, o **Tackhead** permanece sendo um dos mais bem guardados segredos do planeta. Instável por natureza, o grupo atualmente consiste do mixologista, *expert* em produção e criador do selo On-U Sound, Adrian Sherwood, do cantor Bernard Fowler (ex-The Peech Boys) e do power-trio que sedimentou as bases do rap no selo Sugar Hill: Skip McDonald (guitarra), Doug Wimbish (baixo) e Keith LeBlanc (bateria). À exceção de Fowler, o grupo já havia se reunido nos LPs *Major Malfunction* (86), creditado a Keith LeBlanc, e *Tackhead Tape Time* (87), gravado junto com o rapper britânico Gary Clail. Tendo seu Q.G. num suburbio de Londres, só agora chegaram ao seu primeiro LP, **FRIENDLY AS A HAND GRENADE** (World). Uma furiosa bricolagem de *dub*, funk pesado, heavy metal, *ska* e ruídos, amarrada por um discurso político radical e contestador.

Excêntricos veteranos do underground californiano, **The Residents** continuam fazendo jus à fama de geniais com o seu novo LP, **THE KING AND I** (Torso), em que homenageiam/parodiam nada mais nada menos que Elvis Aaron Presley, ícone-mor do rock'n'roll. Ao todo, são dezesseis releituras impossíveis para hits do "Rei", entremeadas estrategicamente por uma irônica historieta (narrada em cinco partes) chamada "The Baby King".

O Sound foi, sem dúvida a banda inglesa mais injustiçada da classe de 80, amargando o anonimato apesar de poder ser comparado, às vezes com vantagem, a contemporâneos como o Echo & the Bunnymen e o Cure. Depois de discos brilhantes como *Jeopardy* e *Shock of Daylight*, ou apenas ótimos, como *From the Lions Mouth* e *All Fall Down*, o grupo amargou um melancólico final em 87. Mas o líder, vocalista e guitarrista **Adrian Borland** está de volta, acompanhado de uma nova banda, **The Citizens**, em **ALEXANDRIA** (Play It Again Sam). Os tempos são outros, a um som que tinha herdado da new wave os tecidos ostensivos, Borland contrapõe um enfoque mais suave, usando até um quarteto de cordas. Mas seu pop pessoal fluente continua o mesmo.

A neo-psicodelia se constituiu como um dos mais relevantes movimentos musicais britânicos de 89. Ao lado do Spaceman 3, Loop, The Hypnotics, Happy Mondays e tantos outros, o quinteto **The Telescopes** é um de seus mais inspirados expoentes e estreia com o LP **TASTE** (What Goes On). Sua sonoridade é embasada em cáusticas atmosferas de guitarras que formam uma verdadeira *wall of sound*, obsessiva e raivosa.

A gravadora 4AD, após o sucesso dos Pixies e Throwing Muses, resolveu modificar suas diretrizes. Com a aquisição do **Lush**, que debutou com o mini-LP **SCAR**, ela inaugurou uma nova estrada rumo ao exotismo. Guitarras cortantes, bases trêmulas, vocais frios e imersos em algum recanto secreto fazem as bases de um som mais uma vez inovador dentro do pop inglês.

RECEBA PELO CORREIO
AGORA SIM!
ENTREGA URGENTE
SEDEX À COBRAR
PAGUE AO RETIRAR
Stomp
CAMISETAS BLUSÕES JAQUETAS
100% ALGODÃO
TAMANHOS P.M.G.
JAQUETAS DE MOLETON
COSTAS
BLUSÃO DE MOLETON
GREEN
R. E. M.
CAMISETAS
Você receberá um aviso do Correio para retirar seu pedido na agência mais próxima de sua casa num prazo de cinco dias, sendo a encomenda será devolvida
O pagamento da encomenda mais a despesa postal será efetuado no Correio
O preço do Sedex varia de acordo com o peso da encomenda e localidade
O pedido será entregue num prazo de 24 a 48 horas após nossa postagem
Todas os estampas estão disponíveis nos quatro modelos. Manga Curta (MC), Manga Longa (ML), Blusão (MT) e Joqueta (JQ)
PREÇO ESPECIAL PARA REVENDEDORES
MANGA CURTA (MC) NCz$ 830,00
MANGA LONGA (ML) NCz$ 870,00
BLUSÃO (MT) NCz$ 960,00
JAQUETA (JQ) NCz$ 1.050,00
Desejo receber o seguinte encomenda no valor de NCz$ mais despesas postais
Ref | Cor | Tam | Mod
Nome
End.
Cep Cid Est
Envie este cupom ou cópia p/Stomp Rua Emb. João Neves de Fontoura 136 Cep 04013 São Paulo SP
(011) 299 7479
HORÁRIO 2ª A 6ª DAS 8:00 ÀS 17:30 HS

LETRAS

IAN McCULLOCH

PROUD TO FALL

IAN McCULLOCH

Here you come again, acting like a saviour
there you go again, talking like a stranger

You said we all must learn to face
what we're becoming
and then I saw you in the distance
off and running

But from start to finish, I was proud to fall
and I fell so deep within it
I got lost inside it all
inside it all...

Looks like rain again, feel like it's rained forever
can't remember when, can't remember whether
I ever really told you who I was
it must have been because...
because...

From start to finish, I was proud to fall
and I fell so deep within it
I got lost inside it all
inside it all...

I fell between the bruises and the red curtain call
I prayed you'd light the fuses
and we'd burn and torch it all
long days journey into
long nights journey out
knee deep so deep within you
I kept and keep without

You said we all must learn to face
what we're becoming
and then I saw you in the mirror
off and running

But from start to finish...

ORGULHOSO EM CAIR

Ai vem você de novo, agindo como um salvador
lá vai você de novo, conversando como um estranho

Você disse que tínhamos todos de aprender a encarar
o que estamos nos tornando
e então te vi a distância
caindo fora, correndo

Mas do começo até o fim, eu tive orgulho em cair
e cai tão fundo dentro disso
que me perdi dentro de tudo
dentro de tudo...

Parece que vai chover de novo, a sensação é de que desde sempre tem chov
não consigo lembrar quando, não consigo lembrar si
alguma vez te contei quem eu era, ou não
deve ter sido porque...
porque...

Do começo até o fim, eu tive orgulho em cair
e cai tão fundo dentro disso
que me perdi dentro de tudo
dentro de tudo...

Caí entre as feridas e a descida da cortina vermelha
rezei para que você acendesse os fusíveis
e nos queimássemos e incendiássemos tudo
jornada de longos dias para dentro
jornada de longas noites para fora
afundado até os joelhos, tão fundo dentro de você
me mantive e mantenho sem

Você disse que tínhamos todos de aprender a encarar
o que estamos nos tornando
e então te vi no espelho,
caindo fora, correndo

Mas do começo até o fim...

© Warner Chappell Music Ltd. (Direitos cedidos para o Brasil a Warner Chappell Edições Musicais Ltda.)

GUARDE SUAS FITAS

PORTA FITAS

MONTAG (011) 885-7045

CARTAS

DESABAFO DURANIE

Em algum dia do ano de 1978, nasce na velha Inglaterra o grupo que seria responsável por parte do grande mercado da música pop, o Duran Duran... Uma banda que lançou o rock dançante, o som dos anos 80.

"Música é uma coisa divertida. Se em algum momento nossa mensagem não foi clara, é porque estávamos confusos e inseguros sobre o que queríamos dizer." (Simon Le Bon)

(...) Existe um elo perdido entre as suas músicas e a vida real. (...) Sentir é criar. É desse terreno que sai a música do Duran Duran. Eles criam exatamente o que sentem. Disso nascem as letras de suas músicas. Eles são, em regra geral, de tal modo acomodados e manipulados que não percebem suas possibilidades de decisão. Por isso, procuramos ansiosamente as regras e leis exteriores. (...) Há neles uma falsa sensação de Deus, mas são homens de cabeças vazias. Eles sentem no fundo do coração uma angústia e uma inveja de quem está fora desta sujeira. (...)

O Duran Duran é um grupo que precisa sair do seu comodismo e de uma sensação falsa de estar bem consigo mesmo só porque não faz nada para prejudicar ninguém. Eles vivem num mundo de fantasia, pois nunca precisaram lutar para conseguir o que queriam: as coisas simplesmente aconteceram. Em suas entrevistas, há uma contínua fuga do tema em discussão... Ninguém escuta ninguém, a não ser para rebater. Eles são músicos e falam que a música tem que ser neutra e não pode ajudar ninguém. E o mundo continua como um lugar onde muitas pessoas sofrem barbaridades nas mãos de poucos, mas, no íntimo, não é isso o que eles sentem.

Compreender o que eles pensam é discordar deles; compreender o que eles sentem é ser eles. O cérebro deles funciona igual a um tocadiscos estragado. A agulha não sai do lugar e o disco repete sempre a mesma coisa: "alienação". (...) Simon Le Bon, o escritor de 99% das letras do grupo, é um magnífico poeta, porém é tão tolo quanto um bêbado que vive em meio a um nevoeiro, sem ver nem julgar claramente coisa alguma. Quem eram eles quando começaram, há nove anos? Quem são eles agora?

(...) O Duran Duran está mergulhado numa infância prolongada — são crianças velhas. Crianças de olhos fechados para o novo; incapazes de alimentar a reduzida informação que recebem com a curiosidade própria da infância. O Duran Duran só faz abrir a boca para ingerir o que já vem pronto, o novo encaixotado. Estão programados para ser ótimos executantes, e não desenvolver a capacidade de reflexão. É melhor não pensar. Essas crianças velhas são indiferentes a tudo. Não têm idéia da miséria do mundo. Não se interessam por política e não têm noção do bem e do mal... Desconhecem o senso comum. Não se sentem filhos de uma mesma nação, não lutam para ajudar nem para discordar.

O Duran Duran é diferente dos outros grupos. A perda da autonomia deles corresponde ao ganho da ilusão. Nunca lutaram por nada, e criticam quem o faz. Não escolhem, não experimentam, não inventam. Apenas aceitam. O Duran Duran não tem surpresa. O que eles passam aos jovens de hoje é um trabalho de necrotério, a mutilação de uma estrutura morta. Incapazes de lidar com a realidade de uma forma global, recorrem aos velhos modelos de comportamento. (...) São tradicionalistas, amedrontados e tontos. Eles fingem ainda ser alguém. Agarram-se com força a alguma significação. Eles tomam ares importantes, mas conhecem no íntimo do coração a tristeza, a dúvida... Será que eles não se cansam das polêmicas, dos exclusivismos, dos fanatismos?! Será que não se cansam de sempre vestir um uniforme, renunciar a coisas de suas pátrias interiores, se desculpar, pedir, provar, acima de suas palavras insensatas, que podem enganar a todos. Eles são simplesmente homens!

O trágico é observarmos que a moda domina o íntimo do homem (como deve ter acontecido com eles). Falam o que é moda falar, lêem o que é moda ler, sentem o que é moda sentir, procedem como é moda proceder, vivem como é moda viver. Tornam-se inteiramente escravos da onda com a pretensão e a ilusão de serem livres. Mas saiba que a grandeza e a riqueza de um homem não estão no ambiente que o cerca nem no lugar que ocupa, e sim na sua alma, na nobreza de sentimentos, na riqueza de idéias, na sua capacidade de reflexão e na sua maneira de agir.

(...) Assim, os três integrantes do Duran Duran, como podemos ver com nossos próprios olhos, padecem de um destino realmente trágico. Lutam com grande sinceridade pela clareza e pela independência interior, mas servem a um mundo hipócrita e manipulador. Possuem plena consciência da destruição universal, compreendem que a humanidade pode ser ajudada através da política de conscientização, que ajudaria a eliminar os métodos da força bruta. No entanto, aceitam a escravidão que a sociedade impõe, como se fosse um destino inevitável.

(...) Há neles angústias excessivamente grandes, mágoas demasiadamente profundas e êxtases infinitamente altos. O corpo deles é inferior em demasia para sentir o infinito de suas tristezas e de suas alegrias. Eles são jovens e robustos, a carne e o sangue quentes, clamam por seus direitos dentro de si. Não haverá nenhuma escapatória para eles? Têm realmente de tolerar e padecer todas essas coisas? Terão passado para sempre os tempos em que, guiado por sua liberdade interior e independência de seu pensamento e de seu trabalho, o músico tinha a possibilidade de iluminar e enriquecer a vida de seus semelhantes? Não terão eles esquecido suas responsabilidades e dignidades?

(...) Pedimos a você que os ajude. Trata-se de socorrê-los, de fazer com que sejam livres na terra onde possuem total direito de desenvolver suas raízes. Eles certamente têm muito a ensinar. Nós aprendemos muito com eles, só que, infelizmente, mais com seus erros do que com seus acertos.

Cry Freedom, São Paulo — SP

FÃS-CLUBES

A-ha *The Sun Always Shines On "Bredy" The Lion A-ha Fan Club* r. 220, Qd. 75, lote 03, CEP 74000, Goiânia — GO

A-ha *The Swing of A-ha Fan Club* A/C Tâmara, r. Oito, 380, CEP 79570, Aparecida do Taboado — MG

Arnaldo Baptista *Fanzine Rock'n'Roll Music* Caixa Postal 02/0168, CEP 70001, Brasília — DF

Cascavelettes *Cascarock Clube* r. Bento Gonçalves, 2870, CEP 95020, Caxias do Sul — RS

Cyndi Lauper *Fan Club Cyndi Lauper You'll Never Forget Her* A/C Rogério, av. Itaberaba, 1848, CEP 02734, São Paulo — SP

Debbie Gibson *Debbie Gibson Brazilian Fan Club* A/C Elvis Kobashikawa, r. Dr. Pedrosa, 297/185, CEP 80420, Curitiba — PR

Duran Duran *A Matter of Feeling Duran Duran Fã-clube*, r. Raimundo Vítor, 479, CEP 60000, Fortaleza — CE

Engenheiros do Hawaii *Fã-clube Engenheiros do Hawaii Infinita Highway* A/C Júnior, Pça. Roosevelt, 168, apto. 224, CEP 01303, São Paulo — SP

Engenheiros do Hawaii *Highway Engenheiros do Hawaii Fã-clube* A/C Billy, r. Júlio Ferraz, 200, CEP 31270, Belo Horizonte — MG

Information Society *Fã-clube Information Society*, r. São José, 216, CEP 13470, Americana — SP

JC Arquivo Todos os fãs-clubes em um. Caixa Postal, 22125, CEP 01499, São Paulo — SP

Jean-Michel Jarre / Kraftwerk *Jarrekraft & Cia.* r. Miguel Stefano, 414, CEP 48100, Alagoinhas — BA

Led Zeppelin *Swan Song Fã-clube* A/C Moisés Pochmann, r. Maurício Cardoso, s/n, CEP 95940, Arroio do Meio — RS

Milton Nascimento *Fã-clube de Milton Nascimento* A/C Adalberto P.V. Filho, Caixa Postal 213, CEP 58000, João Pessoa — PB

Paulo Pagni *Fã-clube P.A. — Paulo Pagni* A/C Nazira da Costa, Caixa Postal 0383, CEP 01051, São Paulo — SP

Smiths *Tendências Alternativas* A/C Márcio, Caixa Postal 53870, CEP 08250, São Paulo — SP

Smiths *The Smiths Isn't Dead*, r. Cap. Floramante, 145, CEP 11920, São Paulo — SP

Titãs *Diversão Fã-clube*, r. Maria Carneiro, 385 b, CEP 37500, Itajubá — MG

Titãs *Igreja Titânica*, r. Major Alberto Silva, 342, CEP 25660, Petrópolis — RJ

U2 *U2 — The Unforgettable Fire*, r. Crispim do Amaral, 148, CEP 05202, São Paulo — SP

MERCADO PARALELO

Vendo BIZZ números 11 a 22, 24 a 26, 28 a 31, 33 a 38 e 40 mais *HEAVY* números 15-B e 19-A. **Marcos Rogério Picco, r. João Ventura Batista, 90, CEP 02054, São Paulo — SP**

Compro *Revista-Poster* 23-P (A-ha) e BIZZ número 21. **Luciana Lauren Saldanha, r. Cel. Rodovalho, 235, CEP 03632, São Paulo — SP**

Compro edições de BIZZ números 14 e 21 (contendo o suplemento especial da turnê do Cure no Brasil), em bom estado. **Alessandro Costa, r. Popular, 135, CEP 31230, Belo Horizonte — MG**

Troco poster 23-P (A-ha) pelo poster do The Smiths da revista *Som Três*. **Élen Gonçalves, r. Francisco da Silva Santos, 85, apto. 11, CEP 11370, São Vicente — SP**

Compro as edições de BIZZ números 0, 1, 2 e 7 e vendo *Ídolos do Rock* 20-B, *Letras Traduzidas* 36-L, *Revista-Poster* Duran Duran, Sting, Cure, A-ha e U2. Tenho à disposição vasto material sobre o RPM. **Denise Serra Michelotti, pça. Pinheiro da Cunha, 339, CEP 04275, São Paulo — SP**

Compro *Revista-Poster* 34-P (Titãs) e 21-B (Duran Duran) e também material sobre Paulo Miklos, Charles Gavin ou qualquer outro titã. **Cláudia C. Farias, r. da Paz, 25-B, CEP 41600, Salvador — BA**

AVISO AOS ASSINANTES

Se você necessita de alguma informação sobre sua assinatura, escreva para Editora Azul - Depto. de Assinaturas, Rua do Curtume, 769, Lapa, CEP 05065, São Paulo, SP.

Ou, se preferir, utilize estes telefones:

São Paulo - Tel. (011) 823-9222
Das 8h às 18h

Rio de Janeiro - Tel. (021) 295-5544
Das 8h às 18h

Recife - Tel. (081) 224-0655
Das 8h30 às 12h30 e das 14h às 18h

Salvador - Tel. (071) 247-1022
Das 8h às 12h e das 14h às 18h

Belo Horizonte - Tel. (031) 275-2255
Das 8h30 às 12h e das 13h30 às 18h

Porto Alegre Tel. (0512) 33-9034
Das 8h30 às 12h e das 14h às 18h30

Brasília - Tel. (061) 226-6963
Das 8h30 às 12h e das 13h30 às 18h

Curitiba - Tel. (041) 263-3013
Das 8h30 às 12h e das 14h às 18h30

Florianópolis - Tel. (0482) 23-7598
Das 9h às 12h e das 14h às 18h

Se você mudou de endereço, preencha o pedido de alteração abaixo. Através dele você pode alterar de uma única vez o endereço de todas as revistas que assina. Coloque-o num envelope e envie-o para:

Editora Azul
Departamento de Assinaturas
Rua do Curtume, 769, Lapa,
CEP 05056, São Paulo, SP.

Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 3 semanas após recebermos o seu pedido.

PEDIDO DE ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO.
Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior ou escreva seu nome e seu código de assinante.

Nome _____
Código de assinante _____
Atenção: você encontra seu código de assinante na etiqueta de endereçamento de suas revistas.

Novo endereço _____ CEP _____
Bairro _____ Estado _____ Telefone _____
Cidade _____
Revistas que você quer receber neste novo endereço:

DISCOTECA BÁSICA

DR. FEELGOOD

MALPRACTICE (1975)

Uma das maiores causas do impacto do punk rock residia na relação de igual para igual entre os grupos e suas platéias: uma suarenta comunhão em algum *pub* enfumaçado, que se opunha frontalmente à frieza burocrática da maioria dos concertos em grandes arenas. Pois esta postura inovadora teve sua origem ainda no início dos anos 70, paradoxalmente dentro de uma corrente dita "revivalista" — o *pub rock* britânico. Eram bandas que tomavam como profissão de fé o rhythm'n'blues das décadas de 50 e 60, com fama restrita apenas aos hares especializados no estilo, mas que arrastavam um público fiel e cada vez mais volumoso aos locais onde se apresentavam. Nesta tradição inscreveram-se grupos como o de Brinsley Schwarz (do qual participava Nick Lowe), Ducks Deluxe, Dave Edmunds, Graham Parker e, de modo especial, o Dr. Feelgood.

Formado em 1971 pelo cantor/gaitista Lee Brilleaux, o guitarrista Wilko Johnson e o baixista John B. Sparks — os três egressos do circuito local de Canvey Island — junto ao baterista John "The Big Figure" Martin, o grupo logo começou a causar sensação, não só pelas endiabradas performances de Lee e Wilko ao vivo mas também devido ao próprio repertório escolhido: uma seleção de clássicos do r&b, assinados por nomes como Willie Dixon, John Lee Hooker, Chuck Berry e Bo Diddley entre outros, além de músicas próprias (na maioria, compostas por Wilko).

Este reconhecimento do público teve, porém, que esperar três longos anos para ser partilhado por uma gravadora. Apenas no fim de 74 o grupo conseguiu um contrato, lançando seu álbum de estréia — *Down by the Jetty* — no início do ano seguinte. Deliberadamente gravado em mono e com quase todas as canções registradas em um só *take*, o disco era um retrato fiel da rudeza do som do quarteto e firmou definitivamente a reputação de Wilko enquanto guitarrista (recebendo elogios rasgados de Pete Townshend e até sendo cogitado para substituir Mick Taylor nos Stones).

Ainda em 75 o Dr. Feelgood lançou o seu segundo álbum, *Malpractice* (termo usado para designar imperícia médica). O LP trazia depurada a energia em estado bruto de seu antecessor, com maior esmero na produção, mas mantendo o mesmo despojamento em suas onze faixas (sem *dubs*). A técnica *sui generis* de execução de Wilko — com seus riffs e solos secos, tocados com os dedos da mão direita em vez da palheta — mostrava-se mais inspirada do que nunca, bem como suas composições. Canções como "Back in the Night", "Going Back Home" (esta em parceria com Mick Green), "Don't Let Your Daddy Know" e "You Shouldn't Call the Doctor (If You Can't Afford the Bills)" transpiravam o mais puro r&b e formavam um conjunto imbatível junto às sensacionais covers de "I Can Tell" (Bo Diddley), "Rolling and Tumbling" (Muddy Waters), "Don't You Just Know It" (Huey "Piano" Smith) e "Riot in Cell Block N.º 9" (Leiber/Stoller). Um santo remédio que, como receitava a contracapa, devia "ser tomado dez vezes ao dia".

Em 77, depois de um disco ao vivo (*Stupidity*) e outro de estúdio (*Sneakin' Suspicion*), Wilko abandonaria o Dr. Feelgood, formando em seguida o efêmero Solid Senders e acompanhando os Blockheads de Ian Dury por um certo tempo, antes de voltar para o circuito dos *pubs*. Lee insistiria em carregar o nome do grupo (mesmo depois da saída de Sparks e "The Big Figure" em 82) com outros músicos, porém sem nunca conseguir repetir a fórmula mágica de *Malpractice*. Afinal, foi com este disco que o bisturi do Dr. Feelgood efetuou um corte profundo nas veias do rock'n'roll.

EDITORA AZUL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor de Grupo: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO
Editor-Chefe: Jose Augusto Lemos
Editores-Assistentes: Bia Abramo (Ao Vivo), Celso Pucci (Discos e Discoteca Básica), Marisa Adan Gil (Showbizz), Lorena Calabria (Rio de Janeiro)
Assistente de Redação: Celso Fenari Massari
Coordenação de Produção: Igor Ismael Assan
Atendimento ao Leitor: Lilian Cristina Viveiros
ARTE
Editora: Deise Silinas
Diagramação: Angelo Asson, Renato Yada
Arquivo e Pesquisa de Fotos: Cidval Heredia
Correspondentes: Jose Emilio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles), Arlamana G. de Lemos (Londres)
Colaboradores
Texto: Alex Antunes, Antonio Carlos Miguel, Ayrton Mugnaini Jr., Jose Roberto Mahr, Leopoldo Rey, Marcel Plasse, Thomas Pappon
Fotos: Fabiana Figueiredo, Gustavo E. Similarsky, Mariano Costea, Marcos Bonisson
Arte: Antonio Fernando Moura
Revisão de Texto: Thais Helena de Souza Juarez
Projeto Gráfico: OZ Desenho & Associados
Diretora Responsável: Lioge de Lima Dona Castelli

PUBLICIDADE
Diretor Corporativo: Carlos Alberto Avaus
SP - Diretor: Oswaldo Mattos Jr.
Contatos: Antonio Xavier de Aguiar, Armando Coronado Miola, Arthur de Oliveira Neto
RJ - Diretor: Maria Fernanda Jorge
Contatos: Eduardo Barros, Romualdo Ayres Costa

PRODUÇÃO GRÁFICA
Gerente: Elona K. Buriga
Coordenadora: Sandra C. Botelho

Representantes
Rio Grande do Sul e Santa Catarina
SR Ricardo Rosa Representacoes Ltda. Fone (0512) 23-9528
Porto Alegre - RS Centro-Oeste
Publicidade Comunicações & Negocios Ltda. Fone (0511) 223-6421 - Brasília - DF SP 2
Intermidia Repress. e Public. S.C. Ltda. Fones (016) 623-4262 623-4291 - Ribeirão Preto - SP

SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press - Gerente: Judith Baron. **Escritórios - Nova York:** Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, NY 10165. Phone: (001212) 557-5690/5983. Telex: 237670. Fax: (0012212) 983-0972. **Paris:** 33, rue de Miromesnil, 75008 Paris. Phone: (00331) 42.66.31.18. Telex: 660731 ABRILPA. Fax: (00331) 42661.399.
Departamento de Documentação - Dedoc - Gerente: Susana Camargo - av. Chavantes Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP. Telex: (011) 22115.
Serviços Fotográficos-Gerente: Pedro Martinelli

COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Meandez Gomes
Gerente de Produto: Jose Carlos Boldarini
Gerente de Circulação: Gilberto Fabbro Gil
Gerente de Promoções e Propaganda: A. Vasco Castro Barbosa

EDITORA AZUL
Diretores: Ana Maria Fadigas, Carlos C. Arruda, Pedro Frazão e Vera Helena Meandez Gomes

BIZZ, [illegible] **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência** [illegible] **Telegramas:** [illegible] **Rio de Janeiro:** [illegible] **Distribuidor em Portugal:** [illegible] **Assinatura anual:** [illegible] **Números atrasados:** [illegible]

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

Você está a alguns segundos de uma grande marca.

PROMASTER
THE WORLD'S MOST ADVANCED SPORTS WATCHES

Um Citizen autêntico tem este selo tridimensional.

CITIZEN
CITIZEN É UMA MARCA REGISTRADA DA CITIZEN WATCH CO. JAPAN

SÃO PAULO
Prensa Ensaga: R. Gal Marcondes Salgado, 24
F. 825 67 11

R. Albuquerque Lins, 775 F. 826 31 90
R. Maria Apolônia, 110 F. 820 17 19
R. Sete de Abril, 216 F. 826 43 86
R. Prates, 349 F. 229 45 53
R. Benjamin Constant, 41 F. 34 34 47
R. Alpinópolis, 339 F. 290 75 77
R. Tabajcá, 920 F. 820 06 01
R. Cunha Gago, 97 F. 210 15 52
Pça Silvio Romero, 233 F. 293 72 28

STO ANDRÉ
R. Senador Flaker, 171 F. 449 87 84

BAURU
Av. Duque de Caxias, 6-31 F. 24 37 36
Bauru Shopping Center

MARÍLIA
R. Prudente de Morais, 126 F. 22 51 07

ITAPETININGA
R. Campos Sales, 507 F. 71 19 04

IBIUNA
R. Cel Salvador R. Freitas, 245 - 1

CARAGUATATUBA
R. Altino Arantes, 845 F. 22 50 22

S. SEBASTIÃO
R. Guarda Mor Lobo Viana, 444 F. 22 50 22

BRASÍLIA
Com. Nacional Brasília L. 3053 F. 321 56 56

CAMPO GRANDE
R. José Antonio, 615 F. 382 58 64

FLORIANÓPOLIS
Centro Comercial ARS. 117 F. 23 30 57

CRICIÚMA
Shopping Della Giustina L. 47

CASCAVEL
R. Pde Champagnat, 88 F. 24 37 49

JUIZ DE FORA
R. Mister Moore, 70 L. 136 F. 213 22 79

LAVRAS
R. Benedito Valadares, 70 F. 821 21 69

RECIFE
R. Pde Bernardino Pessoa, 282 F. 326 04 61